

**FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
DIRETORIA DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL E INOVAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL**

ERIKA DE SOUZA SILVA

TERRITÓRIOS DE VIDA: PRÁTICAS PARA A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

RECIFE

2024

ERIKA DE SOUZA SILVA

TERRITÓRIOS DE VIDA: PRÁTICAS PARA A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional da Fundação Joaquim Nabuco, na modalidade Intervenção Pedagógica, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Sociologia.

Linha de Pesquisa: Práticas de ensino e conteúdo curriculares

Orientador(a): Dr. Pedro Castelo Branco Silveira

RECIFE

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Fundação Joaquim Nabuco - Biblioteca)

S586t Silva, Erika de Souza
Territórios de vida: práticas para a Sociologia no Ensino Médio / Erika de Souza
Silva - Recife: O Autor, 2024.
112 p.: il.

Orientador: Dr. Pedro Castelo Branco Silveira
Trabalho de conclusão de curso (Mestrado) – Programa de Mestrado Profissional de
Sociologia em Rede Nacional – ProfSocio, Fundação Joaquim Nabuco, Recife,
2024
Inclui bibliografia

1. Sociologia. 2. Antropologia 3. Educação, Ensino Médio. I. Silveira, Pe-
dro Castelo Branco, orient. II. Título

CDU: 316+572:37.046.14

FOLHA DE APROVAÇÃO

Erika de Souza Silva

Territórios de vida: práticas para a Sociologia no Ensino Médio

Trabalho aprovado em 19 de junho de 2024 em banca presencial.

BANCA EXAMINADORA COM PARTICIPAÇÃO PRESENCIAL

Dr. Pedro Castelo Branco Silveira

Orientador(a)/ Examinador Interno – ProfSocio/ Fundaj

Dr. Ana de Fátima Pereira de Sousa Abranches

Examinador Interno – ProfSocio/Fundaj

Dr. Edneida Rabelo Cavalcanti

Examinador Externo - Instituição

AGRADECIMENTOS

Ao agradecer o apoio, reconheço que a construção desse projeto apenas foi possível porque muitas pessoas participaram dessa caminhada.

Agradeço a Nossa Senhora da Conceição que me deu forças em momentos que eu acreditava que não tinha.

Ao meu marido Santiago da Cruz Pereira pelo carinho, paciência, apoio e sabedoria para entender a minha ausência durante o mestrado. Você faz parte dessa caminhada, obrigada por ser meu companheiro de vida, por acreditar nos meus sonhos e lutar comigo a favor deles.

Aos meus pais Márcia Ramos de Souza e Ademar Joaquim da Silva por terem me dado a vida e a força de ambos, para conseguir enfrentar o mundo da educação.

A minha irmã Maria José de Souza Silva que foi minha grande amiga, nesse processo de escrita me escutou cada vez que precisei, me aconselhou e acolheu. Ao meu irmão Ademar Joaquim da Silva Filho, que me deu o privilégio de nunca precisar trabalhar em outra área, obrigada por arcar com os nossos sonhos (meu e de nossa irmã). Você é uma inspiração de homem trabalhador, espero um dia recompensar para meu sobrinho Ademar Neto, tudo que você faz pela nossa família. Em especial a minha cunhada Daysheila Cardoso por entender a minha ausência nesses dois longos anos, na vida do meu sobrinho e afilhado Ademar Joaquim da Silva Neto.

Ao meu orientador Dr. Pedro Castelo Branco Silveira pela forma como me orientou durante esse trabalho, sempre indicando os melhores caminhos, nossa parceria foi fundamental para chegarmos até aqui.

A memória de minha avó Severina Ramos de Souza, que sempre se faz presente espiritualmente em meus projetos.

Aos amigos Elaine, Marcilio, Walter, Sylvia, Adélia, Aline, Everton, Wilton, Maria Beatriz, Lucas Borba de Amorim, pela disponibilidade de tempo de conversas para me ajudar a concluir o trabalho.

Em especial a Viviane Rufino pela disponibilidade em contribuir para a formatação e correção deste trabalho.

A minha companheira de turma do Mestrado em Sociologia- Profsocio/Fundaj, Gabriela Aquino, obrigada pela parceria, pela amizade, pela solidariedade mútua, a caminhada teria sido mais difícil sem você.

Ao corpo docente do Profsocio/ Fundaj, em especial a Alexandre Zarias pelos ensinamentos e reflexões.

À minha banca de qualificação, professoras Ana Branches e Edineida, pelas importantes observações que contribuíram para este trabalho.

À Fundação Joaquim Nabuco.

À equipe do Colégio de Aplicação Bel Mario Bezerra da Silva, escola em que realizei o trabalho e que foi *locus* dessa intervenção pedagógica, em especial às minhas coordenadoras Aline Cândida e Arlete Lima, que não mediram esforços para que tudo ocorresse bem durante as aulas dessa sequência didática. À minha gestora Adriana Higino, pela confiança depositada em mim, pela recepção do meu projeto no colégio e pelo incentivo durante essa pesquisa.

Aos estudantes do 2º ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação Bel Mario Bezerra da Silva, que participaram como sujeitos dessa pesquisa, em especial aos 45 estudantes que participaram das aulas, obrigada pela disponibilidade, perseverança e generosidade, vocês foram e são grandes parceiros na concretização dessa intervenção pedagógica, e tornaram a experiência repleta de momentos gratificantes.

EPÍGRAFE

“A vida é um território desconhecido”.

(Rayza Amorim, Estudante do ensino médio da rede particular de ensino, RELATOS DA PESQUISADORA, 2023

RESUMO

O presente projeto teve como objetivo a elaboração e execução de uma Intervenção Pedagógica no ensino de Sociologia em uma turma do 2º do Ensino Médio do Colégio de Aplicação Bel Mario Bezerra da Silva (CAP), uma escola particular, localizada no município de Vitória de Santo Antão - PE. Abordamos durante sete aulas, aspectos do território, vivido e experienciado. A pesquisa foi realizada em uma perspectiva antropológica, utilizando o diário de bordo a partir de uma metodologia de ensino, na qual o estudante assumiu o papel de protagonista em relação direta com o território por ele habitado. Além da descrição das dinâmicas de construção e aplicação que compreendem essa intervenção pedagógica, realizamos neste texto uma reflexão sobre sua aplicabilidade em outros contextos para professores da Sociologia e de outras áreas.

Palavras-chave: Ensino de Antropologia. Ensino de Sociologia. Ensino Médio. Intervenção pedagógica. Território.

ABSTRACT

The objective of this project was to develop and execute a Pedagogical Intervention in the teaching of Sociology in a 2nd high school class at Colégio de Aplicação Bel Mario Bezerra da Silva (CAP), a private school, located in the municipality of Vitória de Santo Antão - PE. During seven classes, we covered aspects of the territory, lived and experienced. The research was carried out from an anthropological perspective, using the logbook based on a teaching methodology, in which the student assumed the role of protagonist in direct relationship with the territory he inhabits. In addition to describing the dynamics of construction and application that comprise this pedagogical intervention, in this text we reflect on its applicability in other contexts for teachers of Sociology and other areas.

Keywords: Teaching Anthropology. Teaching Sociology. High School. Pedagogical intervention. Territory.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Anuário Antropológico - AA

Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio - BNCC

Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD

Colégio de Aplicação Bel Mario Bezerra da Silva - CAP

Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica - DCN

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional - PROFSOCIO

Universidade Estadual de Londrina - UEL

Universidade Estadual de Maringá - UEM

Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio - OCNEM

Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio - DCNEM

Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio - PCNEM

Centro Universitário da Vitória de Santo Antão - UNIVISA

Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC

Universidade de Pernambuco - UPE

Campus Mata Norte - CMN

Faculdade Joaquim Nabuco - FJN

Novo Ensino Médio- NEM

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Diário de Bordo da estudante Ana Clara.
- Figura 2 - Diário de Bordo da estudante Letícia Lins.
- Figura 3 - Diário de Bordo da estudante Rayza Amorim.
- Figura 4 - Diário de Bordo da estudante Ana Clara.
- Figura 5 - Diário de Bordo da estudante Isabelly Sales.
- Figura 6 - Diário de Bordo da estudante Layza da Silva.
- Figura 7 - Grupos reunidos para confecção do croqui.
- Figura 8 - Diário de bordo da estudante Laiza da Silva.
- Figura 9 - Diário de bordo do estudante Huan Victor.
- Figura 10 - Croqui do Grupo 1.
- Figura 11 - Apresentação do Grupo 1.
- Figura 12 - Croqui do Grupo 2.
- Figura 13 - Apresentação do Grupo 2.
- Figura 14 - Croqui do Grupo 3.
- Figura 15 - Apresentação do Grupo 3.
- Figura 16 - Croqui do Grupo 4.
- Figura 17 - Apresentação do Grupo 4.
- Figura 18 - Croqui do Grupo 5.
- Figura 19 - Apresentação do Grupo 5.
- Figura 20 - Croqui do Grupo 6.
- Figura 21 - Apresentação do Grupo 6.
- Figura 22 - Croqui do Grupo 7.
- Figura 23 - Apresentação do Grupo 7.
- Figura 24 - Roda de conversa.
- Figura 25 - Entrevista registrada no diário de bordo da estudante Tainá Cayany.
- Figura 26 - Entrevista registrada no diário de bordo da estudante Isabelly Salles.
- Figura 27 - Trajeto do estudante João Lucas.
- Figura 28 - Trajeto do estudante João Lucas.
- Figura 29 - Diário de Bordo da estudante Ana Clara Moureira.
- Figura 30 - Trajeto da estudante Ana Clara Moureira.
- Figura 31 - Diário de Bordo da estudante Sarah Danielly.
- Figura 32 - Trajeto da estudante Sarah Danielly.

Figura 33 - Diário de Bordo da estudante Maria Raissa.

Figura 34 - Trajeto da estudante Maria Raissa.

Figura 35 - Diário de Bordo da estudante Mikaelly Fontes.

Figura 36 - Trajeto da estudante Mikaelly Fontes.

Figura 37 - Estudantes em roda de conversa.

Figura 38 - A mascote da escola, Meg resolve aparecer na aula.

Figura 39 - Diário de Bordo da estudante Raiza Amorim da aula 4.

Figura 40 - Diário de Bordo da estudante Raiza Amorim da aula 5.

Figura 41 - Diário de Bordo da estudante Raiza Amorim complemento da aula 5.

Figura 42 - Diário de Bordo do estudante Diego dos Santos.

Figura 43 - Estudantes assistindo o primeiro vídeo de Ailton Krenak.

Figura 44 - Diário de Bordo da estudante Lais Emanuely .

Figura 45 - Diário de Bordo da estudante Laiza da Silva.

Figura 46 - Diário de Bordo da estudante Natália Oleskovicz.

Figura 47 - Diário de Bordo da estudante Sarah Daniely.

Figura 48 - Diário de Bordo da estudante Mickaely Fontes.

Figura 49 - Diário de Bordo da estudante Maria Rayssa.

Figura 50 - Diário de Bordo da estudante Isabelly Salles.

Figura 51 - Diário de Bordo da estudante Ana Clara Moureira.

Figura 52 - Diários de bordo dos estudantes.

Figura 53 - Capa do diário de bordo da estudante Maria Rayssa.

Figura 54 - Aula 1- Registro do diário de bordo da estudante Maria Rayssa.

Figura 55 - Aula 2- Registro do diário de bordo da estudante Maria Rayssa.

Figura 56 - Aula 2 – Registro da entrevista do diário de bordo da estudante Maria Rayssa.

Figura 57 - Aula 3 – Registro do diário de bordo da estudante Maria Rayssa.

Figura 58 - Aula 4 – Registro do diário de bordo da estudante Maria Rayssa.

Figura 59 - Aula 5 – Registro do diário de bordo da estudante Maria Rayssa.

Figura 60 - Aula 6 – Registro do diário de bordo da estudante Maria Rayssa.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Tabela 1 - Estrutura da Intervenção pedagógica realizada.

Tabela 2 - Organizador curricular de Sociologia do 2º ano do Ensino Médio.

Tabela 3 - Cronograma das aulas e atividades realizadas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 A pesquisadora e a pesquisa.....	15
1.2 A escola e os estudantes: espaços e sujeitos da pesquisa.....	17
1.3 Apresentação.....	19
2 O TERRITÓRIO NA AULA DE SOCIOLOGIA.....	21
3 ABORDANDO OS TERRITÓRIOS DE VIDA EM UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA NAS AULAS DE SOCIOLOGIA.....	26
3.1 Produzindo uma sequência didática	26
3.2 A aplicação da sequência didática: Territórios de Vida no Ensino de Sociologia	28
3.2.1 Aula 1: Apresentação do conceito de território e do diário de bordo	30
3.2.2 Aula 2: Território vivido	39
3.2.3 Aula 3: Território, memórias e histórias	42
3.2.4 Aula 4: Trajetos, caminhos e lugares	55
3.2.5 Aula 5: Territórios mais-que-humanos	66
3.2.6 Aula 6: Território, e identidade (territorialidade); território e relações sociais	72
3.2.7 Aula 7: Culminância: Apresentação do diário de bordo e avaliação geral dos estudantes.....	82
4 TERRITÓRIO: O EXERCÍCIO ETNOGRÁFICO COM O DIÁRIO DE BORDO ...	85
4.1 O diário de bordo como metodologia de ensino.....	85
4.2 O diário de bordo da docente.....	86
4.3 O diário de bordo dos estudantes.....	86
5 AVALIANDO A EXPERIÊNCIA	96
5.1 Refletindo sobre a aplicabilidade	96
5.1. 1 Material didático.....	96
5.1. 2 Uso de recursos áudio visuais.....	97
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS.....	101

APÊNDICE104

1 INTRODUÇÃO

1.1 A pesquisadora e a pesquisa

Apresento neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) um relato e análise de uma experiência de ensino no contexto do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede (Profsocio). Trata-se de uma intervenção pedagógica que se deu pela elaboração e execução de uma sequência didática intitulada "Territórios de vida: práticas para a Sociologia no Ensino Médio".

Essa pesquisa-intervenção teve como participantes 45 estudantes do 2º ano do Ensino Médio, a partir de uma sequência didática com carga horária de 14 horas-aula, que ocorreu entre os dias 06 de outubro de 2023 e 07 de novembro de 2023. Além do período de atividade direta com os alunos em sala, que foi executada durante cinco semanas de aula, a pesquisa incluiu a preparação da sequência didática, seu acompanhamento, sistematização e avaliação. Esse trabalho almejava proporcionar que os estudantes possam enxergar por cima dos muros da escola, com criticidade no contexto social em que vivem.

Antes de tratar propriamente desta experiência pedagógica, faço aqui uma breve apresentação da minha história profissional, a fim de destacar a importância deste trabalho na minha formação enquanto professora de Sociologia. Cursei a minha licenciatura em Geografia na Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Mata Norte (CMN) em Nazaré da Mata - PE, durante o período de 2014 a 2018. Nesse período de minha formação acadêmica, o conceito geográfico de território, sendo um dos cinco conceitos da ciência geográfica, estava bastante presente na discussão em cada texto apresentado pelos professores. Iniciei a minha docência ainda durante a graduação, enquanto professora voluntária de Geografia para cursinhos que atingiam um público de alunos do terceiro ano do ensino médio que não tinha condições de pagar. Durante o meu terceiro ano do ensino médio, em 2013, fui estudante de cursinhos gratuitos, um deles oferecido pela Universidade de Pernambuco, o PREVUPE, com polo na cidade de Vitória de Santo Antão e o CAVEST, pré-vestibular da Universidade Federal de Pernambuco, com polo na mesma cidade. Senti na pele a dificuldade de locomoção de Glória do Goitá, cidade em que residia na época, para ir para a cidade vizinha, Vitória, para assistir às aulas dos cursinhos, por esse motivo me permiti devolver o que recebi para a comunidade, participando de cursinhos voluntários quando fosse aprovada.

Apesar de ser graduada em Geografia, comecei minha carreira assumindo uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental- Anos Iniciais. Nessa turma, me vi na necessidade de fazer uma especialização em Educação Especial para compreender melhor as necessidades dos meus

alunos atípicos. Assim, fiz minha especialização de 2018 até 2020, na Faculdade Joaquim Nabuco. Trabalhei com essa turma específica durante 10 meses, no ano seguinte, em 2019, voltei a ser professora de Geografia e História para o Ensino Fundamental- Anos Finais, do 6º ao 9º ano, permanecendo na mesma, Escola Djalma Souto Maior Paes, até os dias atuais.

No meio de variadas temáticas vivenciadas no currículo escolar da Sociologia, o território é um conteúdo complexo e impactante. Não apenas para a Sociologia, abrangendo também outros componentes curriculares para o ensino médio. A ideia de território é presente na comunidade escolar, no cotidiano dos estudantes e nas trocas de experiências.

A mudança que me fez querer fazer a minha intervenção pedagógica com temática de território foi a minha entrada no mestrado, em 2022. No ano de 2023, pude ingressar na escola particular que leciono atualmente, o Colégio de Aplicação Mário Bezerra (CAP), do Centro Universitário da Vitória de Santo Antão (Univisa), e foi atribuída a mim a disciplina de Sociologia, por estar cursando o ProfSocio. Essa experiência foi meu primeiro contato como professora de Sociologia para o 2º ano do Ensino Médio, e foi nesse momento que mudei minha pesquisa. Da proposta inicial, que envolvia um curso de formação para professores, a minha sequência didática tornou-se a presente intervenção pedagógica. A turma do 2º ano do Ensino Médio foi escolhida para participar da minha intervenção por ter esse conteúdo no currículo escolar.

Em 2022, quando ingressei no Mestrado Profissional de Sociologia em Rede (ProfSocio), pude cursar as disciplinas, novas possibilidades de trabalho, de perspectivas diferentes se abriram para mim, tanto do ponto de vista teórico, quanto do ponto de vista de possibilidades metodológicas. Assim, principalmente na disciplina de Teoria das Ciências Sociais 2 (Antropologia), pude perceber a importância de relacionar os conteúdos trabalhados nas aulas de Sociologia com o contexto social dos estudantes. A partir das leituras e discussões que realizei durante a intervenção pedagógica, tomei consciência dos desafios e retrocessos existentes no ensino de Sociologia e identifiquei, por meio da abordagem antropológica, que os estudantes poderiam compreender o seu contexto social e seus territórios através dos usos do diário de bordo.

O objetivo geral da pesquisa foi desenvolver uma experiência pedagógica que propiciasse aos alunos se apropriar do conceito antropológico de território, na Sociologia do Ensino Médio. Assim, os objetivos específicos são: evidenciar para os discentes a importância de entender o território a partir das Ciências Sociais; produzir conhecimento e reflexão dos discentes sobre seu próprio território; e experimentar a prática de ensino da Sociologia a partir de diário de bordo.

Considero que todo meu percurso pessoal, acadêmico e profissional me trouxe até esse momento. Quando criança tive muitos diários, onde escrevia principalmente sobre a minha vida. Quando conheci a Antropologia e entendi que o diário de campo faz parte de sua metodologia vi ali, uma oportunidade de fazer uma ampliação de sentidos, de reflexões e dúvidas, com essa metodologia. Assim, essa variedade de significados e de territórios trouxe para os estudantes e para mim uma ampliação de questões, de vivência e de trocas. Trago a minha experiência pedagógica, junto com mudanças, referenciais e metodologias que me transformaram durante o processo. Durante as aulas pensei e repensei sobre minha prática pedagógica, principalmente como professora de Sociologia, almejando que essa sequência pudesse inspirar outros professores a experienciar esse tipo de intervenção pedagógica.

1.2 A escola e os estudantes: espaços e sujeitos da pesquisa

Essa intervenção pedagógica aconteceu nas aulas de Sociologia, com os estudantes do 2º ano do Ensino Médio, do Colégio de Aplicação Bel Mario Bezerra da Silva (CAP), localizado no Bairro do Cajá, no centro da cidade de Vitória de Santo Antão - PE. Os estudantes estão matriculados no período matutino, porém como o horário do colégio é às 07:10 da manhã até às 13:20 da tarde, podemos dizer que é quase um período integral de ensino. Quando comuniquei para a escola que queria fazer essa intervenção pedagógica com os estudantes, toda a equipe de gestão abraçou esse projeto.

A UNIVISA teve sua fundação em 05 de janeiro de 1971, seis anos depois em 24 de fevereiro de 1997 cria o Colégio de Aplicação Mario Bezerra da Silva – CAMB. O Colégio oferece o Ensino Fundamental- Anos Finais e o Ensino Médio, com aproximadamente 600 estudantes matriculados. Possui atualmente 13 turmas, sendo 8 do 6º ao 9º ano e no ensino médio tem 5 turmas: dois 1º anos A e B, dois 2º anos A e B e um 3º ano. O colégio tem a sua disposição todos os laboratórios da faculdade. Tem laboratórios de informática, de biologia, de arquitetura e urbanismo e uma biblioteca completa com cabines de estudos e livros que variam da educação básica até o ensino superior.

A execução desta intervenção pedagógica deu-se, portanto, nas aulas de Sociologia, com os estudantes do 2º ano do Ensino Médio, turma única. A escolha dessa turma não foi difícil. Primeiramente porque as minhas aulas no 1º ano A e B eram apenas de Filosofia, como prevê o currículo do Novo Ensino Médio em Pernambuco. Segundo o 2º ano era a minha única turma de Sociologia, e conforme o desenvolvimento do primeiro semestre, seria a turma ideal. Essa turma, especificamente, segundo minha avaliação, tem uma sede por conhecimento.

Com essa sequência didática, o meu grande objetivo era romper com aulas apenas expositivas e restritivas, ou com atividades em que o estudante se mantém inerte e apenas recebe conhecimento. Nas atividades propostas, minha expectativa era pela superação de uma fragmentação do conhecimento. Conforme afirma Paulo Freire, “Meu papel fundamental, ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebê-la, na íntegra, de mim.” (Freire, 1996, p. 61)

A princípio abordei o tema “Territórios de vida: práticas para o ensino de Sociologia”, em um conjunto de sete aulas, que compõem essa sequência didática. Nesse primeiro momento as atividades foram aplicadas no colégio e no laboratório de arquitetura e urbanismo do Centro Universitário da Vitória de Santo Antão – UNIVISA. Dentro do conteúdo abordado, foi feito com um recorte a partir do que está previsto pela BNCC, e no Currículo de Pernambuco. Nesse documento são ofertadas as habilidades para serem desenvolvidas as Ciências Humanas e Sociais, que são representadas pela sigla (EM13CHS101SOC01PE).

Procurei observar, no planejamento e execução das atividades, o conceito de imaginação sociológica produzido por Mills (1969), no sentido de relacionar as vivências dos sujeitos às questões societárias mais amplas. Esta perspectiva é referência importante para o currículo de Sociologia na Educação Básica no Brasil. Conforme o Currículo de Pernambuco (2020, p. 277)

(EM13CHS101SOC01PE) Analisar temas, fenômenos e processos sociais, econômicos, políticos e culturais, a partir de concepções clássicas e contemporâneas das Ciências Sociais e da Sociologia, fomentando a imaginação sociológica sobre diferentes narrativas e fontes que explicam a vida social.

É importante destacar ainda que o Ensino de Sociologia na educação básica envolve as disciplinas Sociologia, Antropologia e Ciência Política, e que a antropologia tem grandes contribuições a dar no estudo do território.

Assim, procurei abordar a temática do território com diversos recursos didáticos, incluindo textos, vídeos, croquis, debates, rodas de conversa e desenhos, com o objetivo de que os estudantes pudessem identificar ao longo das aulas aspectos antropológicos, sociológicos e históricos que atravessam o território.

Os estudantes que participaram neste projeto de intervenção pedagógica possuem idades entre 17 e 18 anos. Apresento no Apêndice 1 uma tabela contendo os nomes dos 45 estudantes que participaram ativamente dessa sequência didática, assim como suas idades, o bairro em que residem e se possuem outra ocupação que não apenas estudantes. Nesse momento em que estava recolhendo e organizando essas informações com o objetivo de compor e identificar o perfil social dos estudantes que protagonizam essa intervenção pedagógica, pude perceber

determinadas informações que durante as aulas passam despercebidas. E como professora preciso levar em consideração, já que essas variantes influenciaram na aprendizagem dos estudantes na escola.

A maior parte desses estudantes moram nas redondezas da escola, por isso, vamos ver mais na frente, há uma contiguidade, nos territórios vividos pelos alunos, entre o local da escola e os outros locais de circulação cotidiana dos estudantes. Tomar esses dados de conhecimento público vai fazer com que o leitor entenda o trajeto que o estudante precisa percorrer para chegar à escola, inclusive de compreensão de algumas limitações de maternidade de uma das estudantes.

Enquanto professora não posso deixar de lado o contexto social e familiar que os meus estudantes estão inseridos. Alguns precisam conciliar os estudos com o trabalho ou com o cuidado com o filho. Quando olho o perfil desses estudantes de um colégio de classe média, particular, observo a condição socioeconômica não sendo um desafio tão grande como para os estudantes de escola pública. Além disso, quando leio todos os diários de bordo e observo tudo o que foi produzido por eles, percebo que esses estudantes assumiram o papel de protagonistas da pesquisa etnográfica e antropológica e puderam que os possibilitou compreender o contexto social e os territórios que os circundam.

O que mais me surpreendeu na primeira aula foram os estudantes perceberem de primeira que o conceito de território é plural e está inserido em diversos componentes curriculares. Além disso, marcou-me a frase escrita pela estudante Rayza Amorim, logo na primeira aula: “A vida é um território desconhecido”. Assim, nos questionamentos durante as aulas a pergunta que se precisa ser respondida é a seguinte: como a noção de território permeia a minha vida?

Dessa maneira saio dessa primeira aula causando um “estranhamento” de um conceito que os estudantes já conheciam geograficamente e que agora precisam fazer um descobrimento de novas relações e ressignificado através das Ciências Sociais.

1.3 Apresentação

Após apresentar para você, leitor(a), minha trajetória e motivação para realizar essa intervenção pedagógica e dar um breve contexto de sua realização, apresento os capítulos que se seguem.

No segundo capítulo realizo uma discussão que será subsidiada por autores(as) e com os fundamentos e objetivos sobre o ensino de Sociologia no Ensino Médio, discorrendo sobre

como essa disciplina perdeu carga horária depois da reforma do Novo Ensino Médio (NEM), pautando o retrocesso e desafios. Todas essas discussões serão realizadas a partir do debate de reflexão em torno da minha experiência docente no Colégio de Aplicação Bel Mario Bezerra da Silva (CAP). Ao final do capítulo apresento a sequência didática que construí e apliquei.

O terceiro capítulo é intitulado “O território na aula de Sociologia”. Nele apresento de forma detalhada cada uma das aulas das sete aulas da sequência didática. Faço uma breve introdução de cada uma das aulas, pontuando seus objetivos e apresento o conteúdo teórico, destacado a partir de textos criteriosamente selecionados. Também, nesse mesmo capítulo, apresento as atividades que foram propostas em cada aula, destacando o passo a passo e a participação dos estudantes. Na última aula, apresento a avaliação final dos estudantes para com as atividades propostas, fundamental para o estudo das perspectivas teóricas que os estudantes registraram em seus diários de bordo a cada encontro.

No capítulo quatro, intitulado “Território: exercício etnográfico com o diário de bordo”, faço uma descrição da metodologia utilizada para a confecção e criação de cada aula dessa intervenção pedagógica. Junto com os estudantes do 2º ano do Ensino Médio, buscamos utilizar esse instrumento da etnografia, o diário de campo, aqui adaptado para o contexto educacional como diário de bordo, e interpretá-lo. Além disso, o capítulo descreve a utilização do diário de bordo da própria docente, como ferramenta de registro, acompanhamento e reflexão.

No quinto capítulo, intitulado de “Avaliando a experiência”, faço uma avaliação geral da intervenção pedagógica, focando na socialização dos saberes compartilhados pelos estudantes. Logo após, faço uma reflexão sobre a aplicabilidade, o uso de recurso áudio visual, usando o território como uma proposta para uma educação para além dos muros da escola, inspirando outros percursos.

Finalmente, nas considerações finais, apresento sobre a minha experiência com a intervenção pedagógica, bem como discorro sobre os desafios, retrocessos e novas perspectivas para o ensino de sociologia na educação básica.

2 O TERRITÓRIO NA AULA DE SOCIOLOGIA

Diferentes disciplinas olham o território de diferentes maneiras. Nesse sentido, Schneider ressalta que:

O conceito de território é ubíquo e amplo. Para os geógrafos trata-se de um dos conceitos fundadores da disciplina, que se relaciona com outro de complexidade ainda maior, que é o de espaço (DI MÉO, 1998). Para os biólogos e ecólogos o conceito de território serve como recurso heurístico para análise do habitat e das formas de uso dos biomas e ecossistemas pelos animais. Os antropólogos e etnólogos usam o conceito de território para descrever e delimitar o espaço em que transcorrem relações e interações de determinados grupos sociais em geral demarcados por meio de símbolos e representações. Já os economistas e planejadores apelaram para o conceito de território para tentar entender em que medida a localização espacial de determinado recurso ou atividade produtiva pode influenciar no seu custo e na formação dos preços relativos dos produtos. Schneider (2009, p.4)

Os estudantes vivem com diferentes tipos de territórios, produzidos por relações sociais distintas são zonas de disputas cotidianamente., como afirma Fernandes (2005, p. 198) “a relação classe-território é indissociável”. Nessa seção busco esboçar brevemente a especificidade de uma abordagem antropológica para o tema do território e indicar pistas de como trabalhar este conceito no Ensino de Sociologia, com o uso de diários de bordo.

A diversidade do território produz a sua multiterritorialidade, ligada à sua produção espacial e territorial de relações que são construídas e reconstruídas nas relações sociais, auxiliada pelas ciências humanas e sociais, estudar seu conceito fica mais dinâmico, assim como afirma Milton Santos (2002, p. 9).

A Geografia alcança neste fim de século a sua era de ouro, porque a geograficidade se impõe como condição histórica, na medida em que nada considerado essencial hoje se faz no mundo que não seja a partir do conhecimento do que é Território. O Território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência. A Geografia passa a ser aquela disciplina mais capaz de mostrar os dramas do mundo, da nação, do lugar.

No âmago da antropologia, faz-se uma diferença entre a forma territorial do Estado Moderno, aquela que determina fronteiras, tratando os componentes não-humanos no espaço como objetos e superfícies, na qual se exerce o poder; e os territórios produzidos pelos movimentos e fluxos de vida das pessoas em interação com outros elementos, também em movimento. Nesse último caso, o território é uma função do ato de habitar (Coelho de Souza et. al, 2017). O resultado espacial destes fluxos da experiência podemos chamar “território vivido”, ou “território de vida”, sendo este território relativo a um sujeito, individual e coletivo, com suas experiências e relações. Galois (2004), por exemplo, traça a diferença entre o território como entendido pelo Estado (e o Direito Moderno) e os territórios dos povos indígenas que

reivindicam suas terras. Outros autores, como Magnani (2002), utilizam-se desta perspectiva antropológica de território para pensar os movimentos de coletividades nas cidades.

Assim, o território é entendido como a territorialidade que é vivenciada por diferentes grupos humanos, seja ele uma nação, uma comunidade indígena, uma família, um grupo de vizinhança, uma comunidade escolar... nesse sentido, “não há como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade, a sociedade sem ao mesmo inseri-los num determinado contexto geográfico, ‘territorial’” (Haesbaert, 2004, p. 20). O território não se restringe apenas a um recorte espacial sujeito a um regime de poder, mas é produzido por relações sociais, culturais e políticas, que fazem parte da história e da identidade dos grupos humanos.

Magnani (2002, p.6), que discute a antropologia urbana, afirma que:

É bem verdade que esta disciplina [a antropologia], como se sabe, elaborou seus métodos de investigação a partir principalmente do estudo de sociedades dedicadas à coleta, à caça, à agricultura de subsistência e cujo modo de vida tem como base outras formas de assentamento que não a cidade; por conseguinte, as estratégias da pesquisa etnográfica, à primeira vista, não a credenciariam para deslindar as complexidades da cidade contemporânea, imersa no sistema globalizado.

Entretanto, é também consenso que a antropologia não se define por um objeto determinado: mais do que uma disciplina voltada para o estudo dos povos primitivos ela é, como afirma Merleau-Ponty, “a maneira de pensar quando o objeto é ‘outro’ e que exige nossa própria transformação. Assim, também viramos etnólogos de nossa própria sociedade, se tomarmos distância com relação a ela” (1984, p. 199-200).

Na antropologia urbana, estudos têm sido feitos para compreender a relação entre as populações e seus territórios, especialmente nas grandes cidades, onde as dinâmicas de fluxo e mudanças urbanas podem levar a um processo de desterritorialização, podendo trazer impactos para as comunidades locais e suas relações com o espaço. Segundo Magnani (2002, p. 9)

Para ficar no campo da antropologia urbana, quem já estudou terreiros de candomblé, grupos de jovens, escolas de samba, torcidas organizadas de futebol etc. sabe muito bem que nestes e em outros casos análogos há uma totalidade vivamente experimentada tanto como recorte de fronteira quanto como código de pertencimento pelos integrantes do grupo.

O mesmo autor destaca que a territorialidade produzida em contextos urbanos pode ser entendida não como totalidades espaciais, mas também como trajetos, manchas e “pedaços”.

É verdade que a antropologia se preocupou muito em sua história com os chamados territórios tradicionais. Conforme Paul E. Little (2003, p.23)

O uso do conceito de povos tradicionais procura oferecer um mecanismo analítico capaz de juntar fatores como a existência de regimes de propriedade comum, o sentido de pertencimento a um lugar, a procura de autonomia cultural e práticas adaptativas sustentáveis que os variados grupos sociais analisados aqui mostram na atualidade.

Para este autor, o desafio será compreender a diversidade fundiária no Brasil como um problema antropológico. Essa diversidade fundiária e de territórios irá incluir os territórios e

terras chamados de “terra de preto”, “terras de santo” e as “terras de Índio” de que fala Almeida (1989). O autor indica que há uma necessidade de compreender a ligação dos territórios com a antropologia:

Minha intenção é trabalhar com esse conjunto eclético de grupos humanos desde uma perspectiva fundiária informada pela teoria antropológica da territorialidade e, daí, delimitar um campo de análise antropológica centrado na questão territorial desses grupos ao invés dos enfoques clássicos do campesinato, etnicidade e raça.

Com relação a povos e comunidades tradicionais, a cartografia social tem sido usada como ferramenta participativa de mobilização social, produzindo mapas que mostram as relações territoriais dos grupos que reivindicam direitos. Uma referência para estes estudos é o Projeto Nova Cartografia Social na Amazônia (Almeida, 2013).

A partir do disposto acima, não só os povos tradicionais desenvolvem relações espaciais próprias na produção de um território de vida. A comunidade escolar também produz territórios de vida em suas práticas, vivências e movimentações. Assim, é importante articular território, vida e escola para que o ensino de sociologia vá além dos muros da escola. Conforme Martins (2022, p.12)

É desse cotidiano que esperamos escolas que irão emergir de territórios e partilhar seus saberes com a cidade, com as comunidades escolares, em uma articulação horizontal, sem hierarquização e em um processo permanente.

Posto isso, ressaltamos a importância em discutir as diferentes práticas pedagógicas de trabalhar com os diversos tipos de territórios para reflexão e propostas de como melhor trabalhar a temática no ensino das Ciências Sociais e Humanas, no ensino médio da educação básica.

A necessidade de evidenciar para os discentes a importância de entender o território, a partir das Ciências Sociais construindo seus conhecimentos, está presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o Currículo de Pernambuco e os Parâmetros Curriculares.

Segundo os Parâmetros Curriculares para o ensino de Sociologia, é importante conhecer os conceitos e articulá-los com casos concretos (BRASIL, 2006, p. 117). Por isso, a sequência didática irá consolidar um olhar sociológico que possibilitará o exercício da imaginação sociológica (Mills, 1972) e servirá como mediador para sensibilização e debates.

Conforme Giddens (2008, p. 18):

Sociologia não é apenas um campo intelectual abstrato, mas algo que pode ter implicações práticas importantes na vida das pessoas. Aprender a tornarmo-nos sociólogos não devia ser um esforço acadêmico aborrecido. A melhor maneira de nos assegurarmos que tal não acontece é abordar a disciplina de forma imaginativa e relacionar ideias e conclusões com situações da nossa própria vida.

Assim, iremos contemplar as Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais aplicadas para o Ensino Médio. Dentro das seis competências focaremos em duas principais, conforme a BNCC (2018 p.570)

2. Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.
4. Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.

É importante incluir a abordagem antropológica de território, incluída nas abordagens das ciências sociais. Conforme o Currículo de Pernambuco (2020, p. 277)

(EM13CHS101SOC01PE) Analisar temas, fenômenos e processos sociais, econômicos, políticos e culturais, a partir de concepções clássicas e contemporâneas das Ciências Sociais e da Sociologia, fomentando a imaginação sociológica sobre diferentes narrativas e fontes que explicam a vida social.

Identificamos aqui alguns trabalhos que tratam da relação entre educação e território, e do uso de diários de bordo e cadernos de pesquisa no ensino de Sociologia.

Torres et. al. (2014) trabalham com o tema *Formação de professores e territorialidade: questões elementares na educação dos povos do campo*. Os autores apresentam algumas reflexões, debates inclusive para as legislações vigentes sobre a Educação no campo, no sentido de buscar-se uma educação rural conectada às práticas territoriais.

A intervenção pedagógica de Paulo Roberto De Freitas Silva Filho, desenvolvida em 2020, no Programa Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), pela associada Fundação Joaquim Nabuco -FUNDAJ tem o título “*A vida do barro no alto do Moura: praticando antropologia no Ensino de Sociologia da EJA*”. O autor, apesar de não utilizar o conceito de território, explora com seus estudantes as relações sociais que compõem o espaço do Alto do Moura como polo de produção de arte figurativa em barro. Para tanto, ele se utiliza de visitas de campo, entrevistas e registro de atividades em diários de campo produzidos pelos alunos, bem como produz seu próprio diário, ao longo do processo.

Já Rafael Buti, em seu artigo “Histórias quilombolas no chão”, narra suas experiências no ensino de graduação em Ciências Sociais, as práticas de levar os estudantes ao território quilombola e pesqueiro das comunidades vizinhas à universidade onde leciona (Unilab), na Bahia (Buti, 2021).

Temos também como referência os projetos realizados pelo Laboratório de Sociologia-SocioLab do ProfSocio/Fundaj, por meio do programa de Iniciação Científica para o Ensino Médio (Pibic-EM). Em 2021, foi realizada o projeto A escola que temos e a escola que

queremos” (SOCIOLAB-FUNDAJ, 2021), com estudantes da Escola de Referência Professor Cândido Duarte, que envolveu práticas de mapeamento de territórios de vida dos estudantes.

O SocioLab- Fundaj, realizou, no ano de 2020, no contexto da Pandemia de Covid 19, também com estudantes do Ensino Médio da Escola de Referência do Ensino Médio Professor Cândido Duarte, o projeto intitulado de “Desigualdades Sociais em Tempo de Pandemia” (SOCIOLAB-FUNDAJ, 2020), realizada no formato remoto na plataforma Google Meet. Foi vivenciado em dois subprojetos, sendo um deles chamado Narrativas da Pandemia, que produziu um blog dos bolsistas do Programa PIBIC-EM sobre as suas vivências no contexto da Pandemia, que gerou quatorze temáticas. Para a produção deste blog, cada bolsista recebeu um caderno em que anotava diariamente fatos, vivências e reflexões sobre o cotidiano do período da pandemia.

Podemos ter estes trabalhos como referências para construir a presente intervenção pedagógica.

3 ABORDANDO OS TERRITÓRIOS DE VIDA EM UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA NAS AULAS DE SOCIOLOGIA.

3.1 Produzindo uma sequência didática

A sequência didática é um conjunto organizado de atividades e recursos para promover a aprendizagem de um determinado conteúdo ou habilidade. A partir de uma reflexão contextualizada, com objetivo definido, cronograma de ação, atividades e conceitos para um contexto já conhecido. Além de tudo isso, ao longo de sua execução é necessário muitas vezes mudar o curso, pois é da natureza comum que a minha vivência com a sala de aula, que alguma situação nova possa acontecer.

Zabala (1998), destaca a contribuição da sequência didática como um recurso didático que permite:

Introduzir nas diferentes formas de intervenção aquelas atividades que possibilitem uma melhora de nossa atuação nas aulas, como resultado de um conhecimento mais profundo das variáveis que intervêm e do papel que cada Didática e Prática de Ensino no contexto político contemporâneo. (Zabala, 1998, p. 54)

A sequência tem o objetivo de tornar viável uma experiência significativa de ensino de Sociologia, no contexto do ensino médio, construir esse projeto de intervenção pedagógica, por meio da aplicação de uma sequência didática realizada em 7 aulas. Neste capítulo, abordarei como todas as aulas foram criadas e como utilizei a metodologia do diário de bordo, enquanto ferramenta antropológica, contribuiu com a minha pesquisa.

Tabela 1: Estrutura da Intervenção pedagógica realizada.

Itinerário	Objetivo	Alunos participantes	Período
Sequência didática	Abordar durante as aulas de Sociologia a temática território, partindo do contexto social do território dos estudantes, permeando a Sociologia e a Antropologia e os três recortes (temas, teorias e conceitos).	45	06/10/2023 à 07/11/2023

Fonte: tabela produzida pela autora.

A partir dos referenciais teórico-metodológicos apresentada no capítulo anterior, procurei construir uma sequência didática abordando aspectos e temas que apesar de serem destacados pelas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2006), pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2012) e pelos Parâmetros Curriculares

Nacionais para o Ensino Médio (2000), não estão devidamente contemplados nas aulas de sociologia.

Por causa da reforma do Novo Ensino Médio, de todas as turmas, somente os 2º e 3º anos do ensino médio, possuem na grade curricular a disciplina de Sociologia. Como também sou professora de Geografia da turma, usei também as aulas de Geografia para desenvolver o projeto. Assim, busquei ao longo de todo o percurso viabilizar através das aulas, o relato de descobertas, avanços, medos, incertezas e preocupações que marcaram o desenvolvimento de minha experiência com a sequência didática. O tema do território, no sentido antropológico que procurava trabalhar no projeto, está contemplado no organizador curricular do Ensino Médio em Pernambuco, como indicado na tabela abaixo:

Tabela 2: Organizador curricular de Sociologia do 2º ano do Ensino Médio.

HABILIDADE ÁREA	HABILIDADE	OBJETOS DE CONHECIMENTO
(EM13CHS205) Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis.	(EM13CHS205SOC06PE) Compreender e caracterizar as culturas juvenis, identificando seus significados, formas de cooperação social, problematizando questões como sexualidade, drogas, violência, criminalidade, relações de poder com instituições, grupos e/ou indivíduos.	1.0. Juventudes, nativos digitais, cultura juvenil, território juvenil, identidades territoriais. 1.1 Manifestações sociais, políticas e culturais das juventudes. 1.2 Relações de poder com as instituições sociais (família, vizinhança, escola, cidade, outras) e sociedade; patriarcalismo. 1.3 Discursos sobre juventude e discursos das e dos jovens, valores, relações sociais, relações de produção e consumo, lazer e consumo, estilos de vida, participação social e política, organizações juvenis.

Fonte: tabela produzida pela autora.

A sequência didática que construí e apliquei teve como tema “Territórios de Vida: Práticas para a Sociologia no Ensino Médio”. Ela teve como objetivos desenvolver uma experiência pedagógica que propicie aos estudantes se apropriar do conceito antropológico de território, na Sociologia do Ensino Médio; evidenciando para os discentes a importância de entender o território a partir das Ciências Sociais; produzindo assim conhecimento e reflexão dos

estudantes sobre seu próprio território; e por fim experimentar a prática de ensino de Sociologia a partir da confecção de um diário de bordo.

Na construção e aplicação dessa sequência didática tive o cuidado de minimizar as aulas expositivas, desconectadas das experiências dos estudantes. Assim, adotei instrumentos metodológicos e estratégias que pudessem ir para além dos muros da escola. Tive a preocupação de trazer para a sala vídeos, confecção de *croquis*, entrevistas, desenhos e por fim a criação de seus próprios diários de bordo, permitindo, assim, que os estudantes pudessem, em grupos ou sozinhos, realizar várias interpretações sociológicas de produção direta.

3.2 A aplicação da sequência didática: Territórios de Vida no Ensino de Sociologia

A sequência didática foi desenvolvida ao longo de sete aulas, no quarto bimestre, com os alunos do 2º ano do Ensino Médio, contemplando os 45 alunos matriculados nessa turma. A princípio as aulas seriam sequências durante dois meses, porém diante de algumas demandas de fim de ano da escola, tive que alterar o ritmo proposto. Ressalta que esse conteúdo e as atividades aplicadas ao longo dessa sequência de aulas e execução integraram a avaliação do 4º bimestre. A seguir, irei descrever de forma articulada e minuciosa, a dinâmica das aulas que foram aplicadas a partir dessa sequência e das reflexões que realizamos. A tabela 3 apresenta os temas das aulas da sequência didática, as datas em que as aulas foram ministradas, e o detalhamento de como as aulas ocorreram.

Tabela 3: Cronograma das aulas e atividades realizadas.

Aulas	Tema	Atividade	Data
Aula 1	Apresentação do conceito de território e do diário de bordo	Apresentação da temática e como será a confecção do diário de bordo, através da utilização de slides, exposição oral e nuvem de palavras.	06/10/23
Aula 2	Território vivido	Desenho de um esboço de croqui com cartolinas e proposta da realização de entrevista para a próxima aula.	10/10/23
Aula 3	Território, memórias e histórias	Roda de conversa, apresentação dos grupos com seus croquis e no final apresentação dos registros das entrevistas.	24/10/23
Aula 4	Trajetos, caminhos e lugares	Utilização do <i>Google Maps</i> .	26/10/2
Aula 5	Territórios mais-que-humanos	Observação da paisagem, escrita direta no diário de bordo, rodas de conversa sobre as observações desses territórios.	31/10/23
Aula 6	Território e relações de identidades (territorialidade) e território e relações sociais	Material audiovisual de dois vídeos de Ailton Krenak Depois da apresentação uma roda de conversa para compreensão dessa territorialidade e pertencimento dos povos tradicionais e indígenas.	01/11/23

Aula 7	<p>Culminância: Apresentação do diário de bordo</p> <p>Avaliação geral dos estudantes.</p>	<p>Registro de fotos pela professora de todos os diários de bordo e avaliação dos estudantes sobre a sequência didática.</p>	07/11/23
--------	--	--	----------

Fonte: tabela produzida pela autora.

Durante a construção desta sequência didática, tive que pesquisar e produzir material para subsidiar o percurso, ao longo dessas sete aulas. A construção foi uma grande descoberta, apesar de já ter lido e pesquisado sobre a temática, durante a minha graduação em Geografia, percebi nesse momento o quanto minha pesquisa era rica em possibilidades. Por meio de tantas reflexões e contribuições, pude transformar o material que eu almejava para o ensino de Sociologia e a construção de questões que antes eu não havia percebido. Vislumbrei nesse processo impactos que a temática dos territórios de vida poderia trazer para os estudantes.

3.2.1 Aula 1: Apresentação do conceito de território e do diário de bordo

O objetivo desta primeira aula era que os estudantes pudessem lançar outros olhares, a partir de conceitos e metodologias das Ciências Sociais. Assim, antes de expor a temática, busquei investigar e identificar os saberes prévios dos estudantes em relação ao território. Numa segunda parte da aula, questionei os alunos sobre o objetivo de se usar um diário de bordo, metodologia que vamos trabalhar ao longo das aulas. Assim, iniciei um diálogo, questionando os estudantes sobre o que sabiam a respeito dos territórios. Para tanto, pude registrar na nuvem de palavras, no quadro branco, as palavras que vinham à fala deles.

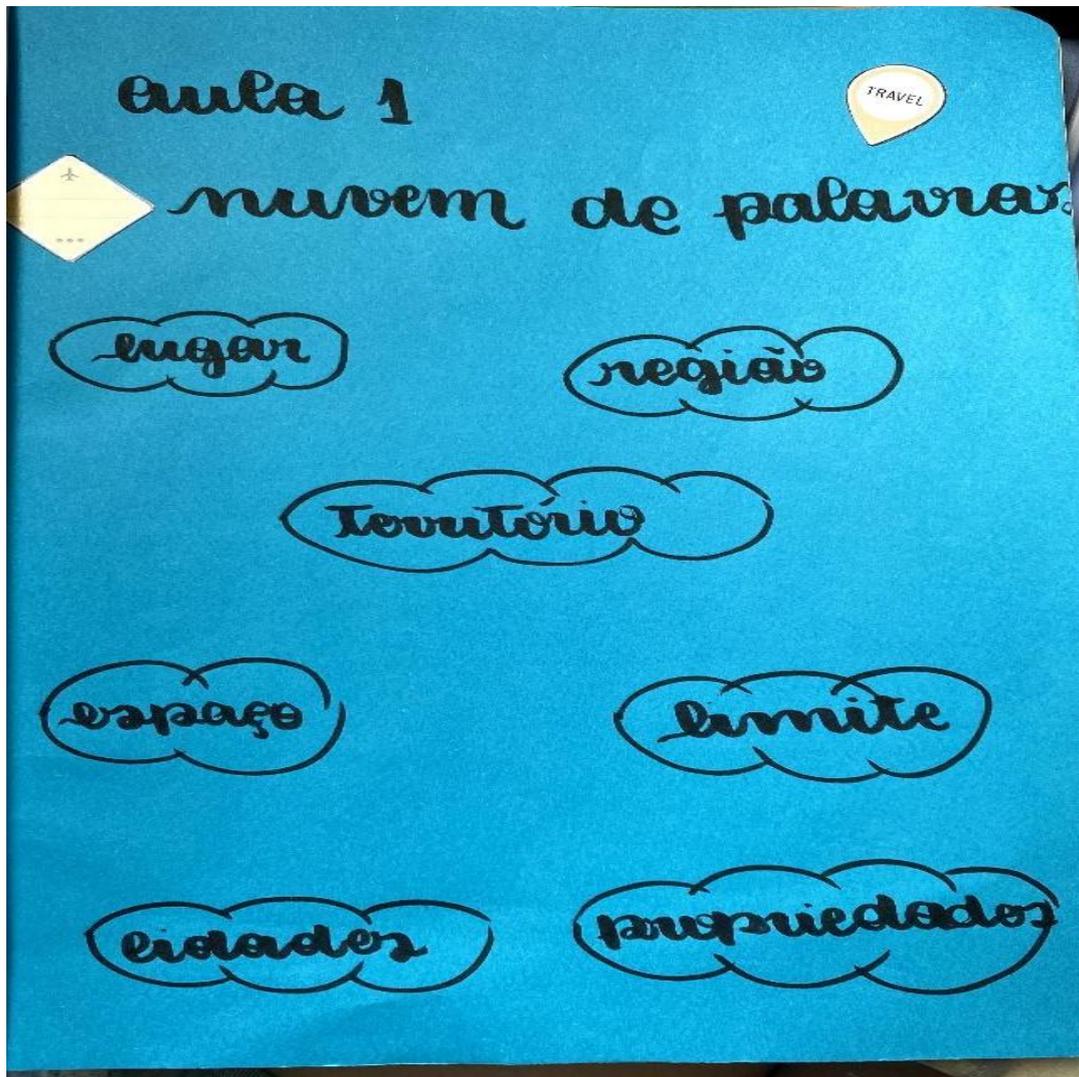
O objetivo é que os estudantes, mesmo aqueles que tenham dificuldades pudessem lançar outros olhares, depois do conhecimento adquirido pelos conceitos e metodologias das Ciências Sociais. Desta forma, alertei todos os 45 estudantes, que ao longo das sete aulas eles construíssem suas observações nos seus diários de bordos, aula após aula. Porém, que essas observações fossem criativas, que eles poderiam ser sujeitos criativos e autônomos. Que fizessem uma interpretação diferente deste território em que vamos trabalhar.

Debatemos a respeito do entendimento sobre território e fui colocando nas nuvens de palavras, no quadro branco, os termos que os próprios estudantes sugerem. Avisei para eles que

em seguida iríamos utilizar essa nuvem de palavras para nossa primeira tarefa no diário de bordo. Mas vamos por partes... neste momento, a aluna Ana Clara Moureira do Nascimento apontou uma série de palavras (ver figura 1), suscitadas a ela pela palavra território: “lugar”, “região”, “limites”, “cidades”, “propriedades”.

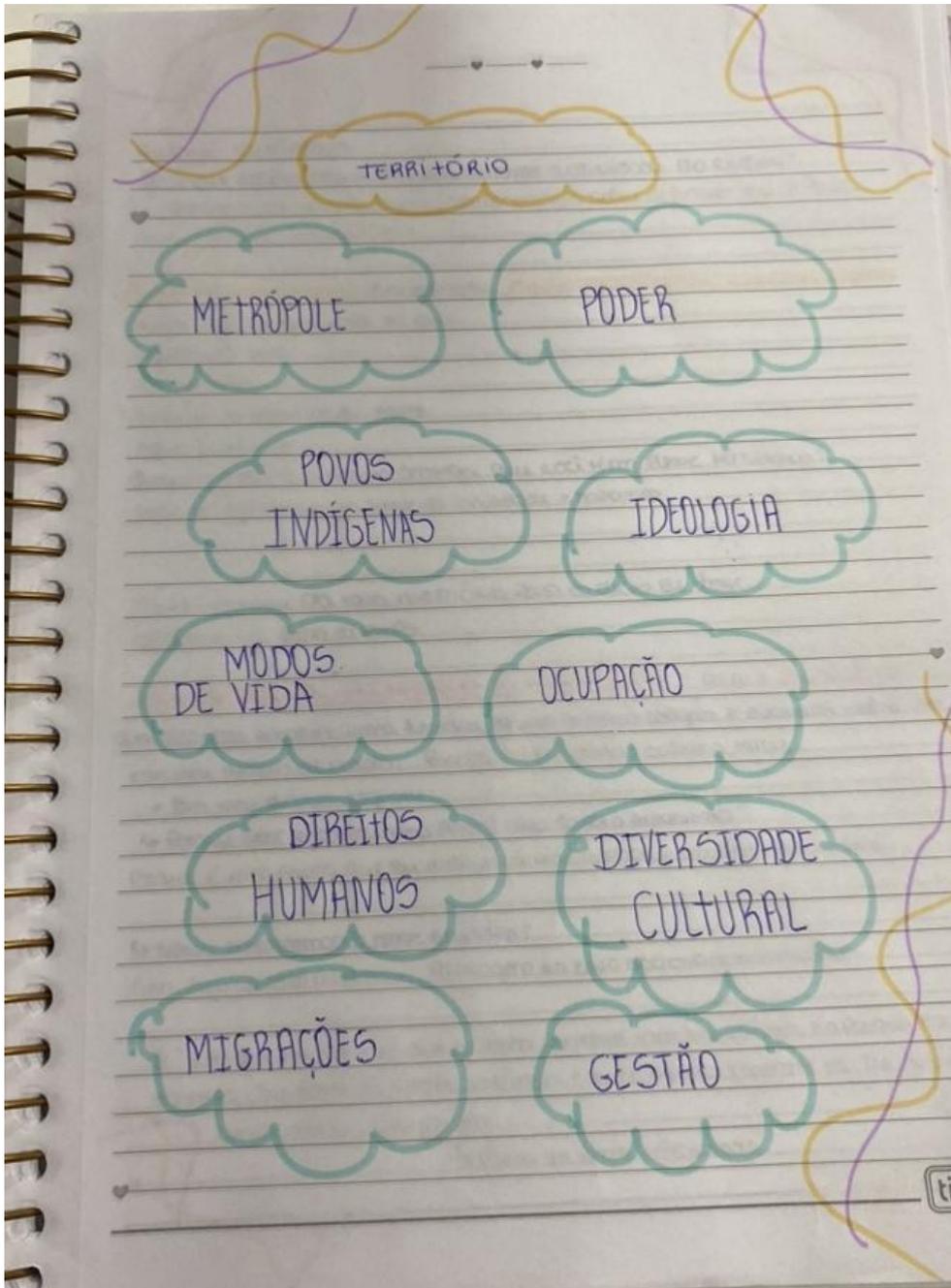
Posteriormente, depois de todos poderem expressar seus prévios conhecimentos sobre o conceito de território, pude perceber que a visão dos estudantes, é em sua grande maioria, mais relacionada a abordagens convencionais da geografia, que lidam com questões como, por exemplo, a representação de um espaço físico, ou espaço onde um Estado nação exerce autoridade. Algumas alunas, entretanto, fizeram referência a categorias mais próximas a uma ideia antropológica de território, que eu tinha a intenção de discutir por meio do tema “territórios de vida”. Vejamos, por exemplo, o exemplo da aluna Letícia Lins (figura 2), que mencionou termos como “modos de vida” e “diversidade cultural”.

Figura 1: Diário de Bordo da estudante Ana Clara.



Fonte: acervo da autora

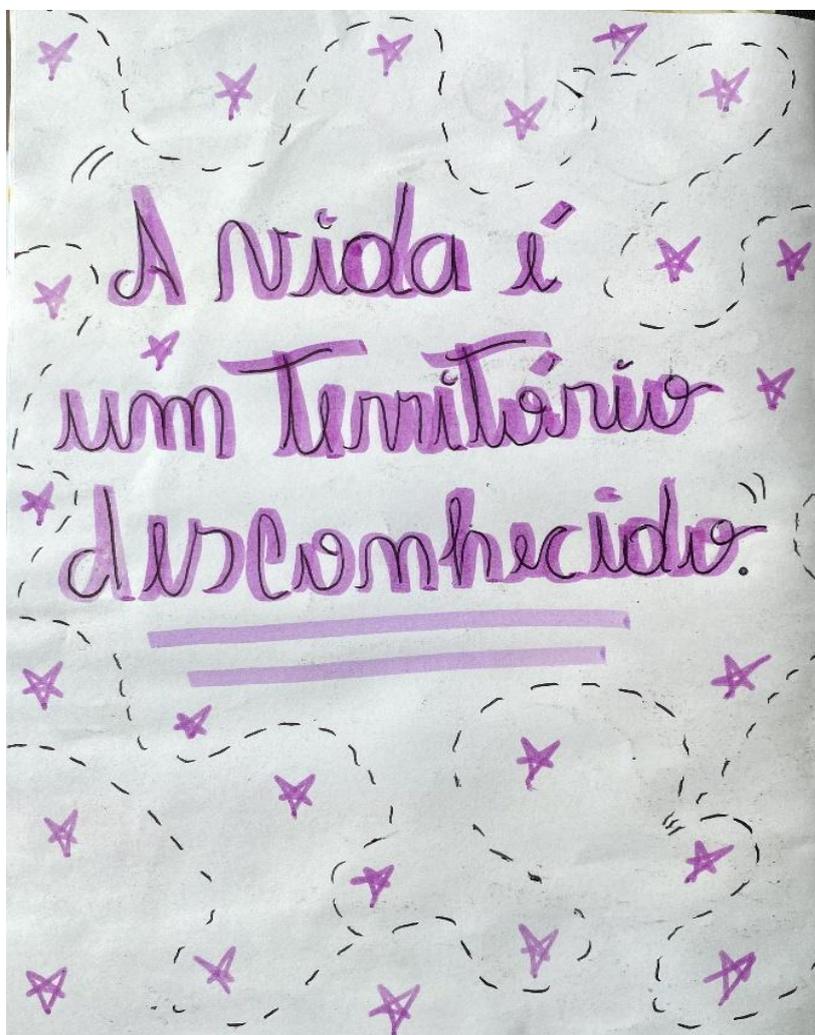
Figura 2: Diário de Bordo da estudante Letícia Lins.



Fonte: acervo da autora

Essas palavras que alimentam essas nuvens, são cruciais para o estudo do território, dentro das Ciências Sociais. Quando a estudante Rayza Amorim (Figura 3) escreve “A vida é um território desconhecido”. Essa frase dita e escrita por ela, me fez acrescentar no slide da exposição a citação de Paulo Freire (1996, p. 30) “Por que não estabelecer uma ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?”. No meu caderno de anotações pude fazer uma anotação que trago para você leitor(a): “Na hora da contextualização usamos os diferentes tipos de territórios para exemplificar a territorialidade foram exemplificados o território da comunidade LGBTQIA+, territórios ricos e pobres, território onde a escola está situada”.

Figura 3: Diário de Bordo da estudante Rayza Amorim.



Fonte: acervo da autora

No segundo momento da aula, apresentei em slide o seguinte fragmento do texto “Ciências Sociais, ruralidade e territórios: em busca de novas referências para pensar o desenvolvimento”, de Sérgio Schneider:

O conceito de território é ubíquo e amplo. Para os geógrafos trata-se de um dos conceitos fundadores da disciplina, que se relaciona com outro de complexidade ainda maior, que é o de espaço (DI MÉO, 1998). Para os biólogos e ecólogos o conceito de território serve como recurso heurístico para análise do habitat e das formas de uso dos biomas e ecossistemas pelos animais. Os antropólogos e etnólogos usam o conceito de território para descrever e delimitar o espaço em que transcorrem relações e interações de determinados grupos sociais em geral demarcados por meio de símbolos e representações. Já os economistas e planejadores apelaram para o conceito de território para tentar entender em que medida a localização espacial de determinado recurso ou atividade produtiva pode influenciar no seu custo e na formação dos preços relativos dos produtos. (Schneider, 2009, p. 4)

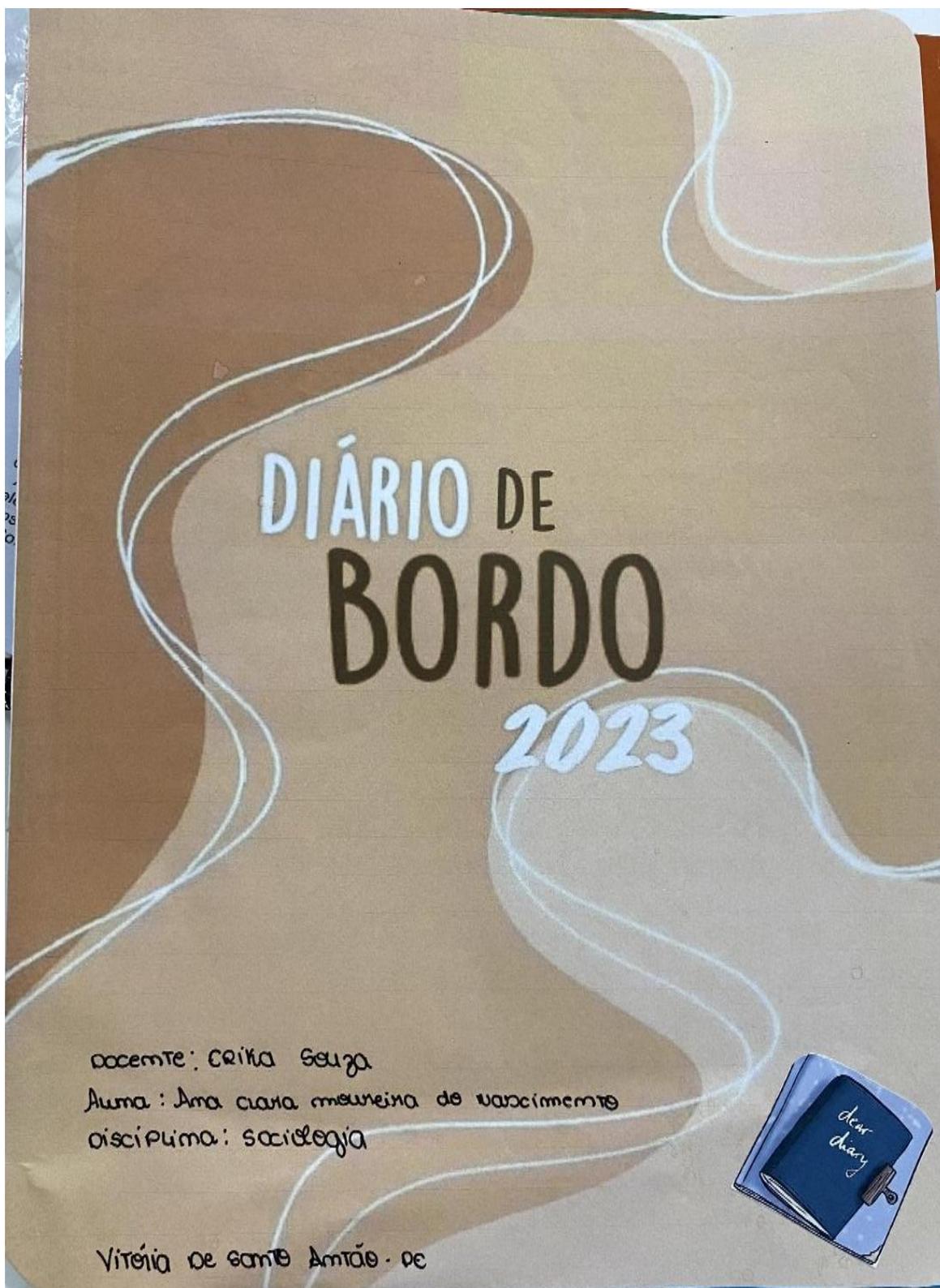
Em seguida, procurei apresentar à turma a ferramenta do diário de bordo e sua importância para a pesquisa que faríamos. Destaquei a importância de os estudantes fazerem os registros durante as aulas ou logo após ela, se houver uma atividade para ser construída em casa. Assim, mostrei, em outro slide, a seguinte citação de Falkembach (1997, p. 5): “É por isso que os fatos devem ser registrados no Diário de Campo o quanto antes, se possível imediatamente depois de observados”.

Desta forma, alertei aos estudantes que ao longo das sete aulas eles construíssem suas observações nos seus diários de bordo, aula após aula. Sugeri que essas observações fossem criativas, no intuito de fazer uma interpretação própria da realidade a partir das ideias de território que trabalharíamos.

Dediquei os 20 minutos finais da aula para apresentar um modelo de diário de bordo que iria subsidiar a metodologia da minha intervenção pedagógica. Os estudantes em sua maioria saíram dessa primeira aula com a capa de seus diários prontos (ver as figuras 4, 5 e 6).

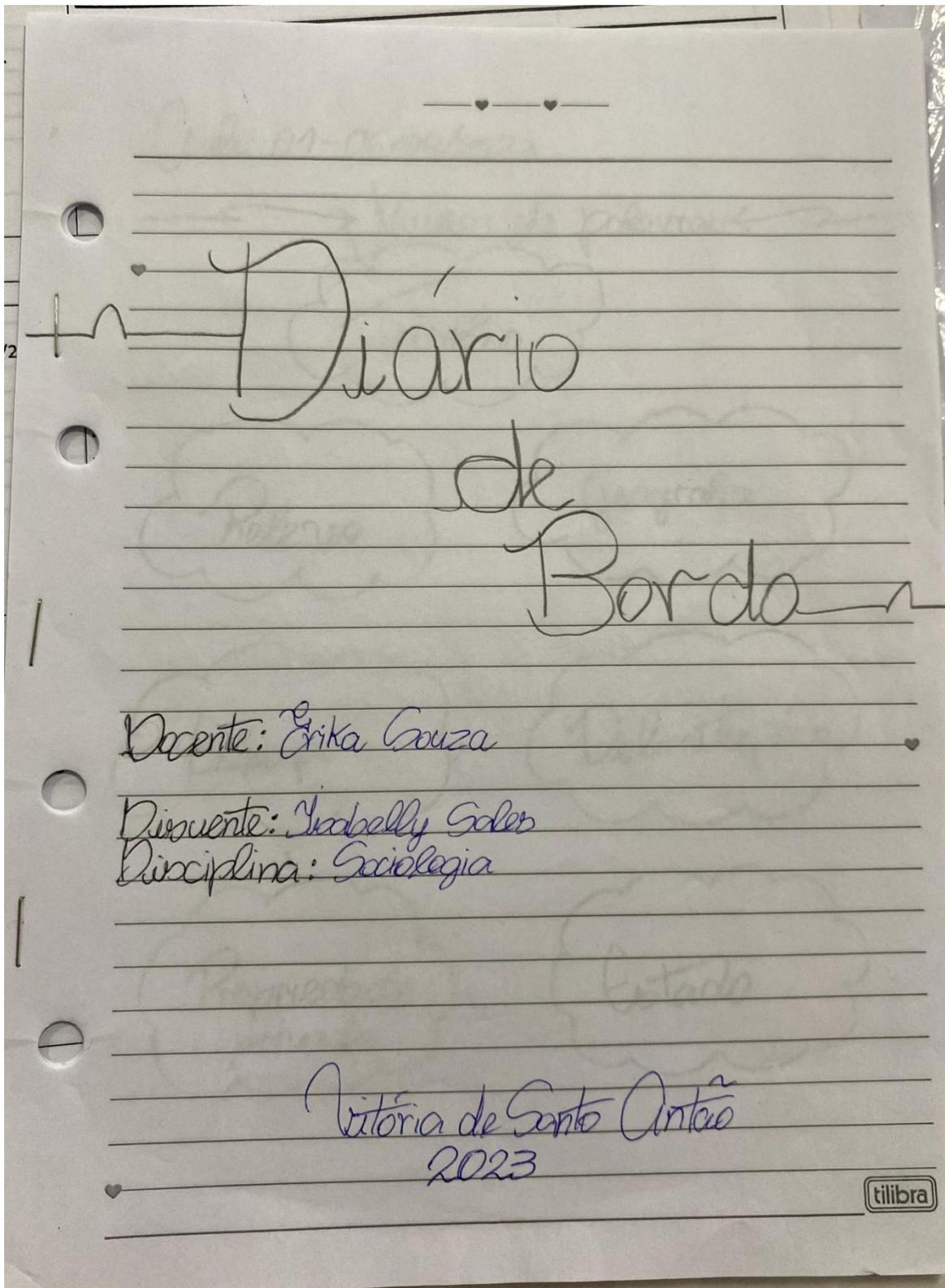
No meu caderno de anotações pude fazer uma anotação que trago para você leitor(a): “No fim todos fizeram a primeira atividade nos seus respectivos diários de bordo e ficaram ansiosos para a próxima aula que será no laboratório de arquitetura”.

Figura 4: Diário de Bordo da estudante Ana Clara.



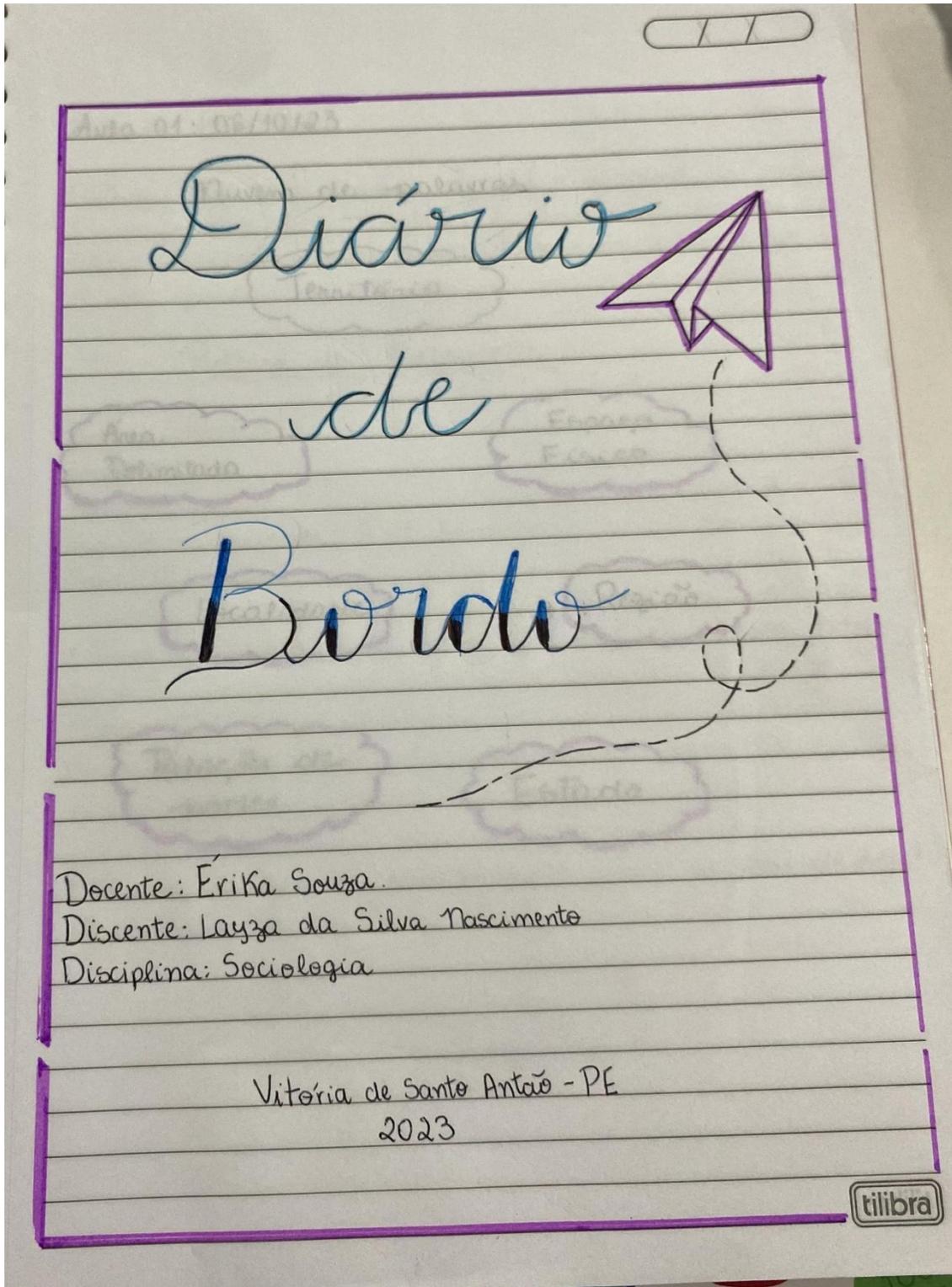
Fonte: acervo da autora

Figura 5: Diário de Bordo da estudante Isabelly Sales



Fonte: acervo da autora

Figura 6: Diário de Bordo da estudante Layza da Silva.



Fonte: acervo da autora

3.2.2 Aula 2: Território vivido

Nessa segunda aula procurei aproximar os estudantes da ideia de território de vida, estimulando-os a expressar, por meio de croquis, o território vivido e experimentado por eles(as) na prática em seu cotidiano. Esse exercício de colocar o território deles no contexto da atividade proposta foi desafiador, pois tentei durante o desenvolvimento da aula, fazer com que os estudantes interpretassem que território era produzido pelas relações sociais deles.

Iniciei a aula solicitando que os estudantes se dividissem em grupos. No percurso para o laboratório de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário da Vitória de Santo Antão (UNIVISA), os sete grupos foram se formando. Como iria utilizar a cartolina no nosso croqui, achei interessante que a atividade dessa aula fosse desenvolvida no laboratório (ver figura 7), onde seria mais fácil o manuseio da cartolina. Nessa hora, fiquei me indagando, que se essa mesma intervenção fosse aplicada em uma escola pública não teria um laboratório de arquitetura e urbanismo, mas poderia ser possível ser adaptada na maneira que os grupos de um em um, fariam seus croquis na mesa do professor(a) que geralmente é maior, dada a provável indisponibilidade de um laboratório específico e infraestrutura adequada à atividade.

Figura 7: Grupos reunidos para confecção do *croqui*.



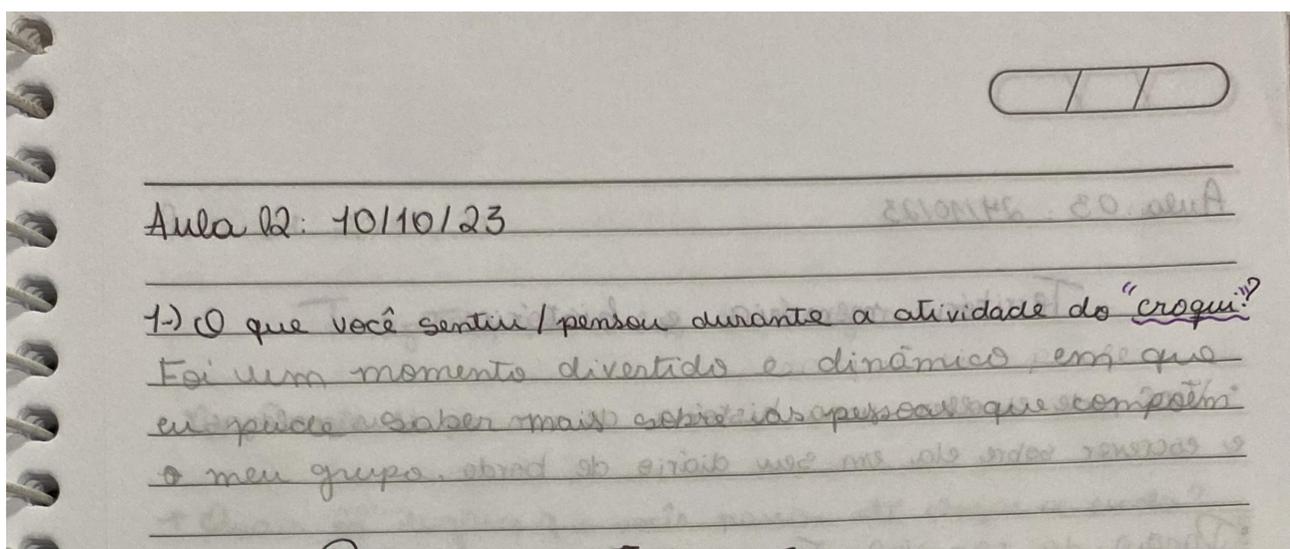
Fonte: acervo da autora

Comecei então, a entrega das cartolinas e colocando algumas orientações no quadro, chamando atenção para que os grupos focassem em discutir as informações que estivessem sendo colocados em seus croquis, para que buscassem analisar as realidades desses diversos territórios vividos.

Propus que eles desenhassem na cartolina um território escolhido por um membro de cada equipe. Os estudantes se dividiram em sete grupos, que variou de 5 ou 8 integrantes em cada grupo. Obrigatoriamente, esse território precisava conter as seguintes informações: o território da escola, a casa de um estudante ou de todos do grupo, lugares que eles/elas frequentam todos os dias, um local que eles/elas gostam muito e um lugar que eles/elas preferem não visitar. Depois dessas informações os estudantes poderiam acrescentar quantas mais desejares.

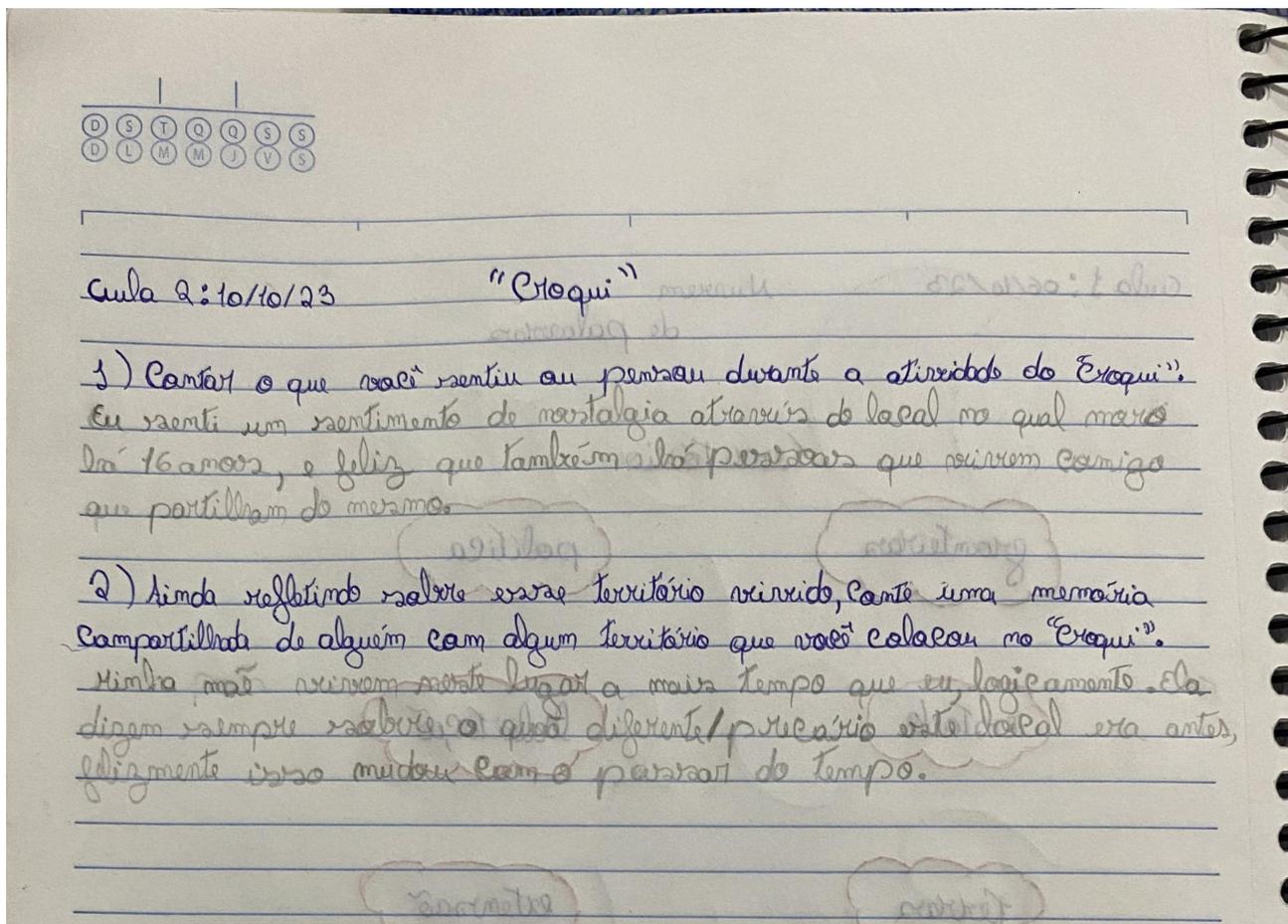
Esse território vivido e experienciado pelos estudantes originaram diversos croquis que cada grupo apresentou para o restante da turma na aula seguinte. Em um segundo momento da aula, pedi que os estudantes registrassem em seus diários de bordo como se sentiram ao fazer as atividades propostas (ver figuras 8 e 9). Para finalizar essa aula, ainda refletindo sobre esse território vivido, solicitei aos estudantes que trouxessem na próxima aula uma pequena entrevista com alguém que tenha uma memória compartilhada com algum território que o estudante colocou no seu croqui, no desenho da cartolina.

Figura 8: Diário de bordo da estudante Laiza da Silva.



Fonte: acervo da autora

Figura 9: Diário de bordo do estudante Huan Victor.



Fonte: acervo da autora

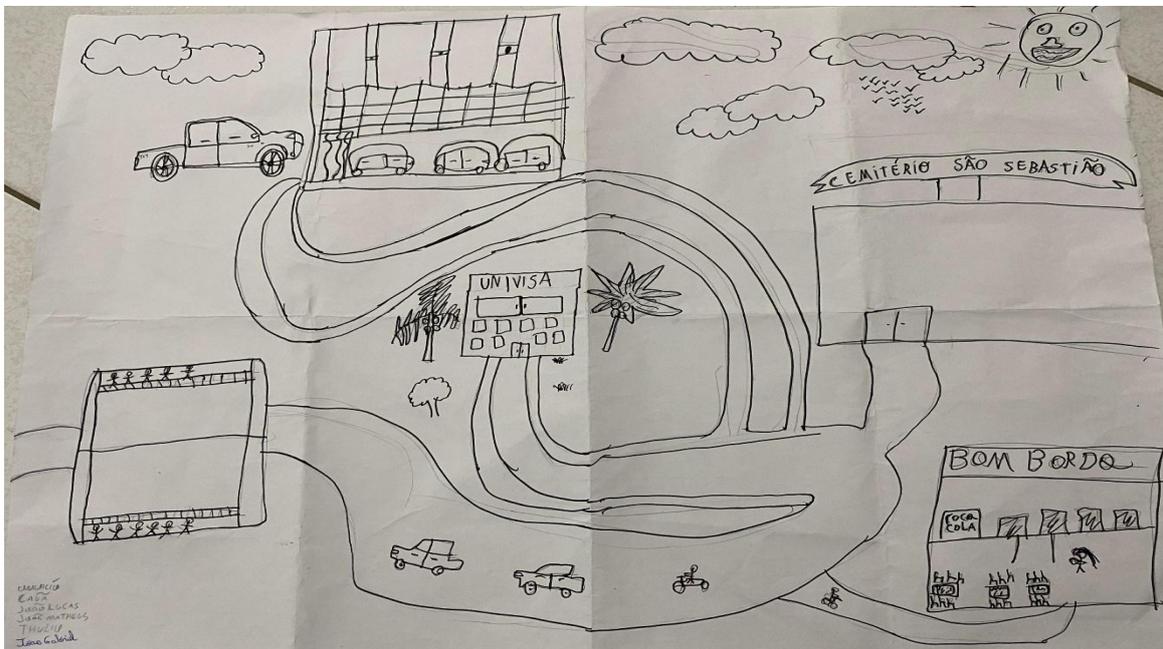
Para encerrar essa aula, discutimos sobre as perguntas que são importantes para o desenvolvimento de uma entrevista, durante esse processo fui mostrando para os estudantes que para uma boa entrevista é crucial fazer boas perguntas. Nessa entrevista os estudantes poderiam fazer as seguintes perguntas: nome do entrevistado(a), idade, cor, grau de escolaridade, sexo, qual a memória mais antiga que você tem desse território? (que vai ser escolhido pelo estudante, antes de escolher quem será o entrevistado). O que mudou da sua memória para os dias atuais desse território? Orientei que registrassem tudo no seu diário de bordo. Assim, introduzir de forma sutil, ainda nessa aula, o tema “territórios de memórias” que seria trabalhado na aula seguinte.

3.2.3 Aula 3: Território, memórias e histórias

Os estudantes foram se organizando nos mesmos grupos da aula anterior, para facilitar as apresentações. A partir da confecção dos *croquis*, procuramos observar o que foi produzido, os territórios, memórias e histórias que foram surgindo ao longo do percurso.

O Grupo 1 (ver figuras 10 e 11) usou o território do estudante Maurício Nascimento. Colocando o prédio da escola no centro do *croqui*, ressaltando que o lugar que ele prefere ir todos os dias é a academia e um restaurante chamado Bombordo, em relação a um lugar que o estudante prefere não ir é o Cemitério da cidade, que traz para ele o sentimento de tristeza.

Figura 10: Croqui do Grupo 1.



Fonte: acervo da autora.

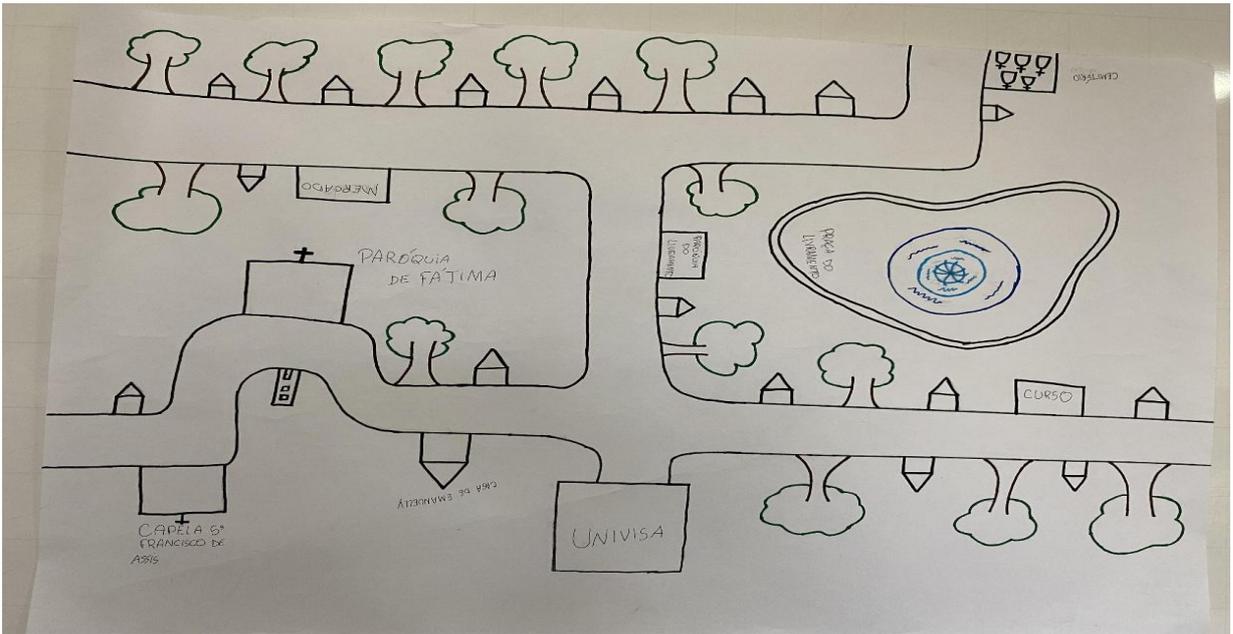
Figura 11: Apresentação do Grupo 1.



Fonte: acervo da autora

O Grupo 2 (ver figuras 12 e 13), escolheu o território da estudante Emanuella Silva. A escola ficou como um lugar rotineiro, a estudante é muito religiosa e nos lugares que gosta de ir teremos uma capela, a de São Francisco de Assis e duas paróquias, sendo a primeira a de Nossa Senhora de Fátima e a segunda a do Livramento. Um local que ela não gosta frequentar é o Cemitério da cidade, que possui memórias de pessoas que já se foram.

Figura 12: Croqui do Grupo 2.



Fonte: acervo da autora

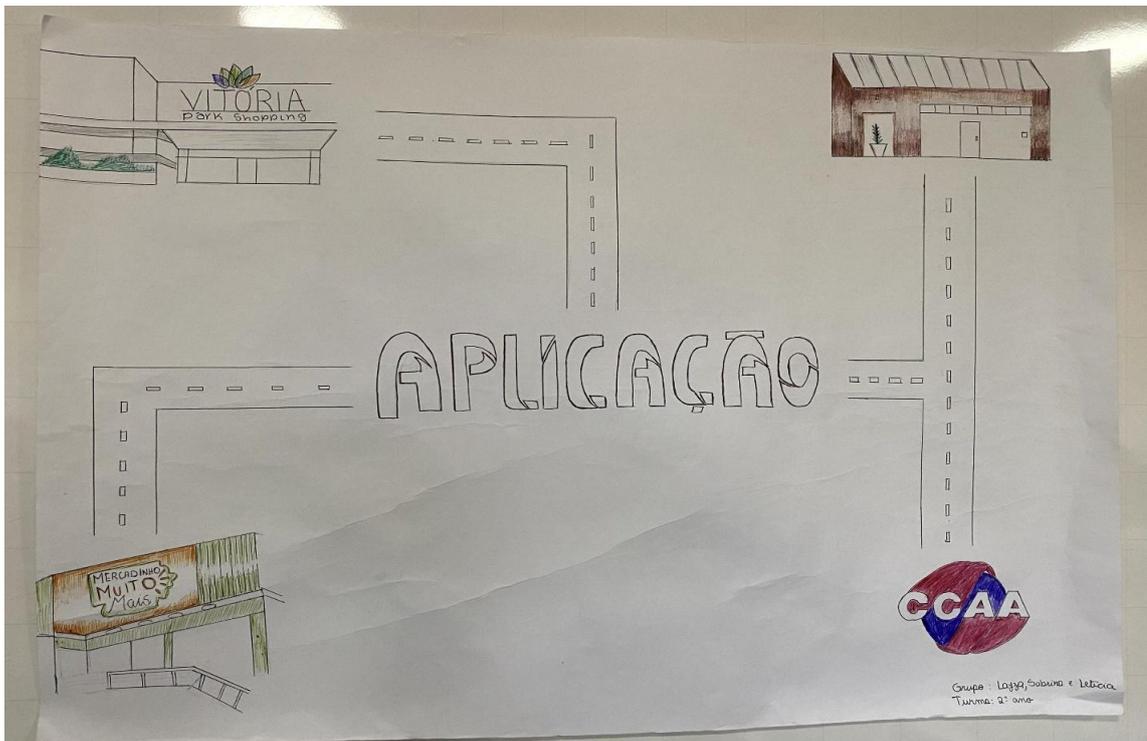
Figura 13: Apresentação do Grupo 2.



Fonte: acervo da autora

No Grupo 3 (ver figuras 14 e 15), a estudante escolhida para ter o território representado no *croqui* foi Sabrina Muniz, que colocou seu curso de inglês, sua casa e o Shopping como os lugares que ela prefere visitar, ao contrário do mercado que foi colocado, como um lugar que ela prefere não ir.

Figura 14: Croqui do Grupo 3



Fonte: acervo da autora

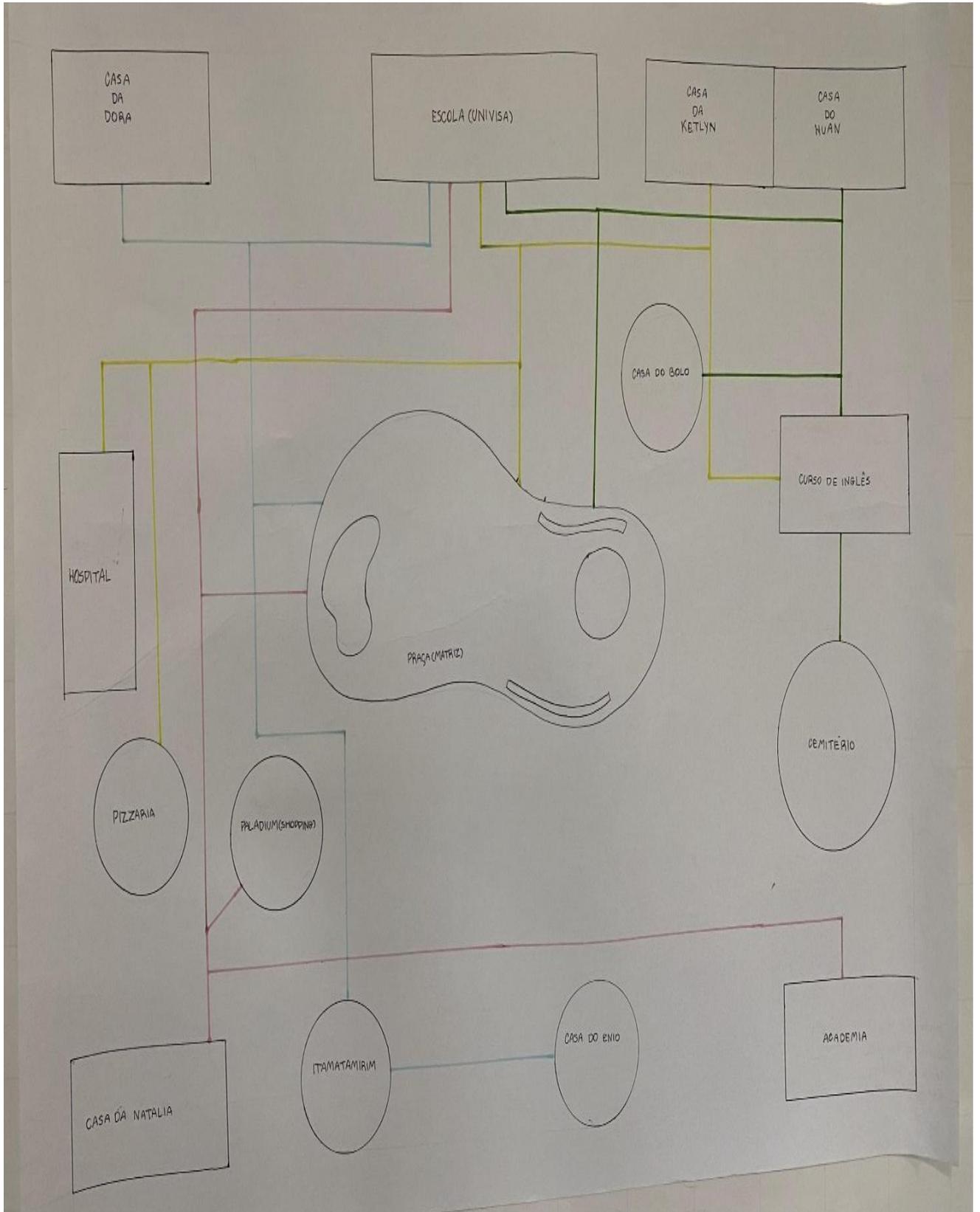
Figura 15: Apresentação do Grupo 3.



Fonte: acervo da autora

O Grupo 4 (ver figuras 16 e 17), usou uma estratégia diferente, resolveu representar o território dos quatro estudantes até a escola, ponto comum dos estudantes. Os trajetos desenvolvidos pela estudante Isadora Gueiros eram os menores, ela costuma sair de casa apenas para ir à escola e gosta muito de visitar o parque Itamatimir. Já a estudante Natália Oleskovicz, vai para a academia, para o Shopping e para a praça, não existe no seu croqui um lugar que ela não goste de ir. O estudante Huan Victor, vai para o curso de inglês, para a praça, é um local que ele prefere não ir e o Cemitério. Por fim, a estudante Ketlyn Gabriele, vai também para o curso de inglês, para a pizzaria, é um local que ela prefere evitar é o hospital. O grupo usou uma legenda para traçar o território no *croqui*, as cores utilizadas foram o verde, azul, rosa e amarelo. O território verde pertence ao estudante Huan Victor, o azul pertence a Isadora Gueiros, o rosa pertence a Natália Oleskovicz e o amarelo pertence a Ketlyn Gabriele.

Figura 16: Croqui do Grupo 4.



Fonte: acervo da autora

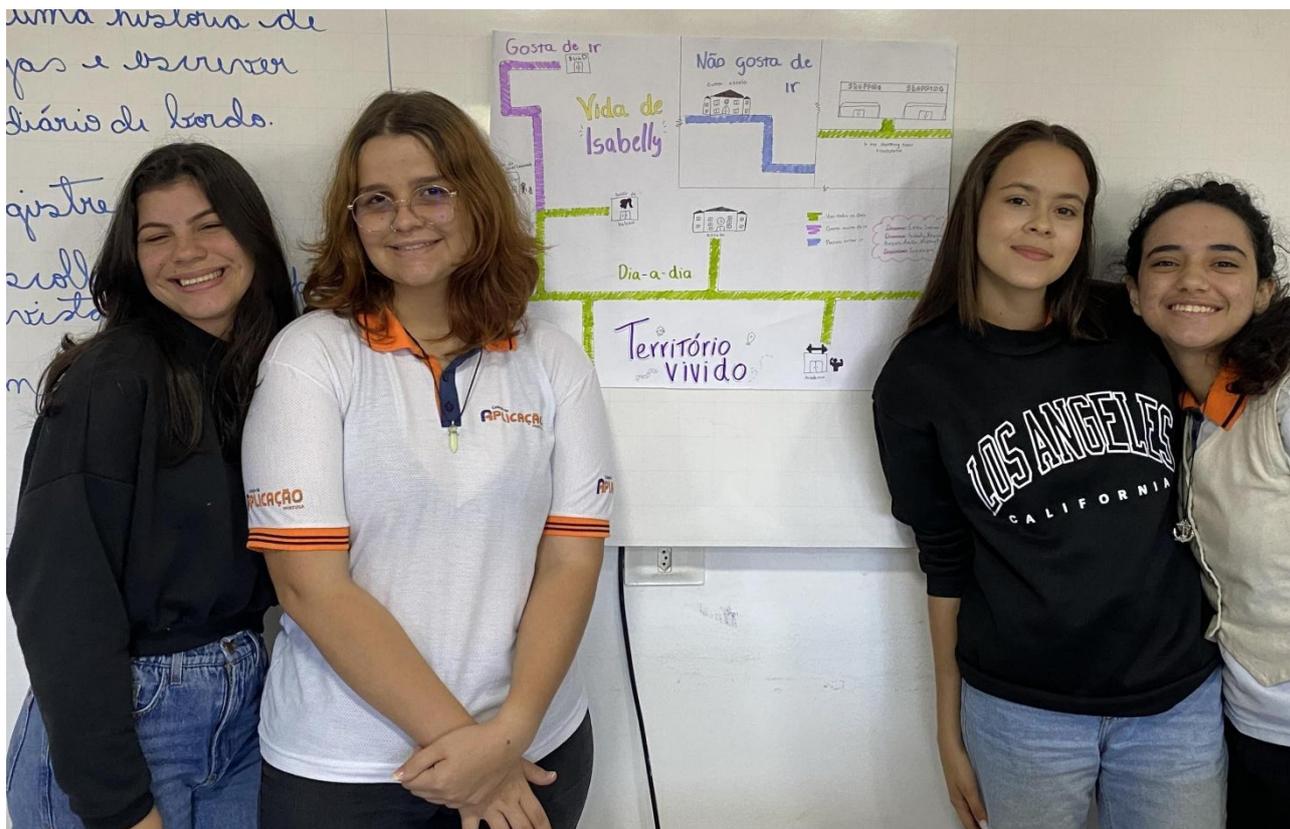
Figura 17: Apresentação do Grupo 4.



Fonte: acervo da autora

No Grupo 5 (ver figuras 18 e 19), o grupo escolheu falar sobre o território de vida da estudante escolhida foi Isabelly Sales, e decidiu colocar uma legenda em seu *croqui*, com a seguinte representação: a cor verde, para os lugares que vai todos os dias; a cor rosa, para os lugares que gosta muito de ir; e o azul, para os lugares que ela prefere evitar ir. Sobre os lugares que a estudante gosta muito de ir: para a casa da avó materna e de comprar produtos para o cabelo na loja Lola. Locais que vai todos os dias depois da escola: para o Shopping fazer fisioterapia, para a academia. O lugar que a estudante prefere evitar é a sua antiga escola, evita de ir de todas as maneiras possíveis de passar na frente, as memórias são de episódios de bullying.

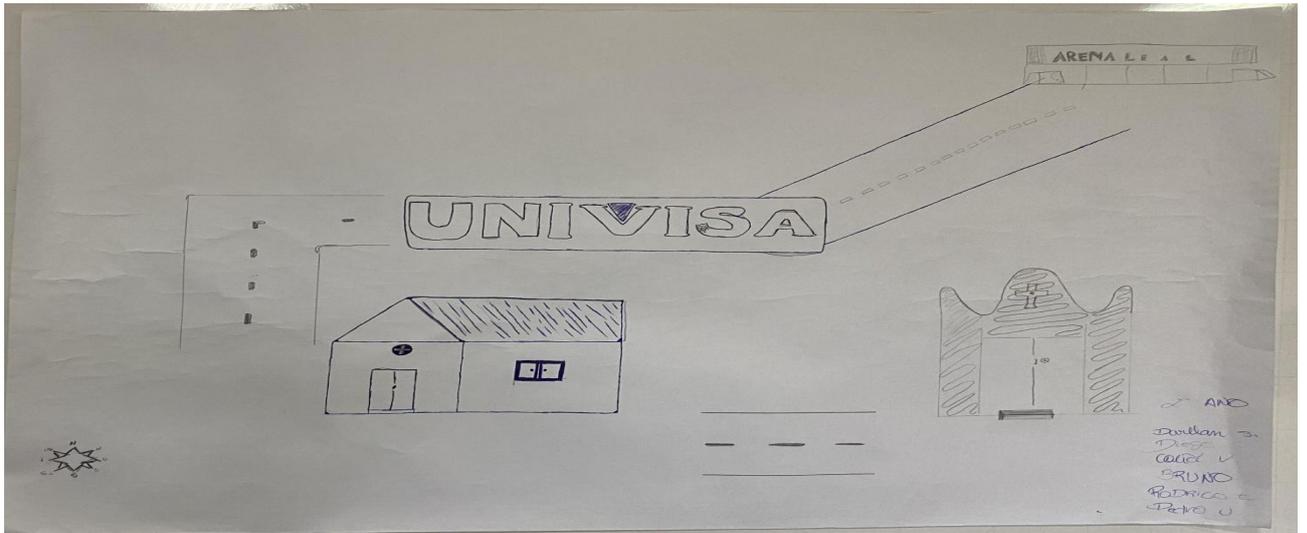
Figura 19: Apresentação do Grupo 5.



Fonte: acervo da autora

O Grupo 6 (ver figuras 20 e 21) escolheu falar do território vivido pelo estudante Darllan Santos. A escola ficou no centro do seu croqui, a arena de futebol e a igreja como sendo os territórios que ele mais gosta de ir. Mas, preferiu não colocar um território ou local que não gosta de ir.

Figura 20: Croqui do Grupo 6



Fonte: acervo da autora

Figura 21: Apresentação do Grupo 6.

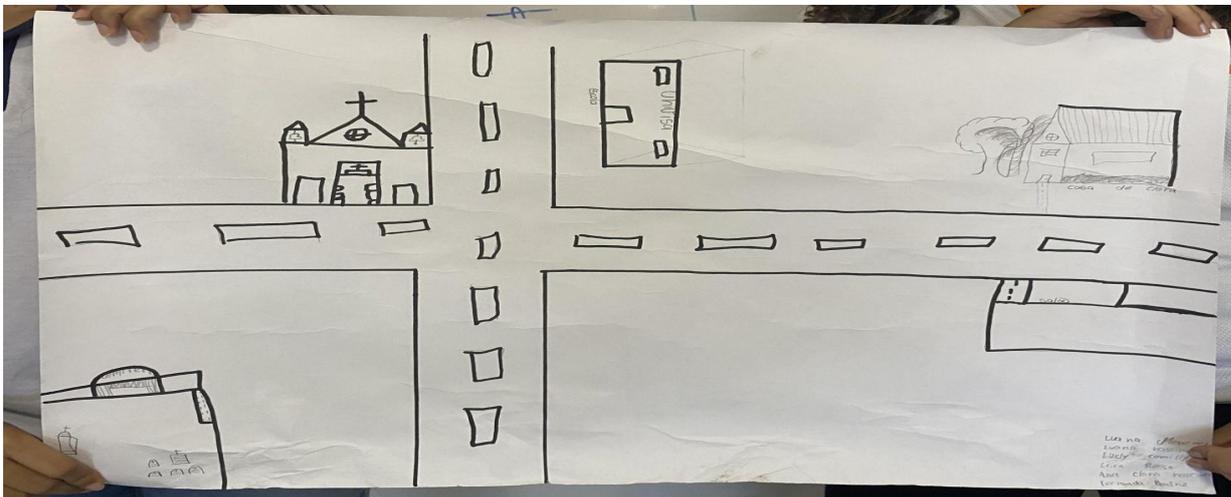


Fonte: acervo da autora

No Grupo 7 e último grupo, a estudante escolhida foi a Ana Clara Silva, por morar muito próxima à escola, o grupo escolheu o seu território para fazer a representação no croqui. A estudante auxilia sua mãe no salão de beleza da família, por isso, todos os dias depois da escola,

ela vai para lá. Frequenta muito também a igreja católica e o local ou território que ela prefere evitar e o Cemitério da cidade ver figura 22 e 23.

Figura 22: Croqui do Grupo 7.



Fonte: acervo da autora

Figura 23: Apresentação do Grupo 7.



Fonte: acervo da autora

Um local que foi apontado por quase todos os grupos como um território que não gostam de ir, foi o cemitério da cidade. Em seguida, depois das apresentações dos grupos, solicitei à turma que fizessem uma roda, para que pudéssemos articular o segundo momento da aula (ver

figura 24). Nesse momento, começaram as apresentações para os colegas, das entrevistas que eles fizeram sobre os territórios que eles representaram nos seus *croquis*. Os entrevistados variam de estudante para estudante, alguns entrevistaram os pais, mães ou responsáveis, como tios, tias, primos, amigos e até os próprios colegas de sala de aula.

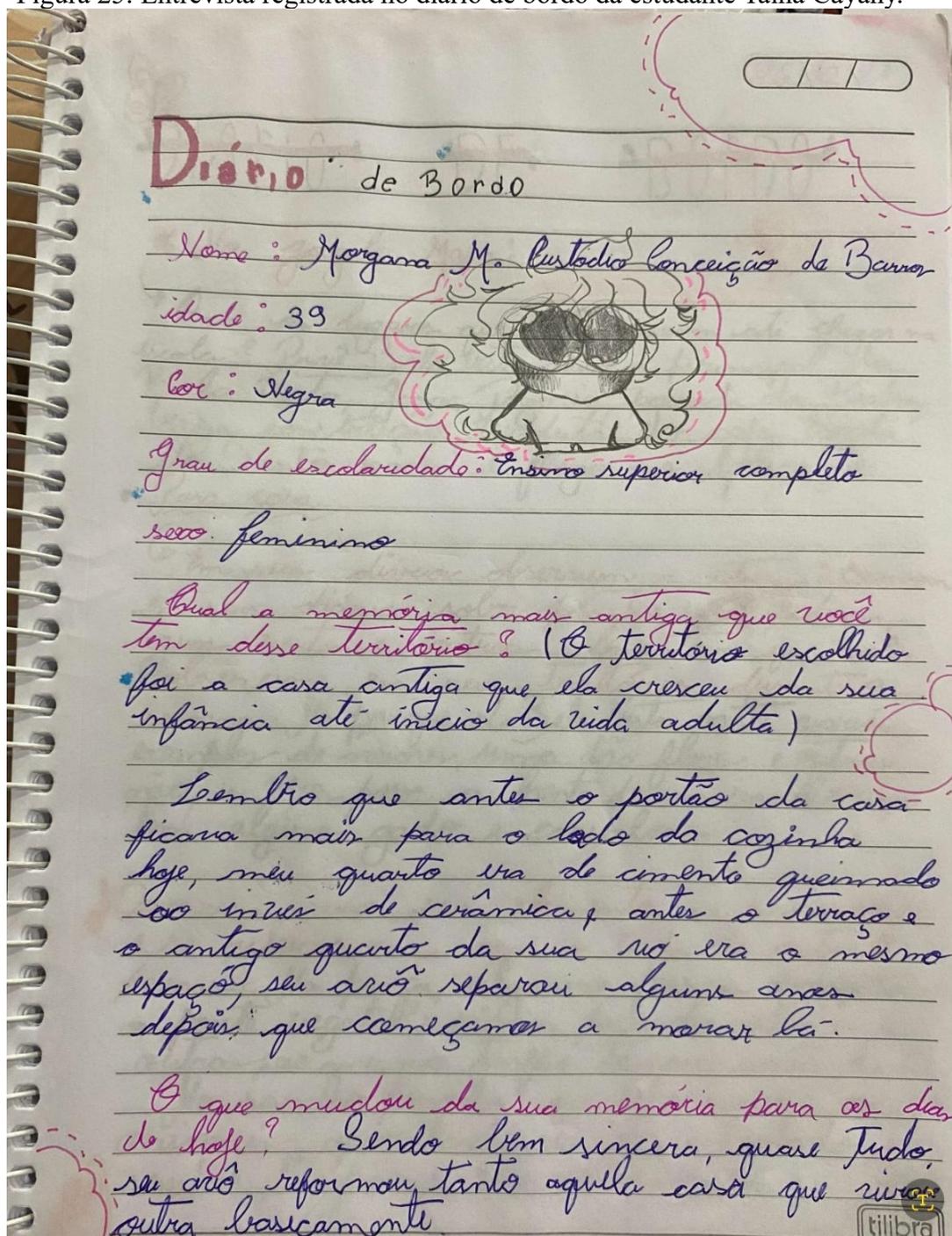
Figura 24: Roda de conversa.



Fonte: acervo da autora

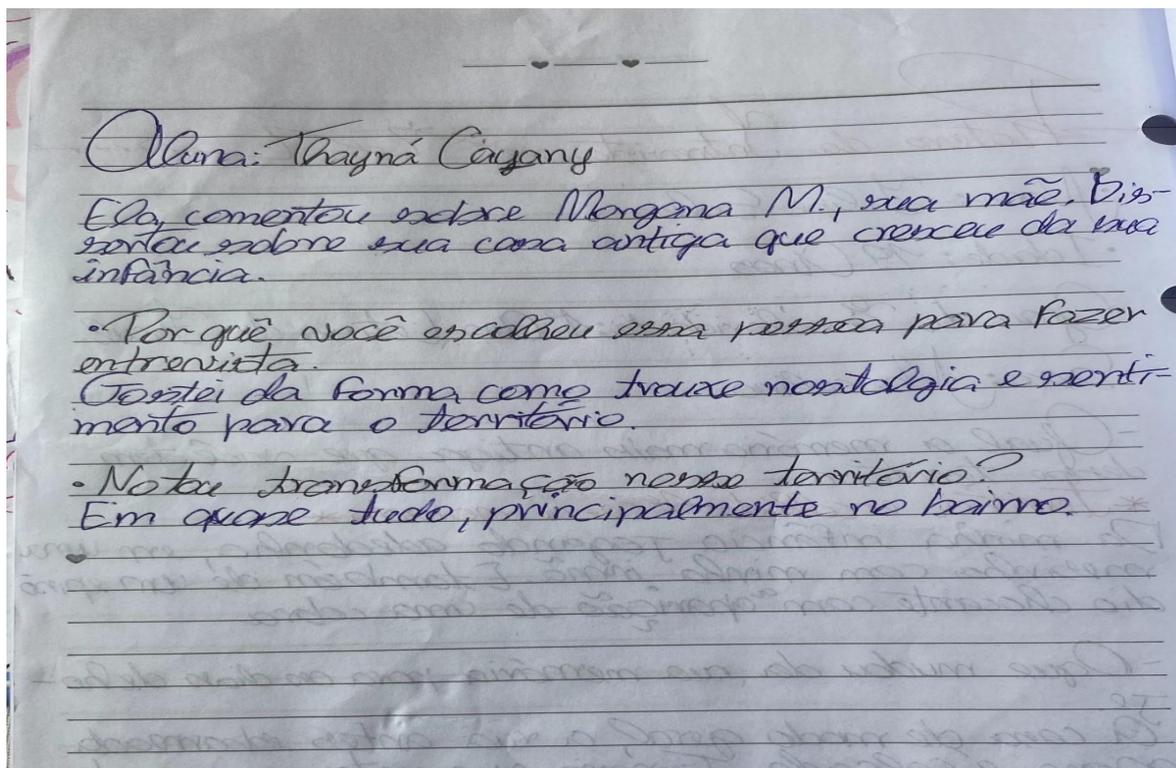
Após as apresentações dos colegas, solicitei que os estudantes pudessem escolher uma entrevista de algum colega que chamou sua atenção. Assim, depois da apresentação da entrevista da estudante Tainá Cayany (ver figura 25), que entrevistou a sua própria mãe, a estudante Isabelly Salles (ver figura 26) registrou a entrevista de sua colega em seu diário de bordo como foi solicitado.

Figura 25: Entrevista registrada no diário de bordo da estudante Tainá Cayany.



Fonte: acervo da autora

Figura 26: Entrevista registrada no diário de bordo da estudante Isabelly Salles.



Fonte: acervo da autora

Essa aula se estendeu um pouco mais do que o esperado e pude contar com a compreensão da professora seguinte para concluir a atividade. Essas três atividades: a primeira da confecção do croqui, a segunda a entrevista e a terceira uma entrevista de um colega de sala que o estudante mais gostou, teve como objetivo que os estudantes compreendessem o significado da ligação do território, da memória que vem sendo construída e reconstruída junto com todas as histórias que constroem e reconstróem a trindade: memória, território e histórias. Busquei nortear essa discussão a partir de minhas leituras e contribuições de Michael Pollak (1989) e Ecléa Bosi (1979).

3.2.4 Aula 4: Trajetos, caminhos e lugares

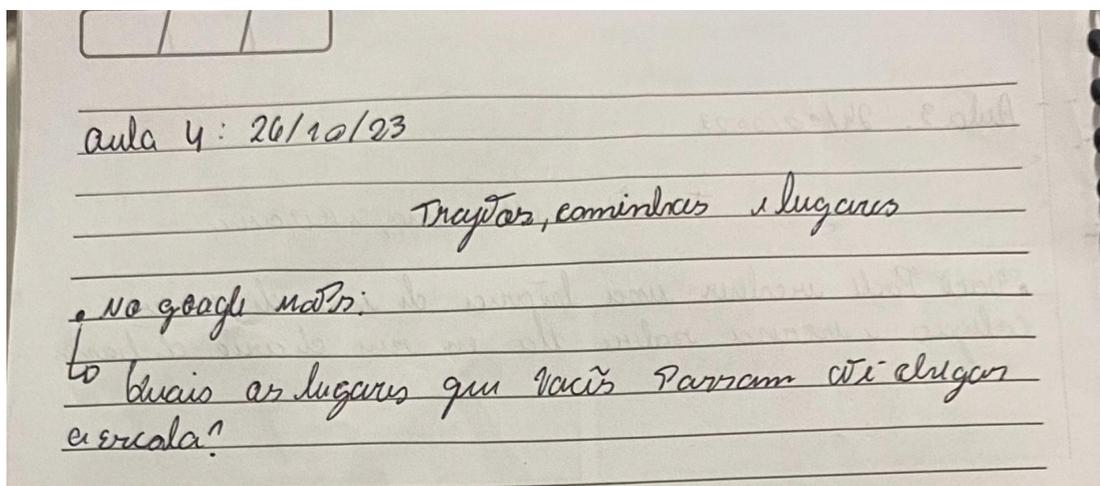
Propus no início da aula, um exercício que denominei de “imaginação sociológica”, constituída a partir do conceito de Mills (1969), esse conceito deve ser construído pelos estudantes durante as aulas de Sociologia. Vamos permear por muito mais que um acúmulo de conteúdos e conceitos sociológicos. Esperava que através dessa sequência didática, os estudantes pudessem aprender a refletir sobre o contexto social dos seus territórios em que vivem.

O objetivo principal dessa atividade proposta, é que os estudantes identificassem e refletissem sobre o trajeto e os lugares que passam por eles em seu caminho para a escola. Como já havíamos trabalhado na outra aula, os seus territórios, a memória e as histórias desses lugares, os estudantes já haviam sido provocados, a partir de uma perspectiva crítica.

Por outro lado, tivemos o auxílio, nesta aula, da tecnologia digital. Para viabilizar a atividade solicitei que cada estudante através do seu celular (ver figuras 27 e 28), acessasse o aplicativo *Google Maps* e, através dele, percorresse seu caminho de casa até a escola. Utilizando essa tecnologia os estudantes compartilhariam, com os grupos, as informações obtidas, percebendo quais os lugares, trajetos e caminhos se repetem no percurso.

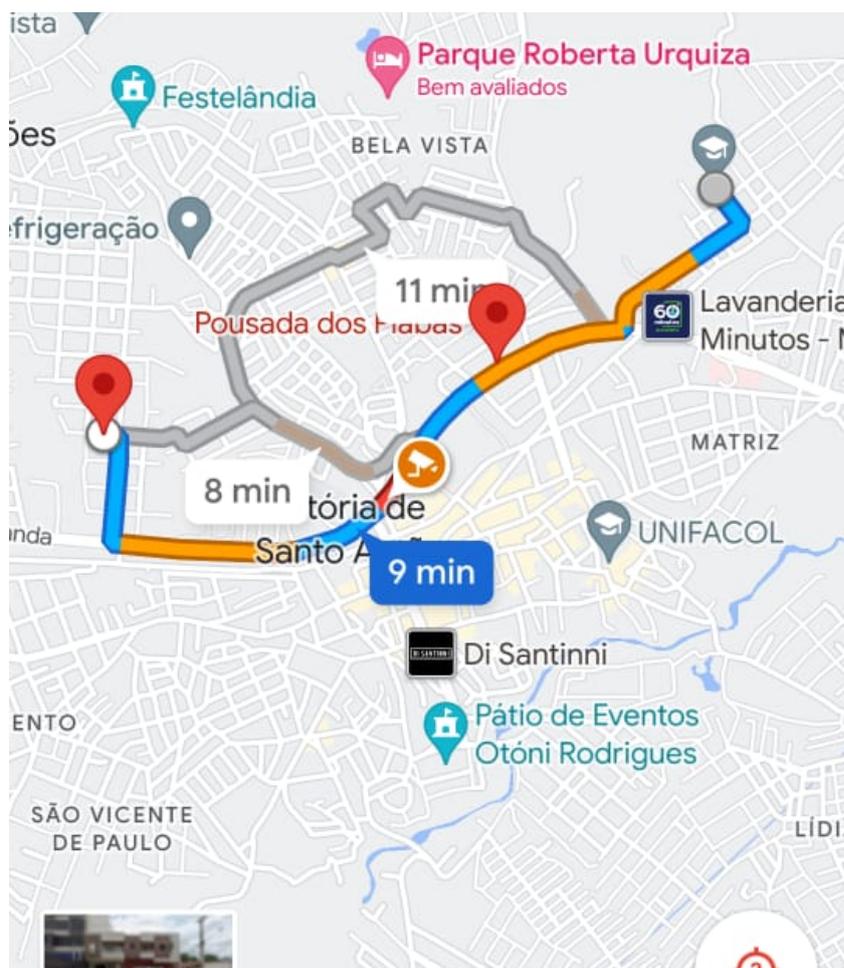
Inicialmente, os estudantes foram se agrupando. Em seguida, fui mostrando para os estudantes como pegar, no aplicativo, todo o recorte, de casa até a escola. Solicitei aos estudantes que fizessem comparações de trajetos, quais caminhos se entrelaçam, que lugares percorrem até a chegada à escola. Posteriormente, cada estudante individualmente me mandou por *e-mail* a imagem do seu trajeto.

Figura 27: Trajeto do estudante João Lucas.



Fonte: acervo da autora

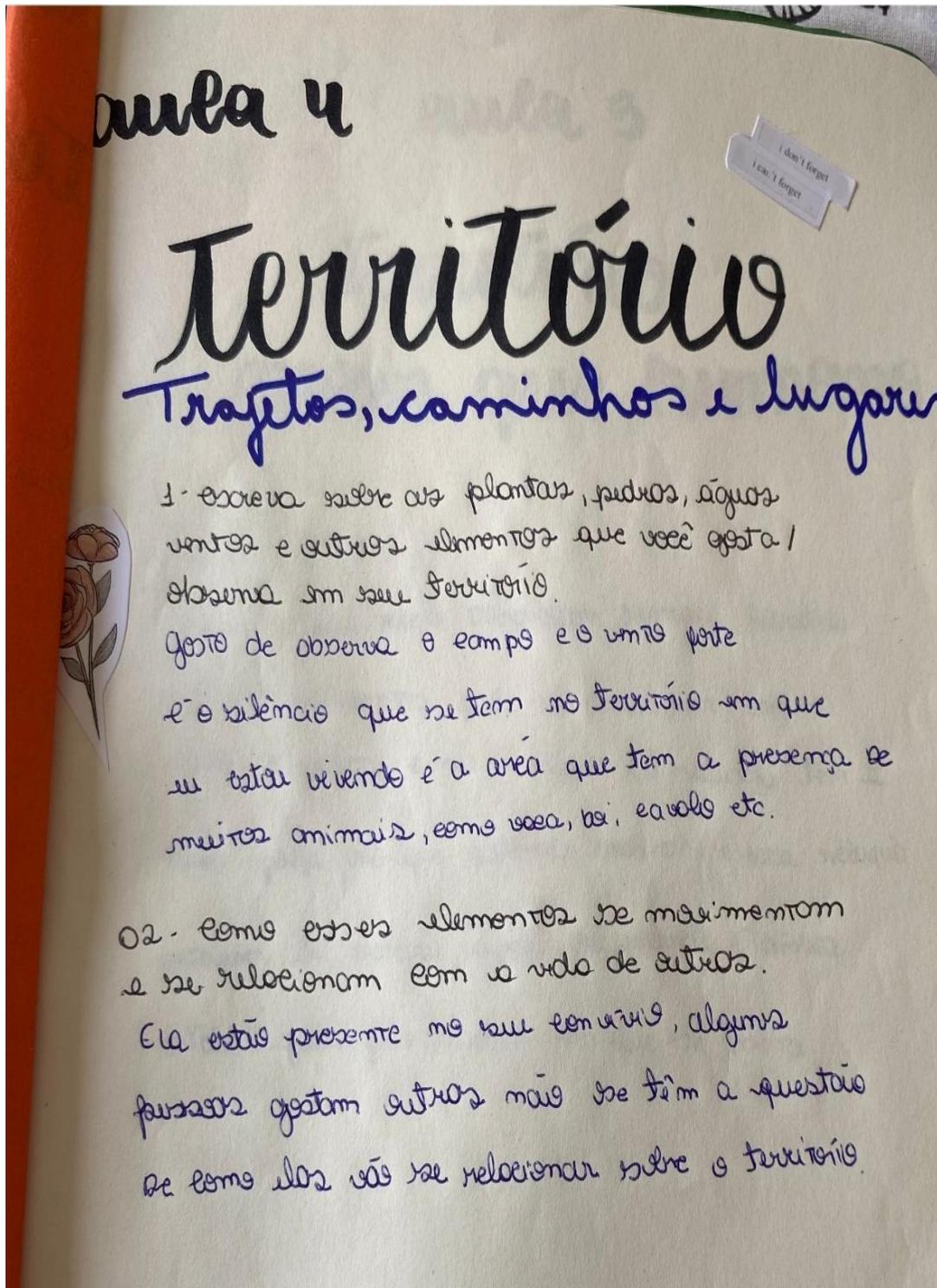
Figura 28: Trajeto do estudante João Lucas.



Fonte: acervo da autora

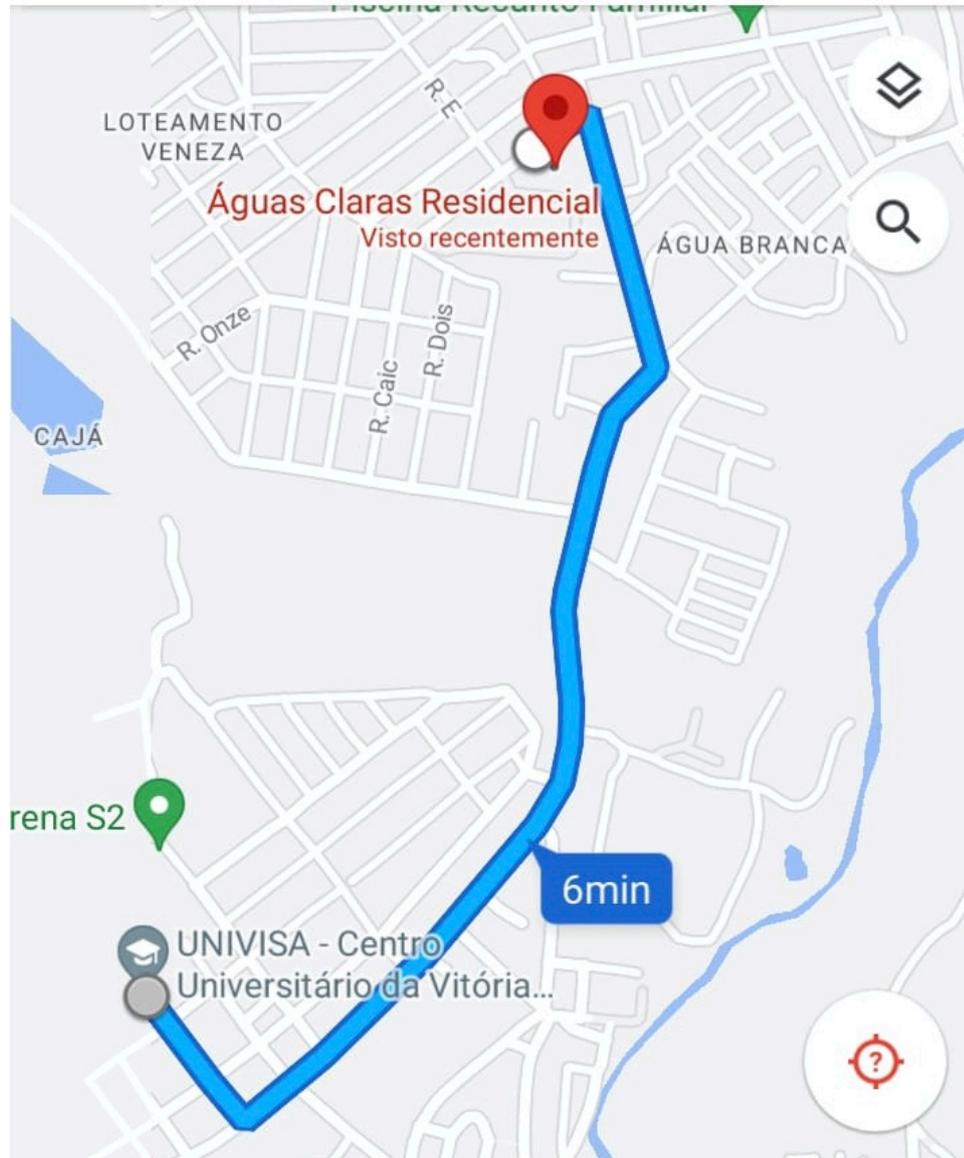
Os estudantes, em sua maioria, ficaram bastante concentrados fazendo a atividade. Durante o desenvolvimento, vários grupos solicitaram a minha presença, para tirar dúvidas. A atividade foi muito rica em possibilidades, a troca entre eles observando o trajeto que o colega faz até a escola, entendendo se passam pelo mesmo caminho ou não, observando os diferentes lugares, de onde cada estudante vem. Os próprios estudantes (ver figuras 29, 30, 31, 32, 33 e 34) foram percebendo as diferenças nos elementos que compõem a paisagem, em seus diversos territórios, possibilitando uma interpretação direta dos aspectos ecológicos da cidade.

Figura 29: Diário de Bordo da estudante Ana Clara Moureira.



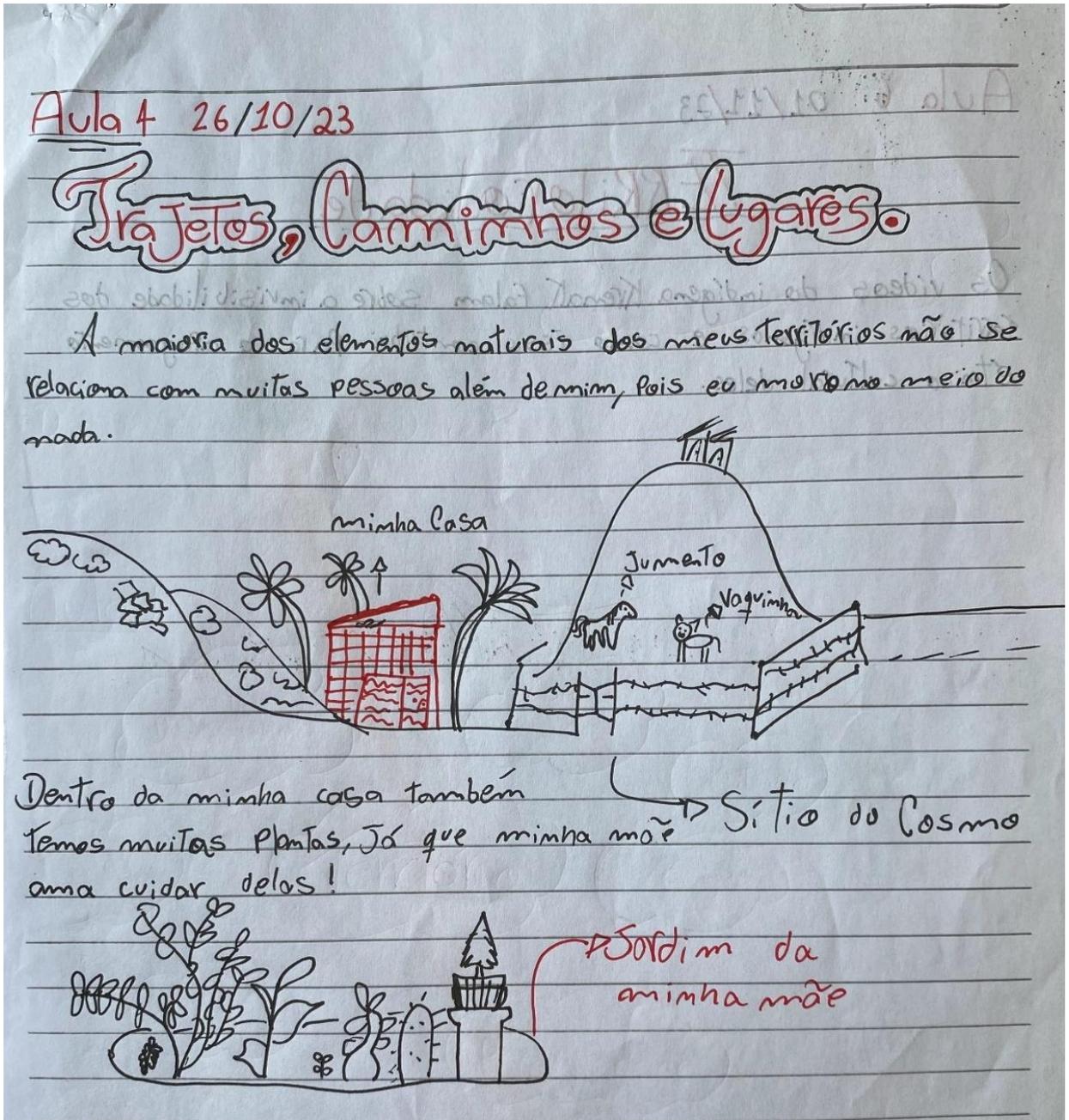
Fonte: acervo da autora

Figura 30: Trajeto da estudante Ana Clara Moureira.



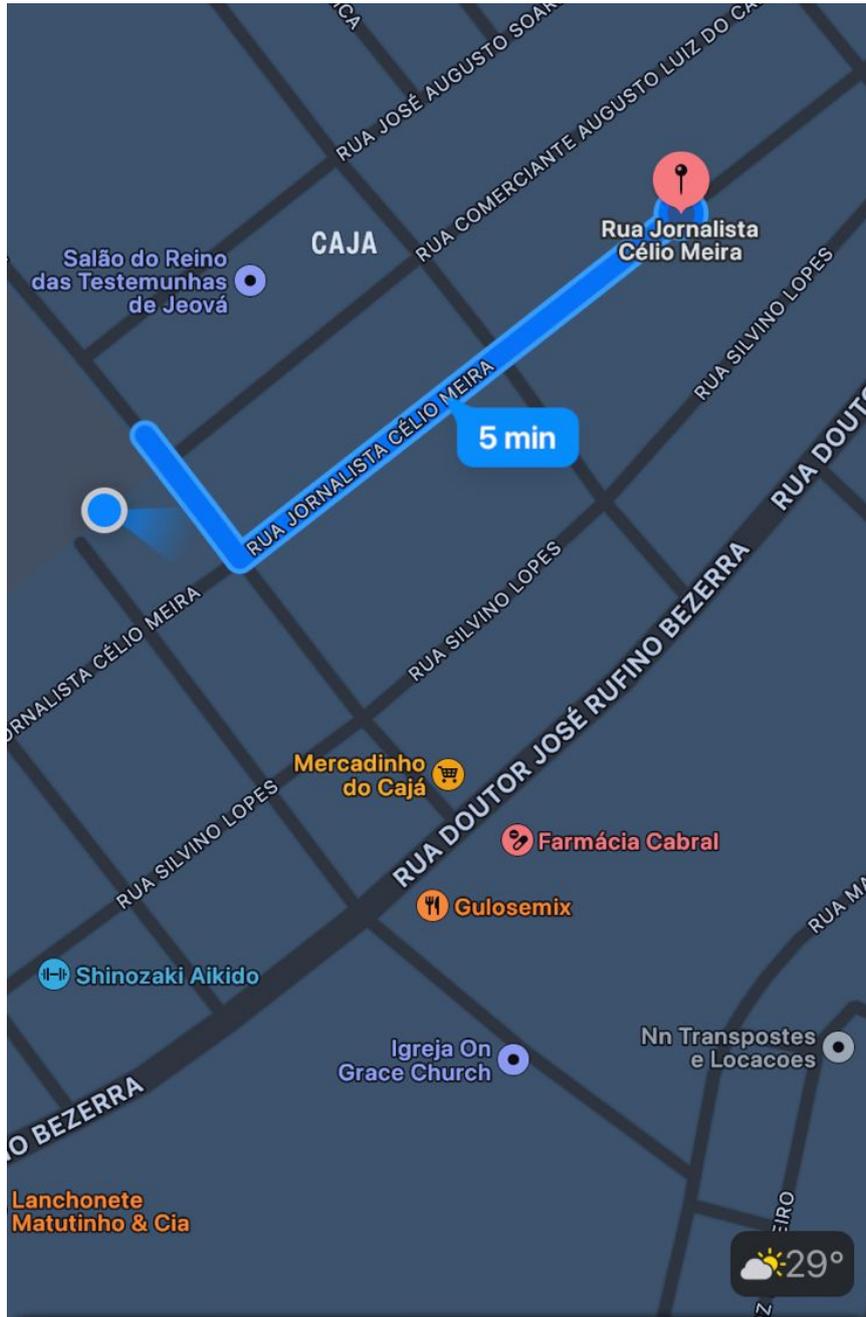
Fonte: acervo da autora

Figura 31: Diário de Bordo da estudante Sarah Danielly.



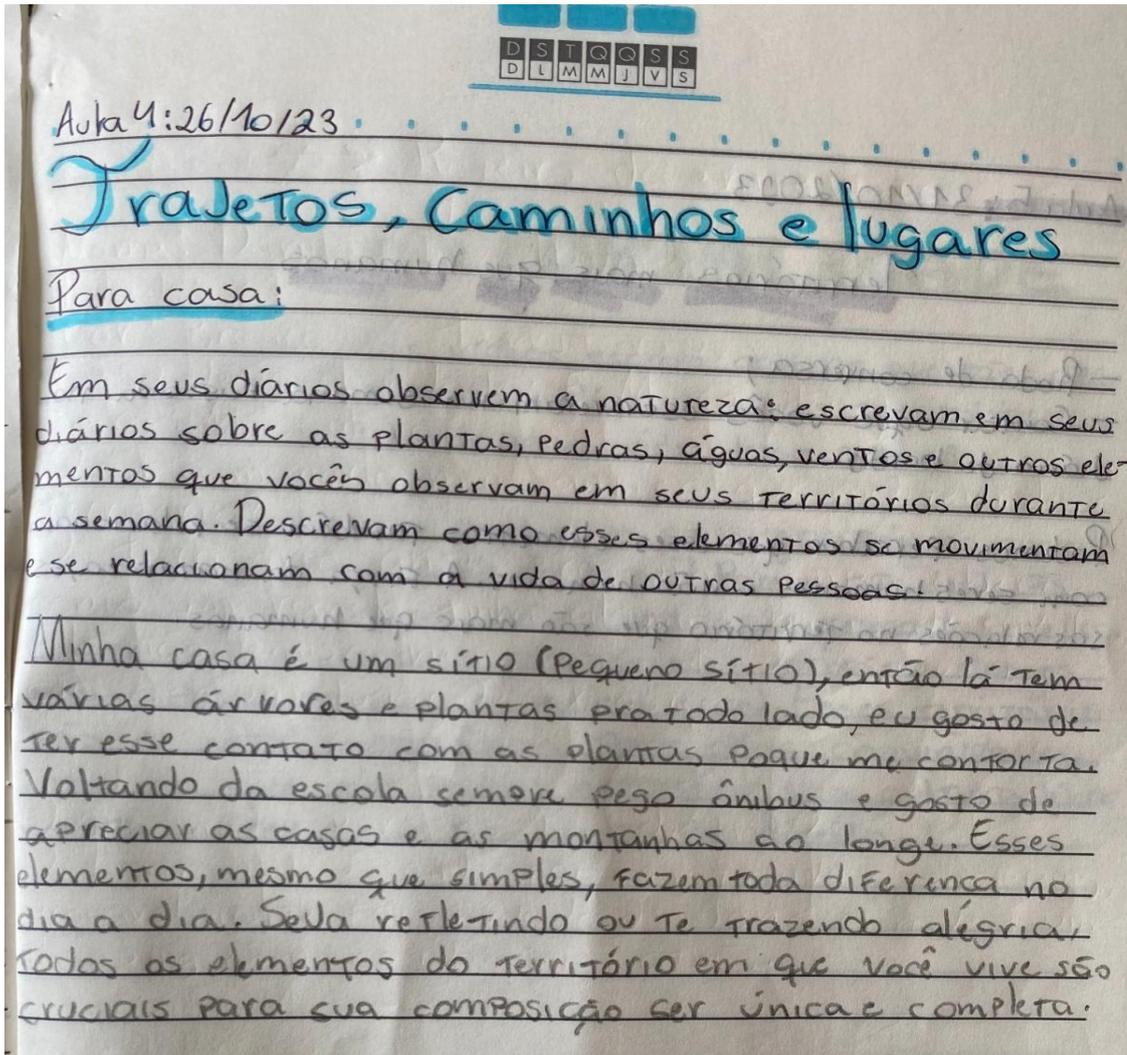
Fonte: acervo da autora

Figura 32: Trajeto da estudante Sarah Danielly.



Fonte: acervo da autora

Figura 33: Diário de Bordo da estudante Maria Raissa.



Fonte: acervo da autora

Figura 34: Trajeto da estudante Maria Raissa.



Fonte: acervo da autora

A atividade exigiu dos estudantes o desenvolvimento de diferentes habilidades: pensar e repensar sociologicamente, relacionar o trajeto do *Google Maps*, com os lugares que os colegas também frequentam, ou seja, o entrelaçamento de seus territórios de vida compondo um território coletivo, múltiplo. (ver figuras 35 e 36).

Uma outra problemática que vale a pena destacar foi a dificuldade existente para viabilizar toda a atividade proposta, com o tempo de duas aulas, por vezes, o(a) professor(a) que vinha para a sala depois da minha aula, cedia tempo para que eu pudesse encerrar a atividade. Ao final da aula, solicitei o envio das imagens para meu *e-mail*, pois esse material também seria utilizado para a avaliação dos estudantes nesse quarto bimestre.

Figura 35: Diário de Bordo da estudante Mikaelly Fontes.

AULA 4

Escrevam em seu diário sobre as plantas, pedras, águas, entre outros elementos que vocês observaram em seus territórios durante a semana. Onde eu morei tem muitos plantas por morar perto de um rio, há várias casas em construções então acaba sendo vários materiais de construções, tendo também a tendência de ver muitos animais como cavalos, cabras, ovelhas e vacas.

Descrevam como esses elementos se movimentam e relacionam com a vida de outras pessoas. As pessoas que tem a costuma de tirar sempre uma grande quantidade de folhas e plantas ao redor, a credito que com a função de dar para os animais, em geral tudo se relaciona.

Fonte: acervo da autora

Figura 36: Trajeto da estudante Mikaelly Fontes.



Fonte: acervo da autora

Para finalizar a aula, recomendei que, no percurso para casa, os estudantes observem a natureza e escrevam em seu diário de bordo, sobre as plantas, pedras, águas, ventos e outros elementos. Desta forma, conseguissem perceber que o território é vivido também em relações mais-que-humanas. Todas essas contribuições seriam utilizadas na próxima aula, exemplificando como esses elementos relacionam-se com a vida cotidiana das pessoas.

3.2.5 Aula 5: Territórios mais-que-humanos

Iniciei a quinta aula com uma roda de conversa (ver figura 37 e 38) para que os estudantes pudessem expor o que encontraram e escreverem em seu diário de bordo¹ sobre a temática da aula. Nessa aula, o objetivo era a compreensão dos estudantes sobre a relação entre humanos e não-humanos na produção do território e como constantemente relacionam-se de forma mútua.

Figura 37: Estudantes em roda de conversa.



Fonte: acervo da autora

¹ Ao utilizar trechos dos diários de campo, trechos de atividades e falas dos artistas colhidas nas entrevistas, fui fiel a forma como eles falaram ou escreveram, reproduzindo de forma fidedigna esses trechos.

Figura 38: A mascote da escola, Meg resolve aparecer na aula.



Fonte: acervo da autora.

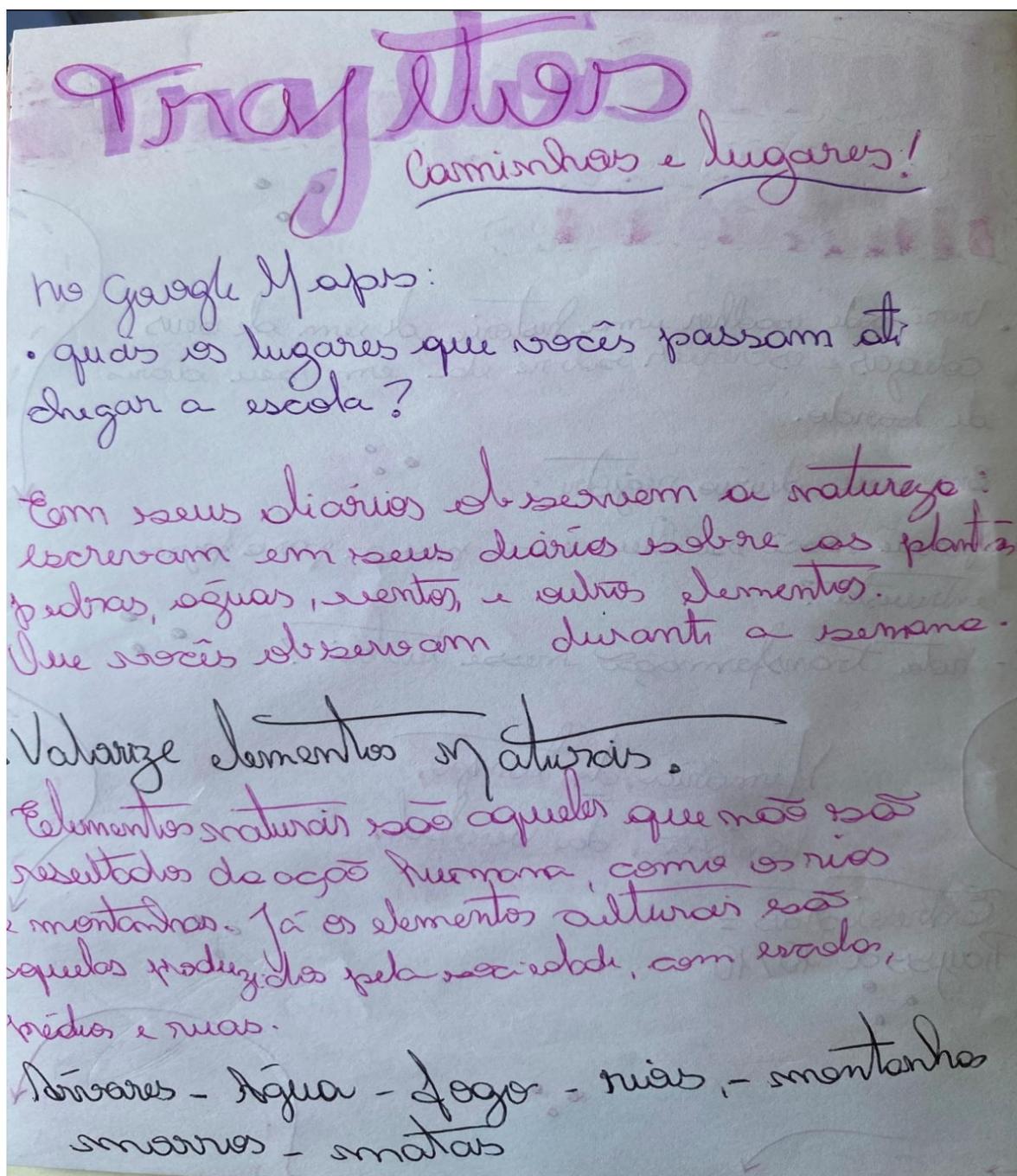
Uma aula sobre territórios mais-que-humanos, não poderia ter uma visita mais ilustre. A mascote do colégio apareceu para participar da aula. Meg é uma cadela que mora perto do colégio, e todos os dias aparece na escola. Como a aula falava sobre territórios mais-que-humanos, os estudantes adoraram que nesse dia foi a nossa turma que ela escolheu para ficar.

No meu caderno de anotações pude fazer uma anotação que trago para você leitor(a): “Os animais mencionados a maioria foram animais domésticos ou animais abandonados. Os estudantes citaram a própria mascote da escola Meg. Com essa discussão foi necessário escutar com atenção os estudantes, por uma voz só ecoaram que é crucial cuidar da natureza.”

Para esta aula, precisei recapitular algumas contribuições das aulas passadas, principalmente a quarta aula, que debatemos sobre “Trajetos, caminhos e lugares”. Assim, busquei no diário de bordo da estudante Rayza Amorim (ver figuras 39, 40 e 41) o caminho registrado por ela. A estudante descreve aspectos de mudanças e de transformações desse

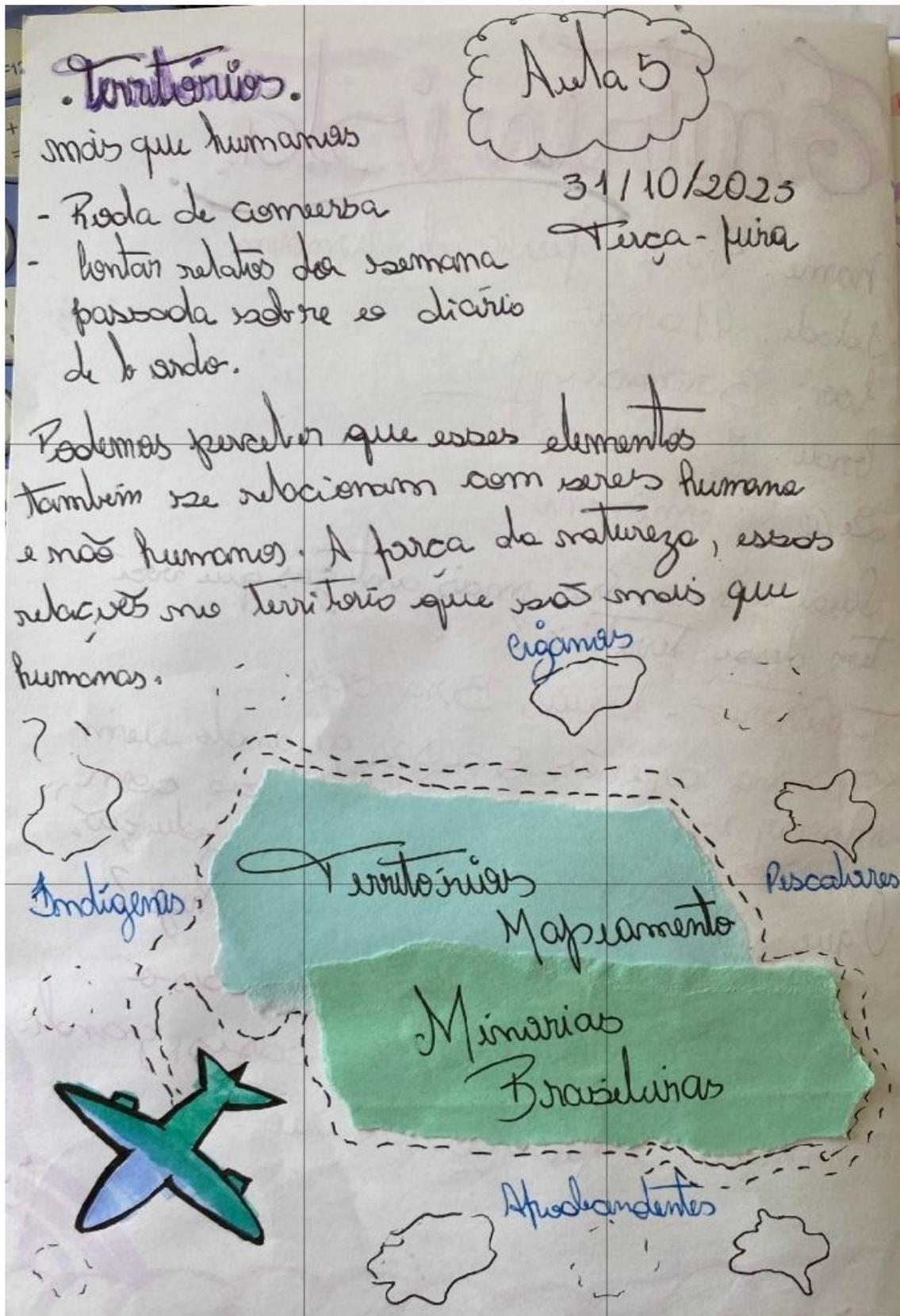
território nas suas anotações, inclusive com o acréscimo de um desenho. Adiciona, ainda, a percepção de mudança no contexto de territórios de povos e comunidades tradicionais.

Figura 39: Diário de Bordo da estudante Raiza Amorim da aula 4.



Fonte: acervo da autora

Figura 40: Diário de Bordo da estudante Raiza Amorim da aula 5.



Fonte: acervo da autora.

Figura 41: Diário de Bordo da estudante Raiza Amorim complemento da aula 5.

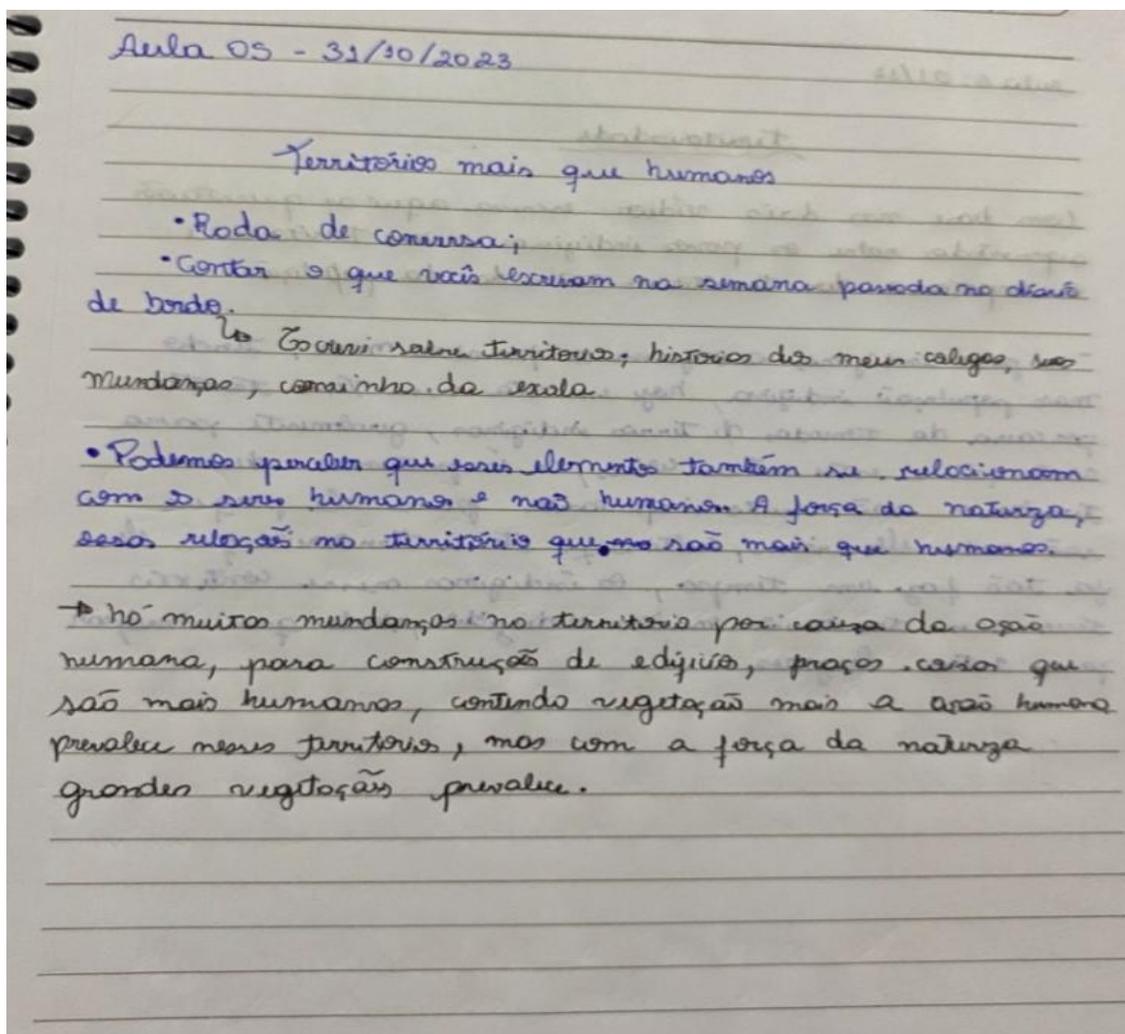


Fonte: acervo da autora

Na sequência continuei com o debate sobre o que os estudantes vêm de animais, plantas, riachos rio, pontes no seu trajeto da escola para casa e de casa para a escola. Os animais mencionados em sua maioria são animais domésticos.

É visível o descontentamento dos estudantes (ver figura 42) em relação a posição da gestão da prefeitura, que insiste em cortar a grande maioria das árvores da cidade. Assim, durante a aula foi mencionada a falta de manejo com a manancial do rio Tapacurá que corta toda a região, fazendo com que, nos períodos de chuva, a população sofra com as enchentes. Com toda essa discussão foi necessário perceber que viver em sociedade significa também estar atento às relações dos humanos com elementos e seres não humanos, para produzir-se um território habitável para humanos e não-humanos.

Figura 42: Diário de Bordo do estudante Diego dos Santos.



Fonte: acervo da autora

3.2.6 Aula 6: Território, e identidade (territorialidade); território e relações sociais

Ao definirmos a temática do território como conteúdo curricular na aula de Sociologia e que iríamos, nessa abordagem priorizar conceitos, teorias e metodologias próprias da antropologia, percebemos que seria necessário, para cumprir esses objetivos, criar estratégias para que os estudantes pudessem conhecer sua territorialidade no contexto social abordado. Diante desse contexto, o ideal seria oferecer, durante as aulas, materiais que permitissem um contato direto com seu território, seus sujeitos, suas histórias.

Para além disso, avalei ser importante trazer aos estudantes referências de territórios diversos daqueles em que vivem. Em especial julguei importante abordar os territórios indígenas. Para tanto, identifiquei que a exibição dos vídeos poderia ser um recurso interessante para que estudantes pudessem reconhecer o contexto social, cultural e territorial da luta dos povos indígenas selecionei dois vídeos do filósofo e indígena Ailton Krenak. Antes da exibição dos dois vídeos, coloquei no quadro algumas questões que seriam utilizadas para a construção de um debate, a partir dos conteúdos trabalhados nas últimas aulas, sobre a produção e reprodução do território e na aula do dia, focando na territorialidade indígena, no pertencimento que essa comunidade tem com o território brasileiro, evidenciando os seguintes elementos:

- A importância da demarcação dos territórios indígenas;
- A territorialidade da comunidade indígena se assemelha ou se diferencia das relações do homem branco?

Antes da exibição dos vídeos expliquei para os estudantes o conceito de territorialidade, com base em um texto de Paul Little (2003, p. 253)

A renovação da teoria de territorialidade na antropologia tem como ponto de partida uma abordagem que considera a conduta territorial como parte integral de todos os grupos humanos. Defino a territorialidade como o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu “território” ou homeland² (cf. Sack 1986: 19). Casimir (1992) mostra como a territorialidade é uma força latente em qualquer grupo, cuja manifestação explícita depende de contingências históricas. O fato de que um território surge diretamente das condutas de territorialidade de um grupo social implica que qualquer território é um produto histórico de processos sociais e políticos. Para analisar o território de qualquer grupo, portanto, precisa-se de uma abordagem histórica que trata do contexto específico em que surgiu e dos contextos em que foi defendido e/ou reafirmado.

² A palavra inglesa “homeland” tende a ser traduzida como “pátria” em português. Mas o significado mais comum de pátria faz referência a um Estado-nação, o que desvia o termo “homeland” de seus outros significados possíveis referentes às territorialidades de distintos grupos sociais dentro de um Estado-nação.

Depois da citação dos dois autores, continuo a exposição da aula, apresento quem é o Ailton Krenak e o motivo pelo qual foram os seus dois vídeos que escolhi.

O primeiro vídeo (ver figura 43) de quatro minutos e quarenta e cinco segundos, era do programa “Eu vi o Mundo”, liderado pelos cientistas políticos Dawisson Belém Lopes e Guilherme Casarões. A entrevista foi gravada durante a crise humanitária que assolou o povo Yanomami dos estados de Roraima e Amazonas, no final do Governo Bolsonaro. Nesse vídeo, Krenak chama a atenção para a invisibilidade histórica dos povos indígenas.

O segundo vídeo tem duração de dois minutos e vinte e cinco segundos, é do canal do Youtube “Selvagem- ciclo de estudos sobre a vida”, apresentado em 2021, nesse vídeo Ailton Krenak discute

“A ideia de que o mundo está acabando é uma ótima desculpa pra gente não fazer nada. É mais fácil acreditar que o mundo que nós vivemos pode acabar, do que sejam capazes de introduzir mudanças nesse mundo, o que é duma cretinice escandalosa, além da preguiça, além da falta de coragem, essa ideia denuncia um cretinismo que seria o empobrecimento do espírito. Nós temos que ter capacidade de mudar o mundo que estamos habitando, principalmente quando nós sabemos o dano que estamos causando com a nossa maneira de estar aqui, não e por estarmos aqui, essa casa comum e um lugar maravilhoso para coabitar com todos os outros seres que existem, nós somos bem-vindos aqui, a questão é o nosso modo de estar aqui, nós estamos do jeito errado aqui a Terra.”

Figura 43: Estudantes assistindo o primeiro vídeo de Ailton Krenak.

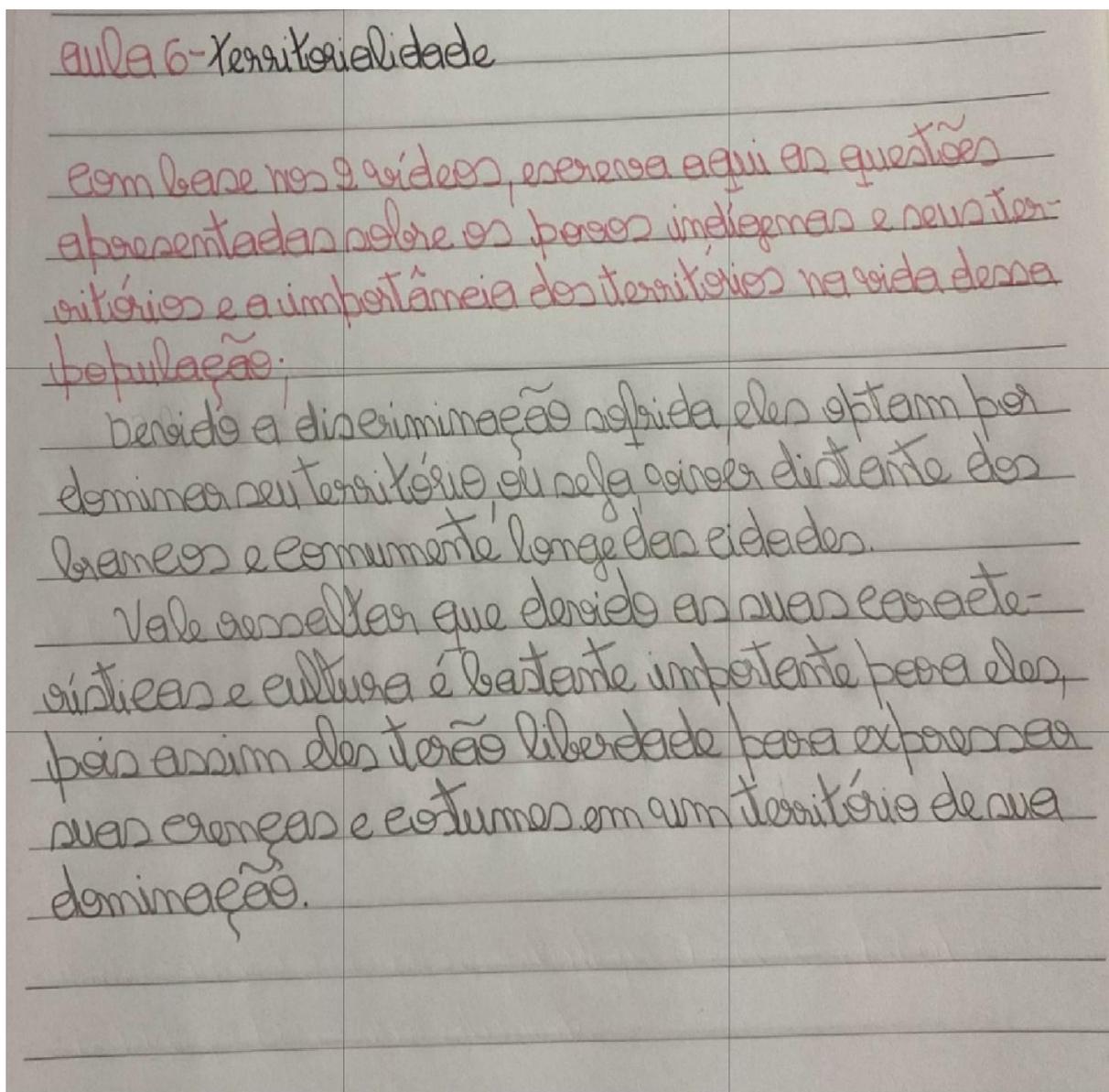


Fonte: acervo da autora

No final da exibição dos vídeos, os estudantes me surpreenderam querendo assistir uma segunda vez. Quando terminaram solicitei aos estudantes que, em seu diário de bordo (ver figura 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50 e 51), e a partir dos vídeos, norteados pelas questões que foram colocadas no quadro, respaldados nas exposições apresentadas nas aulas, respondessem à seguinte pergunta:

- a) Com base nos dois vídeos, escreva aqui as questões apresentadas sobre os povos indígenas e seus territórios e a importância da territorialidade na vida dos povos originários.

Figura 44 : Diário de Bordo da estudante Lais Emanuely .



Fonte: acervo da autora

Figura 45 : Diário de Bordo da estudante Laiza da Silva.

Aula 06 : 01/11/23

Territorialidade

- Com base nos dois vídeos, escreva aqui as questões apresentadas sobre os povos indígenas e seus territórios; e a importância dos territórios na vida dessa população.

Nos vídeos, são apresentadas críticas do filósofo e ambientalista Ailton Krenak, acerca de questões envolvendo a demarcação de território dos indígenas e a falta de valorização da cultura dos nativos no Brasil.

Esses territórios são fundamentais para os grupos nativos, pois possibilita a manutenção de seus modos de vida, seus saberes e suas expressões culturais, que fazem parte do patrimônio cultural brasileiro.

Além disso, vale ressaltar que é de extrema importância a proibição da demarcação de territórios indígenas, pois é relevante que o governo promova a garantia plena e total do direito à moradia e ao bem-estar físico e social desses povos originários, justamente pela dívida histórica que o Brasil tem com eles.

Fonte: acervo da autora

Figura 46: Diário de Bordo da estudante Natália Oleskovicz.

Territorialidade

Com base nos dois vídeos escreva aqui as questões apresentadas sobre os povos indígenas e seus territórios; e a importância dos territórios na vida dessa população.

Desde sempre os povos indígenas são excluídos pela sociedade, apesar de serem os primeiros a habitar o Brasil, eles são oprimidos e ignorados. É importante eles terem seus territórios demarcados e preservados, para que eles possam manter seu estilo de vida, manter sua cultura e ter seu espaço na sociedade.

Outro ponto abordado é o fato de não fazerem nada para mudar o mundo, usando o argumento que o mundo está pronto de acabar. Porém, se o ser humano não fosse tão destrutivo e ignorante, seria possível um mundo melhor. Há sim necessidade de mudança ainda mais para preservar o meio ambiente e tudo que habita nele, e também é necessário o saber histórico, que se tiverem noção da história do Brasil e da história indígena, davam mais importância para eles.

Fonte: acervo da autora

Figura 47: Diário de Bordo da estudante Sarah Daniely.

Aula 6 01/11/23

TERRITORIALIDADE

Os vídeos do indígena Krenak falam sobre a invisibilidade dos territórios indígenas e como isso contribui para o apagamento étnico-cultural deles.

Fonte: acervo da autora

Figura 48: Diário de Bordo da estudante Mickaely Fontes.

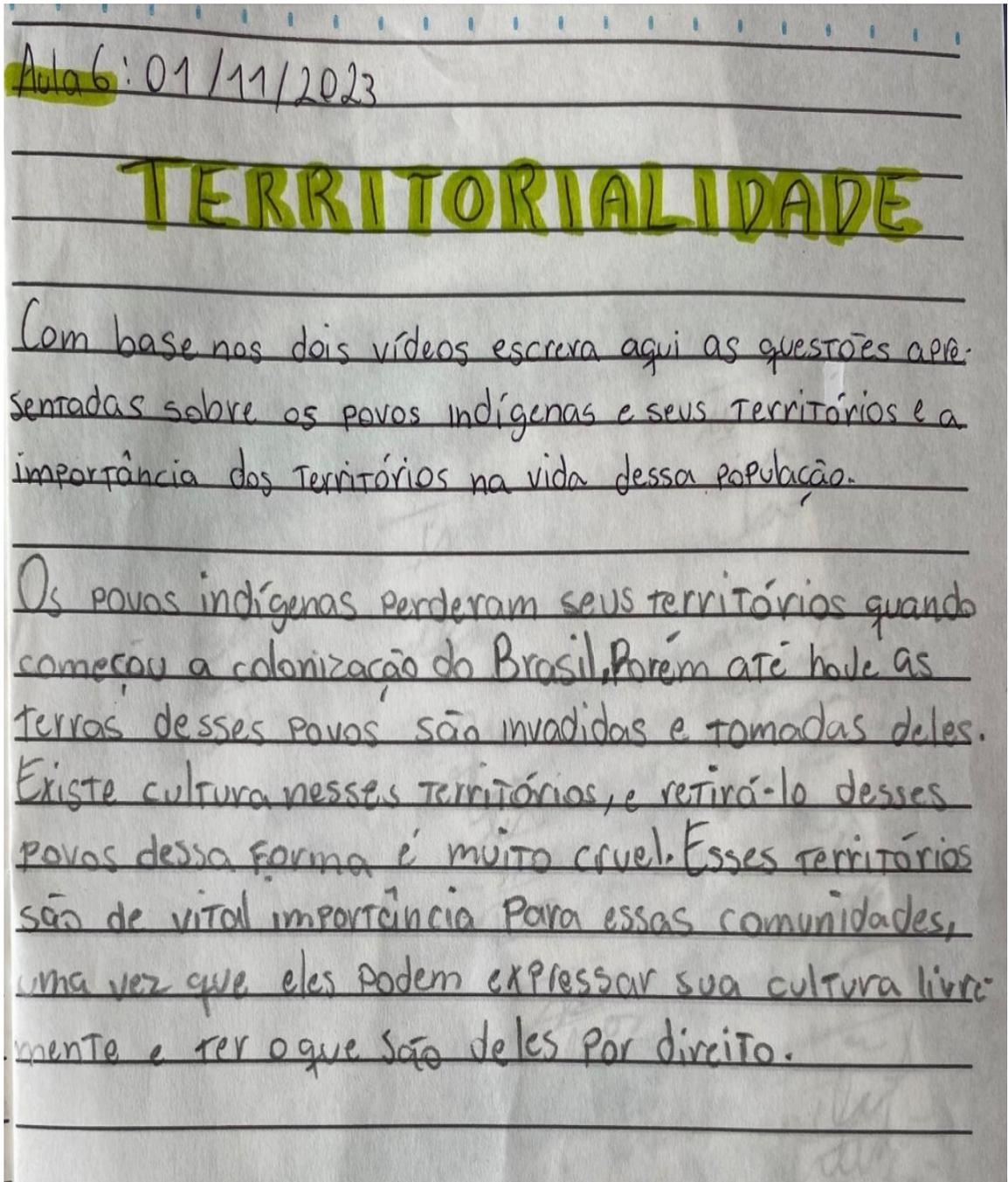
AULA 6 ≡

Com base nos dois vídeos escreva aqui as questões apresentadas sobre os povos indígenas e seus territórios e a importância na vida dessa população.

Os indígenas tinham seus ritos e seus costumes e culturas e seu território. Até seu território ser invadido por pessoas totalmente desconhecidas para eles, onde foram forçados a aprender novas línguas, novas culturas e perder seus territórios. Era de extrema importância que eles mantivessem seu território e suas culturas sem interferência de uma invasão.

Fonte: acervo da autora

Figura 49: Diário de Bordo da estudante Maria Rayssa.



Fonte: acervo da autora

Figura 50: Diário de Bordo da estudante Isabelly Salles.

Territorialidade

Com base nos dois vídeos escreva aqui as questões apresentadas sobre os povos indígenas e seus territórios; e a importância dos territórios na vida da população.

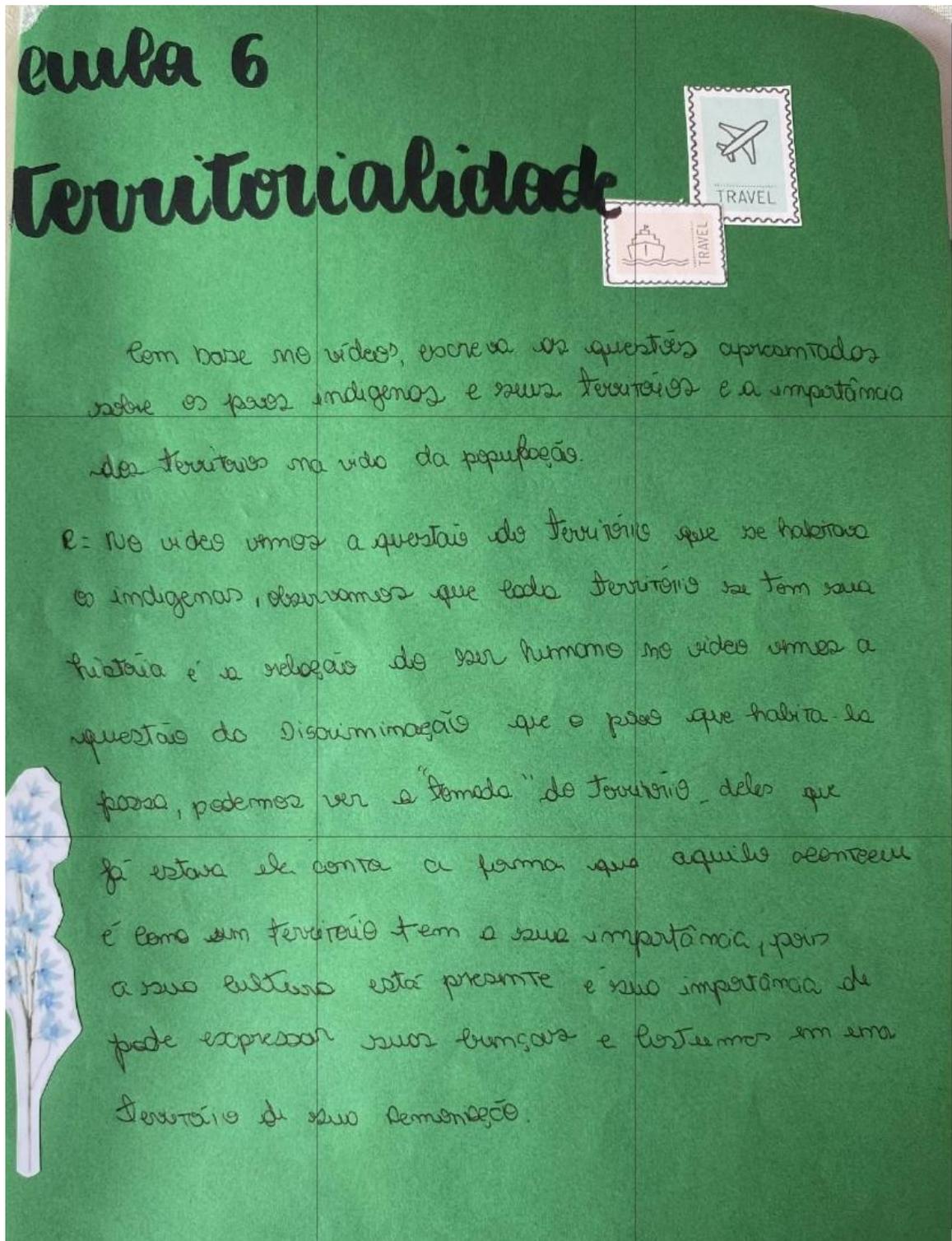
A falta de regulamentações em cima dos marcos legais do país que reconhecem territórios e dizem dar o direito e respeito merecido aos nativos, mas infelizmente brechas são abertas negligenciando e acidentalmente todo um povo, e sua história. Diminuem suas terras, distroem, marginalizam e separam de suas estruturas.

Os territórios além de serem importantes, por dar um espaço confortável para os indígenas poderem se abrigar. É importante na demarcação de terras, assegurar a proteção de limites físicos das terras, preservar a identidade, o modo de vida, as tradições e a cultura dessa população.



Fonte: acervo da autora

Figura 51: Diário de Bordo da estudante Ana Clara Moureira.



Fonte: acervo da autora

Nos minutos finais da aula, a maior parte dos estudantes terminou a atividade solicitada e fez a entrega. Por meio da observação dos diários, percebi que através dos vídeos os estudantes ampliaram a compreensão sobre a relação entre a territorialidade e a questão da demarcação territorial indígena.

3.2.7 Aula 7: Culminância: Apresentação do diário de bordo e avaliação geral dos estudantes

Inicialmente, havia planejado a execução da sequência didática em seis aulas, mas foi necessária a ampliação, com mais uma aula, para termos um momento de avaliação e apresentação dos estudantes. Ao longo das aulas, eles realizaram atividades, que foram utilizadas na composição da nota do quarto bimestre. A duração das aulas era de duas aulas, porém, pela quantidade de atividades, a professora que vinha depois de minha aula doava um tempo de sua aula e assim, conseguimos terminar no prazo.

Dessa maneira, devolvi os diários de bordo, com as atividades realizadas durante as aulas e promovi um último debate sobre as descobertas e compreensões dos estudantes. A escolha dessa turma para fazer essa intervenção pedagógica foi exatamente pela contribuição que eles sempre tiveram durante as aulas, com a sequência didática não foi diferente. Em todas as atividades propostas, todos os estudantes do 2º ano do Ensino Médio estavam engajados.

Nos momentos de responder às atividades, nas rodas de conversas ou na confecção do diário de bordo, pude observar a evolução dos estudantes em relação a nossa temática principal, que são os territórios de vida deles. Em quase toda aula pude escutar, em seus depoimentos, que a Sociologia é muito mais do que estudas autores, quando aplicada dessa forma. Quando perguntados se queriam que essa sequência didática fosse aplicada em uma outra turma, os alunos responderam positivamente. A estudante Maria Raissa, relatou que “depois de todas as atividades, pude conhecer melhor meu território, além de querer exclusividade, de não querer que a sequência didática fosse aplicada em outra sala, sei que seria importante para os outros estudantes, praticarem essa imaginação sociológica que pudemos experimentar nas aulas de Sociologia”. Um outro estudante, João Matheus, disse: “me surpreendi com a quantidade de significados possíveis para o território dentro das Ciências Sociais”.

Muitos estudantes destacaram que, durante as aulas, não conseguem escolher apenas uma atividade. O estudante, Pedro Jorge ressalta “gostei de ir ao Laboratório de Arquitetura e Urbanismo, para fazer a confecção do *croqui*, mas também aprendi muito com os vídeos de Ailton Krenak”. Dessa forma, pude escutar cada relato dos estudantes afirmando, que depois das aulas compreendem a contribuição da Antropologia e Sociologia, dentro do convívio social,

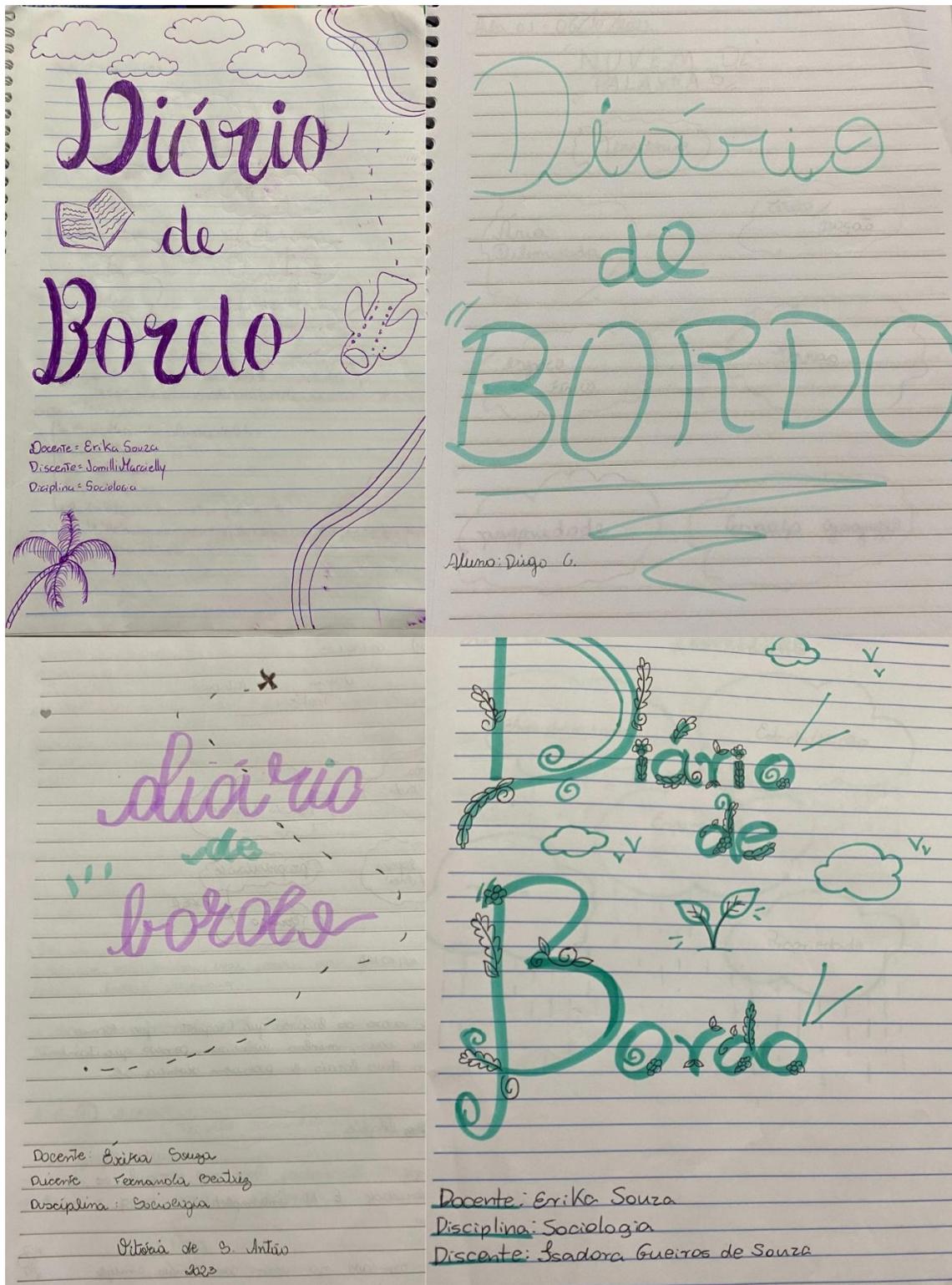
com o território, possuído de significados e múltiplas histórias e vivências que tendem ou não a serem compartilhadas. Como eu havia devolvido os diários de bordo, alguns estudantes começaram a pegar o diário do colega para olhar, em um momento de partilha das atividades que criaram com olhares diferentes.

Busquei também, durante esse grande debate coletivo, mostrar para eles que determinados conceitos sociológicos, que eles já haviam estudado em outros momentos poderiam e foram explorados pelas atividades propostas como por exemplo: ação antrópica, territorialidade, proteção ambiental e população indígena entre outros. Alguns estudantes destacaram que a aula quatro intitulada de "Trajetos, caminhos e lugares" foi muito importante, pois permitiu que eles explorassem o território e não vissem como um polígono fechado. Que o território possui relação direta com os acontecimentos do cotidiano dos estudantes e que suas ações podem impactar positivamente ou negativamente nesse território.

Logo, essa última aula caracterizou-se como um momento de avaliação sobre o tema abordado e as metodologias utilizadas. Os depoimentos dos estudantes, revelam que a abordagem que utilizamos durante as aulas dessa temática, com todas as atividades didáticas e com o percurso metodológico que optamos, teve um ótimo rendimento, pois atingimos, em sua maioria, os objetivos definidos na construção dessa sequência didática. Assim, os estudantes puderam vivenciar o processo de aprendizagem diante de uma temática próxima do seu contexto social, bem como aplicaram esses conceitos pensando criticamente e interpretando por meio de metodologia do diário de bordo que é própria das Ciências Sociais.

Ao longo dessa seção apresentamos a aplicação prática do projeto de intervenção, onde descrevemos como ocorreu o processo de aplicabilidade dessa sequência didática, enriquecendo com a fala dos estudantes, as figuras dos seus diários de bordo (ver figura 52) com suas reflexões e experiências do que realizamos, nas aulas de ensino de Sociologia.

Figura 52: Diários de bordo dos estudantes.



Fonte: acervo da autora

4 TERRITÓRIO: O EXERCÍCIO ETNOGRÁFICO COM O DIÁRIO DE BORDO

4.1 O diário de bordo como metodologia de ensino

A construção desse diário de bordo foi inspirada na prática dos diários de campo dos antropólogos desde o início do século XX. A busca constante de realizar as pesquisas vivendo em contextos culturais e sociais diferentes dos seus, relatando a experiência antropológica. O exemplo paradigmático é Malinowski (1976, p. 28), que tinha nos diários uma ferramenta valiosa.

O etnógrafo de campo deve analisar com seriedade e moderação todos os fenômenos que caracterizam cada aspecto da cultura tribal sem privilegiar aqueles que lhe causam admiração ou estranheza em detrimento dos fatos comuns e rotineiros. Deve, ao mesmo tempo, perscrutar a cultura nativa na totalidade de seus aspectos. A lei, a ordem e a coerência que prevalecem em cada um desses aspectos são as mesmas que os unem e fazem deles um todo coerente.

Segundo o antropólogo Oscar Calavia Saez (2013, p. 165):

“O diário de campo é, de longe, o principal elemento técnico e metodológico da pesquisa etnográfica. Até o ponto de que poderia se dizer, com pouquíssima margem de erro, que uma pesquisa etnográfica sem diário de campo não é uma pesquisa etnográfica.

O difícil é explicar ao pesquisador iniciante qual é o motivo de que tanta relevância seja dada a um artefato tão simples.

Porque o diário de campo é um artefato simples. Em sentido estrito, é um diário no sentido estrito do termo. Isto é, uma anotação, dia a dia, de tudo que acontece na pesquisa, desde os incidentes de tipo administrativo até as dúvidas, as depressões e os acessos de raiva do pesquisador, passando pelas frutíferas conversas com os nativos e pelas idéias brilhantes que surgem cá e lá na mente do etnógrafo.”

O mesmo autor acrescenta ainda que “esse caderno é para ser escrito, mas fundamentalmente para ser lido. Para ser relido: o diário de campo deve ser a principal leitura do pesquisador que elabora seus resultados” (Saez, 2013, p.165).

Neste contexto, considero o grande potencial metodológico do diário de bordo para captar registro e a criticidade dos estudantes. Segundo Oliveira *et al.* (2017, p.12) “o grande potencial metodológico do diário de bordo para alicerçar o registro e reflexão do educando”. Nessa função de auxiliar a Sociologia no seu processo de ensino e aprendizagem, que torne esses estudantes críticos, gerando uma educação emancipatória onde o principal pilar é aprender a fazer. Ainda se referindo ao autor

(...)os resultados aqui apontados no que diz respeito ao uso do diário de bordo como ferramenta metodológica leva o professor a refletir sobre quais as possibilidades e o direcionamento para tornar o ensino condizente com as Diretrizes Curriculares, a qual preconiza o conhecimento científico como resultante da investigação e destaca que um dos aspectos essenciais para o seu ensino é perdido. Oliveira *et al.*(2017, p.12).

4.2 O diário de bordo da docente

Da mesma maneira que preconizo para os estudantes, também coloquei para o meu diário de bordo conforme Hoernig (2021, p.125)

“(..) A frequência às aulas, registrando as atividades do início ao fim de cada período foi determinante para compor o diário. Os registros realizados atentamente são importantes pois a preocupação do registro se dá com maior concentração e retenção das informações”.

O diário de bordo dos estudantes foi uma prática exitosa que pode inclusive ser produzido por outros componentes curriculares, ao mesmo tempo que pode ser:

Combiná-lo com outras técnicas de investigação não só contribuirá, mas se fará necessário para o aprofundamento da busca de informações de que, obviamente, o conjunto de técnicas criadas guardem coerência com o corpo teórico conceitual e princípios metodológicos que dão fundamento as práticas sociais em questão [...] os fatos devem ser registrados no Diário de Campo o quanto antes, se possível imediatamente depois de observados, caso contrário, a memória vai introduzir elementos que se deram; e a interpretação reflexiva, não se separa de fato concreto, virá frequentemente a deturpá-lo (Falkembach, 1987, p. 19 e 24).

A grande preocupação de manter a interpretação e escrita no diário logo após às aulas, auxiliou os estudantes e foi testada antes, no meu diário.

Segundo Santos (2018) “Os principais elementos envolvidos nessa escrita é o total despreendimento de categorias conceituais e a pura espontaneidade na observação e nas anotações”.

4.3 O diário de bordo dos estudantes

Em relação ao diário de bordo dos estudantes destaco que procurei explorar o máximo possível cada diário individual, que fui registrando por meio de fotografias ao longo da sequência didática.

Avalio que utilizar o diário de bordo como método pedagógico foi minha melhor decisão, pois essa ferramenta incentivou os estudantes a desenvolverem criticidade e autonomia em relação a temática de cada aula.

Quando apresentei na primeira aula o que seria um diário de bordo, os próprios estudantes sugeriram que iriam pegar uma matéria do seu caderno ou confeccionar o diário do seu próprio jeito. No percurso das seis aulas eles foram orientados para o desenvolvimento desses diários que seriam apresentados de forma completa para a docente, na sétima aula.

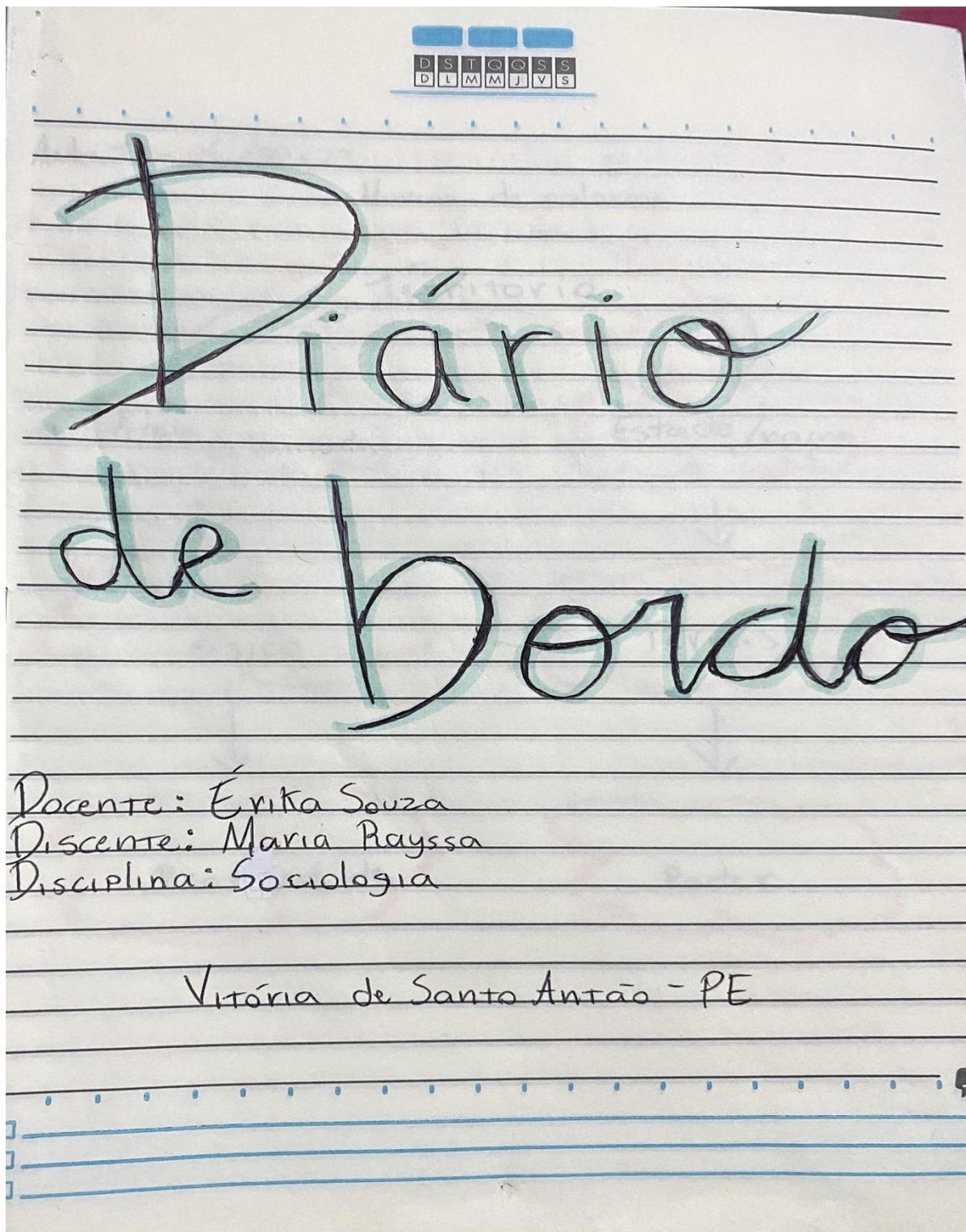
Quarenta e cinco estudantes desenvolveram o diário de bordo, contentando os registros de cada uma das aulas dessa sequência didática.

Dentre os diários que os estudantes entregaram, alguns desses possuem mais de seis páginas de registro, o que constitui, para mim, em mais de 270 páginas de registros para análise, assim, me garantiram material para analisar, os resultados, inclusive no capítulo três apresento parte dos trechos como figuras desses diários.

Ao analisar no final da intervenção pedagógica, todos os diários de bordo, pude perceber a partir dos registros realizados pelos estudantes, que de todas as atividades propostas a que mais funcionou foi o próprio diário Avalio, portanto que essa ferramenta facilitou a aprendizagem, onde os estudantes sentiram estimulados a descrever o território de cada aula, com suas próprias visões, compreendendo que os registros e a interpretação auxiliaram no olhar para além do seu território em seu contexto social.

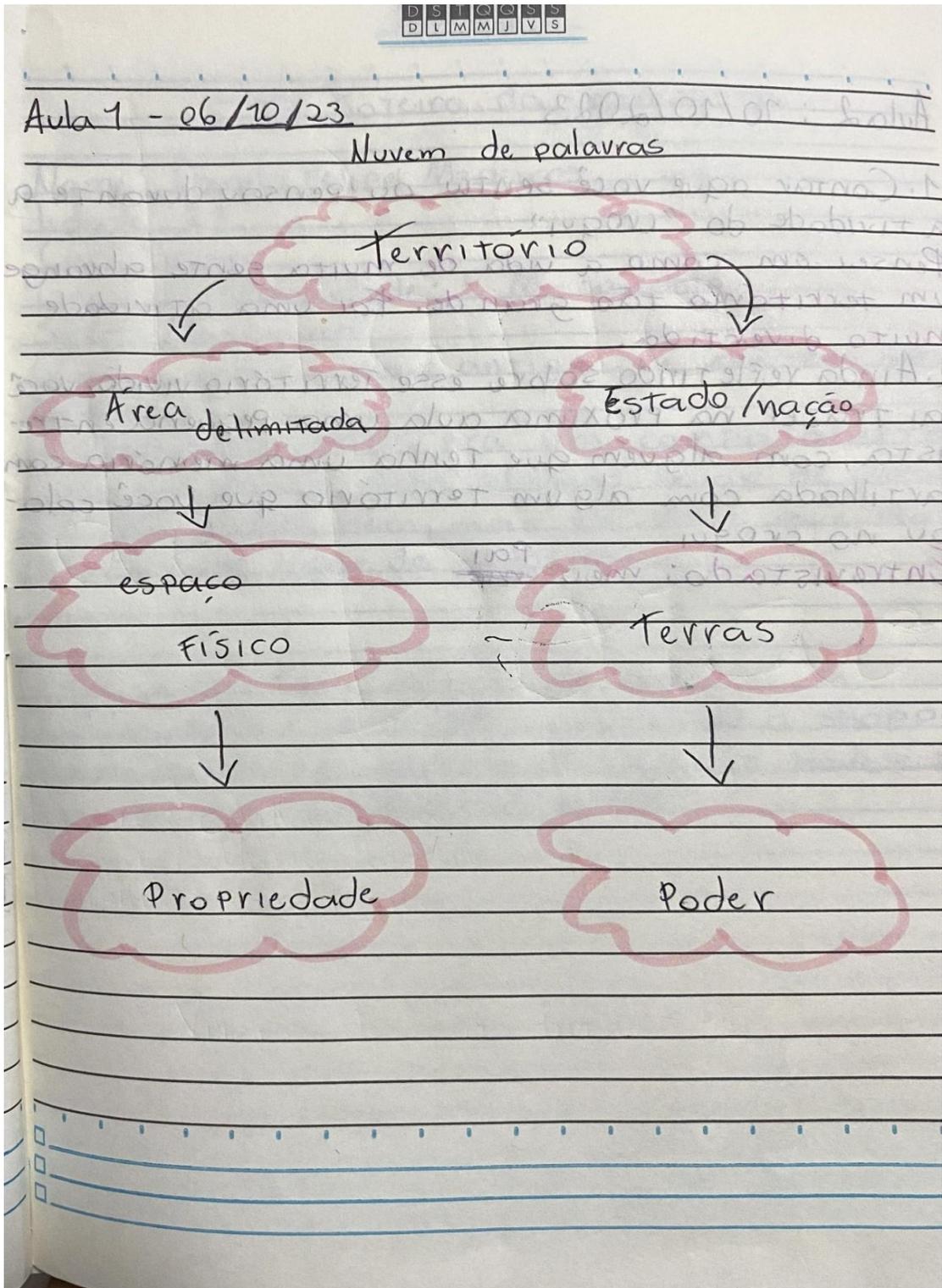
Defendo que essa ferramenta pode e deve ser utilizada por outras professoras, de diferentes componentes curriculares e principalmente no ensino de Sociologia. Avalio no final dessa experiência que a minha preocupação de mostrar para os estudantes a importância dos registros aula após aula, para a Antropologia fizeram com que a cada aula eu pudesse registrar e não perder nenhum registro ao final de cada aula. Corroborando com tudo que foi supracitado, afirmo ainda que após esta experiência exitosa, serei capaz de orientar um uso ainda mais produtivo e criativo do diário de bordo para outras futuras atividades. Concluo mostrando para você leitor(a) o diário de bordo da estudante Maria Rayssa (ver figuras 53 a 60).

Figura 53: Capa do diário de bordo da estudante Maria Rayssa.



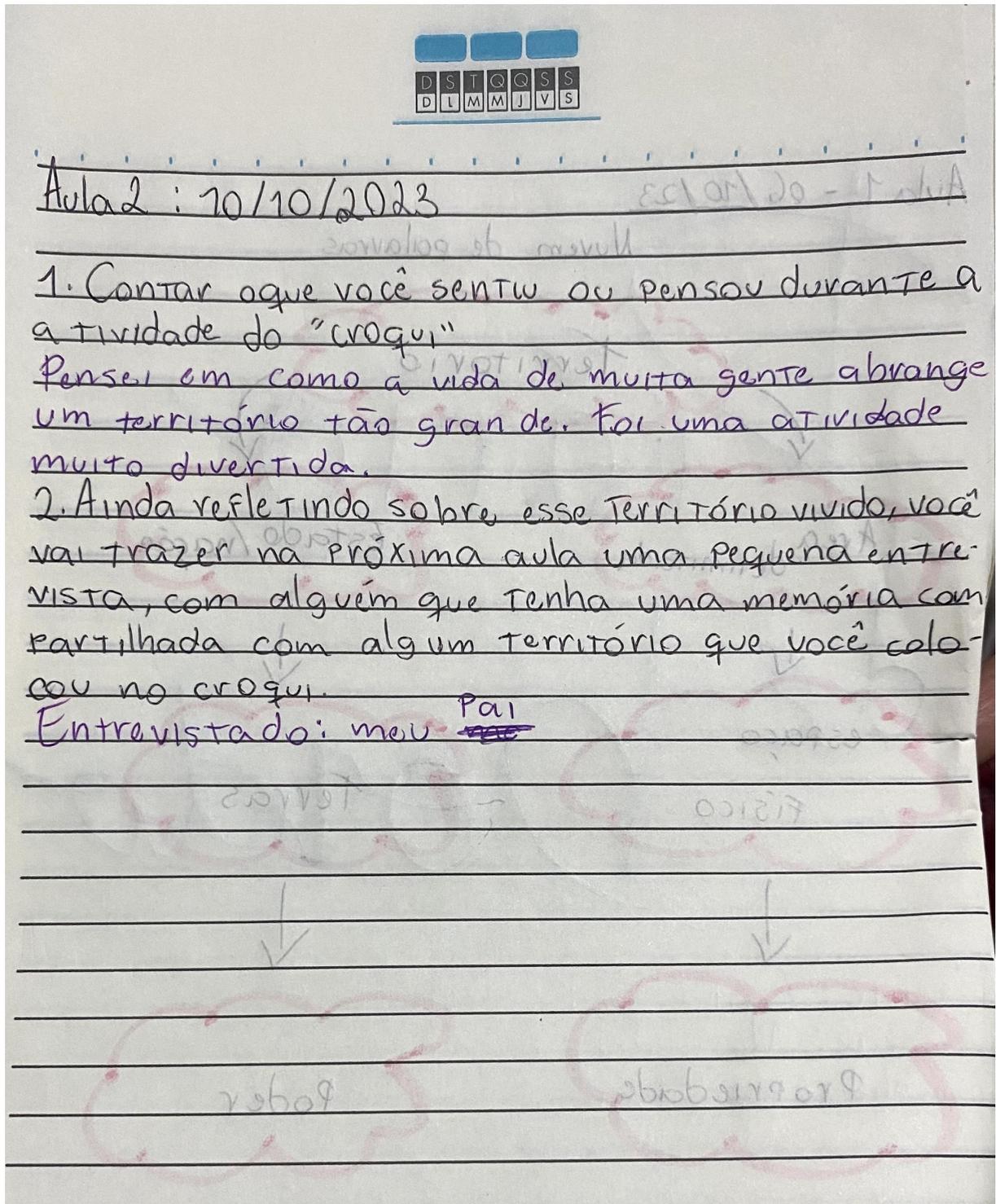
Fonte: acervo da autora.

Figura 54: Aula 1- Registro do diário de bordo da estudante Maria Rayssa.



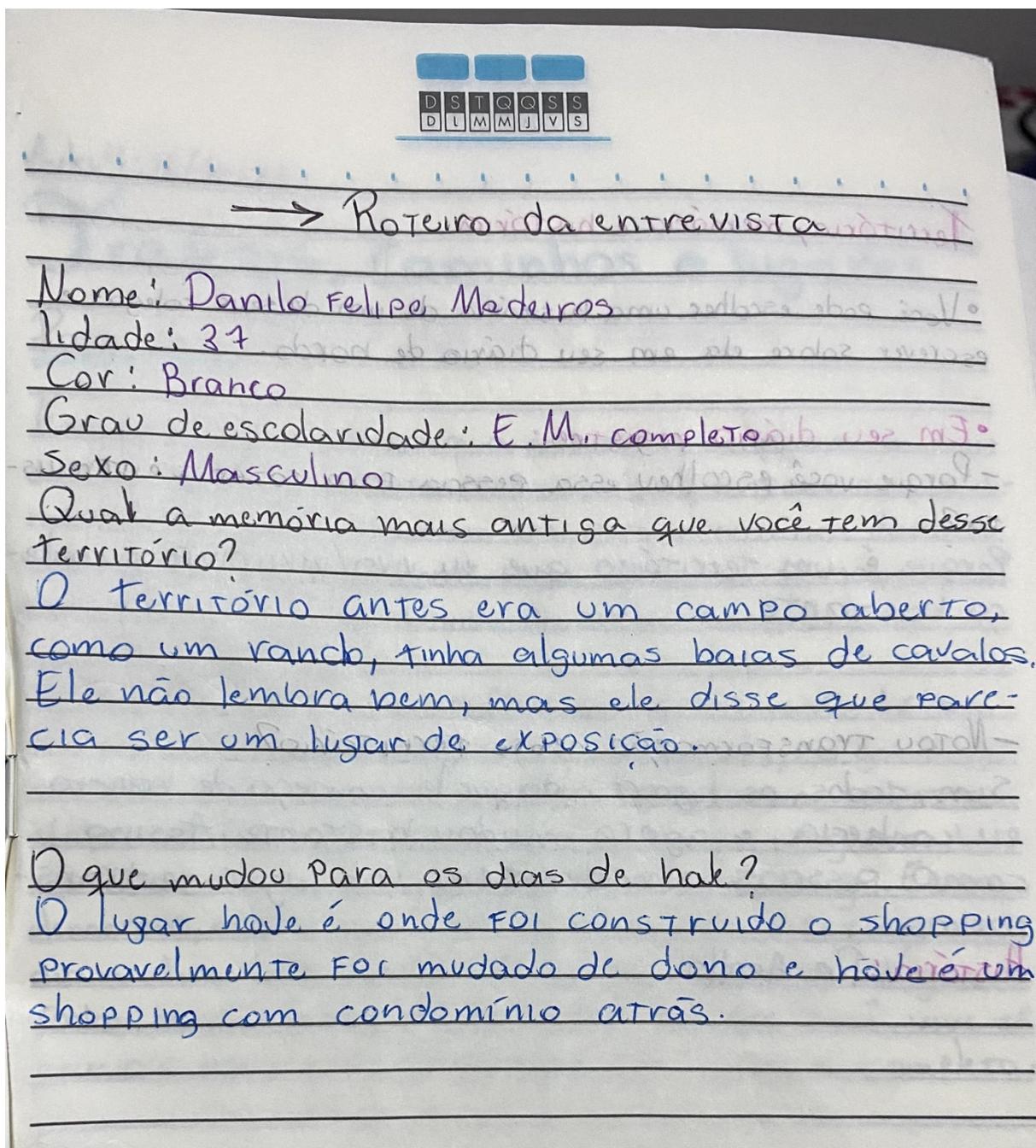
Fonte: acervo da autora.

Figura 55: Aula 2 - Registro do diário de bordo da estudante Maria Rayssa.



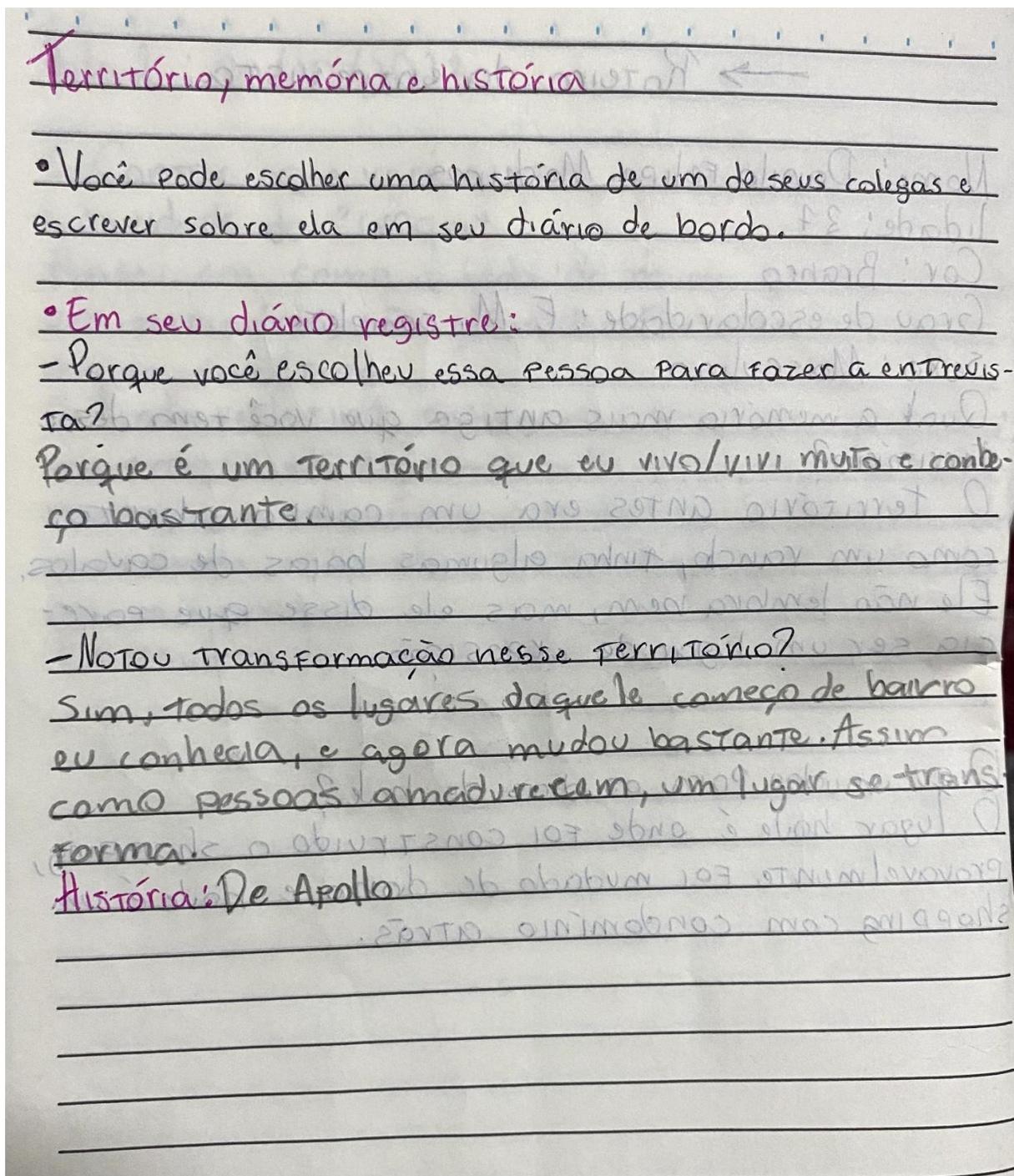
Fonte: acervo da autora.

Figura 56: Aula 2 – Registro da entrevista do diário de bordo da estudante Maria Rayssa.



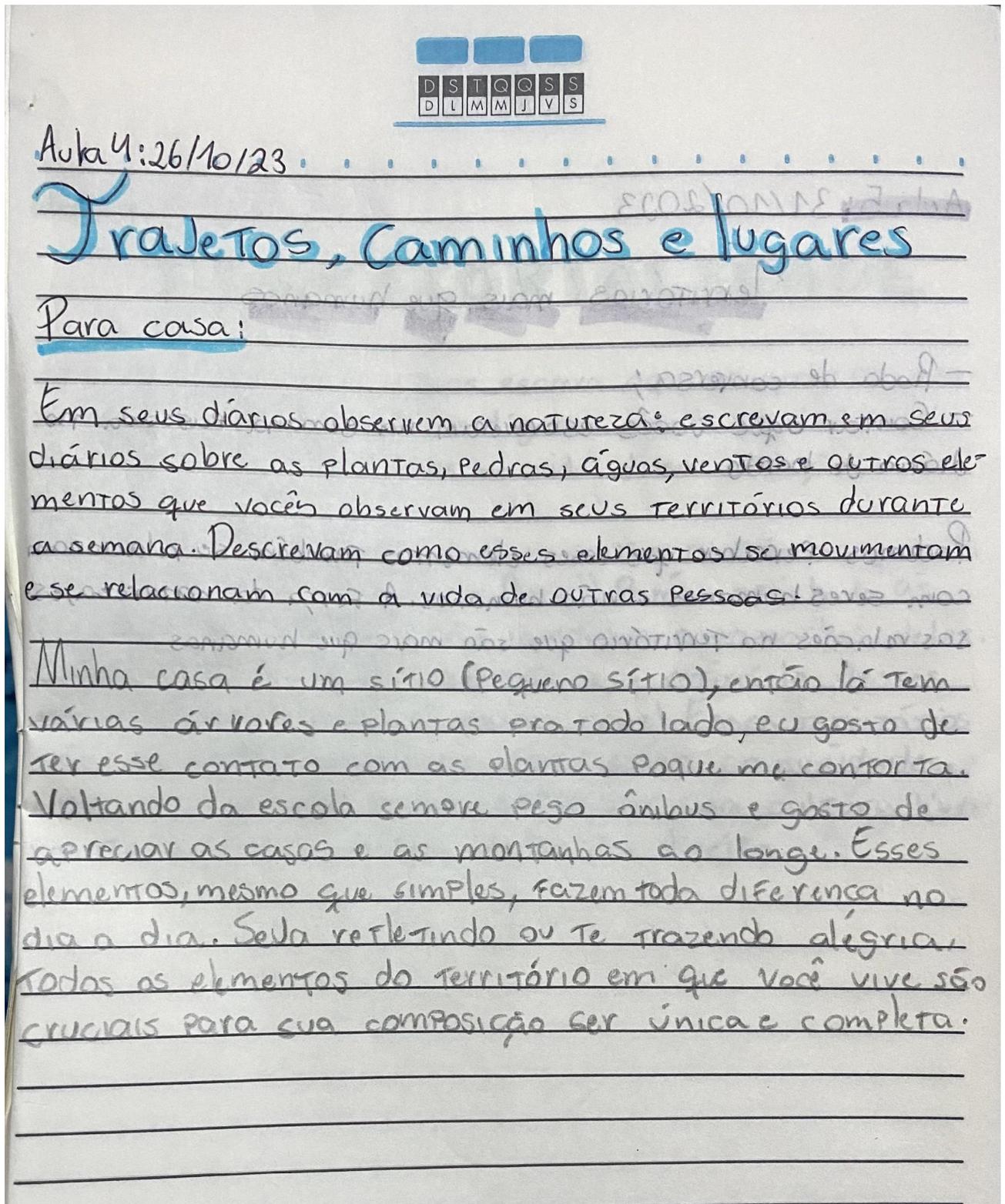
Fonte: acervo da autora

Figura 57: Aula 3 – Registro do diário de bordo da estudante Maria Rayssa.



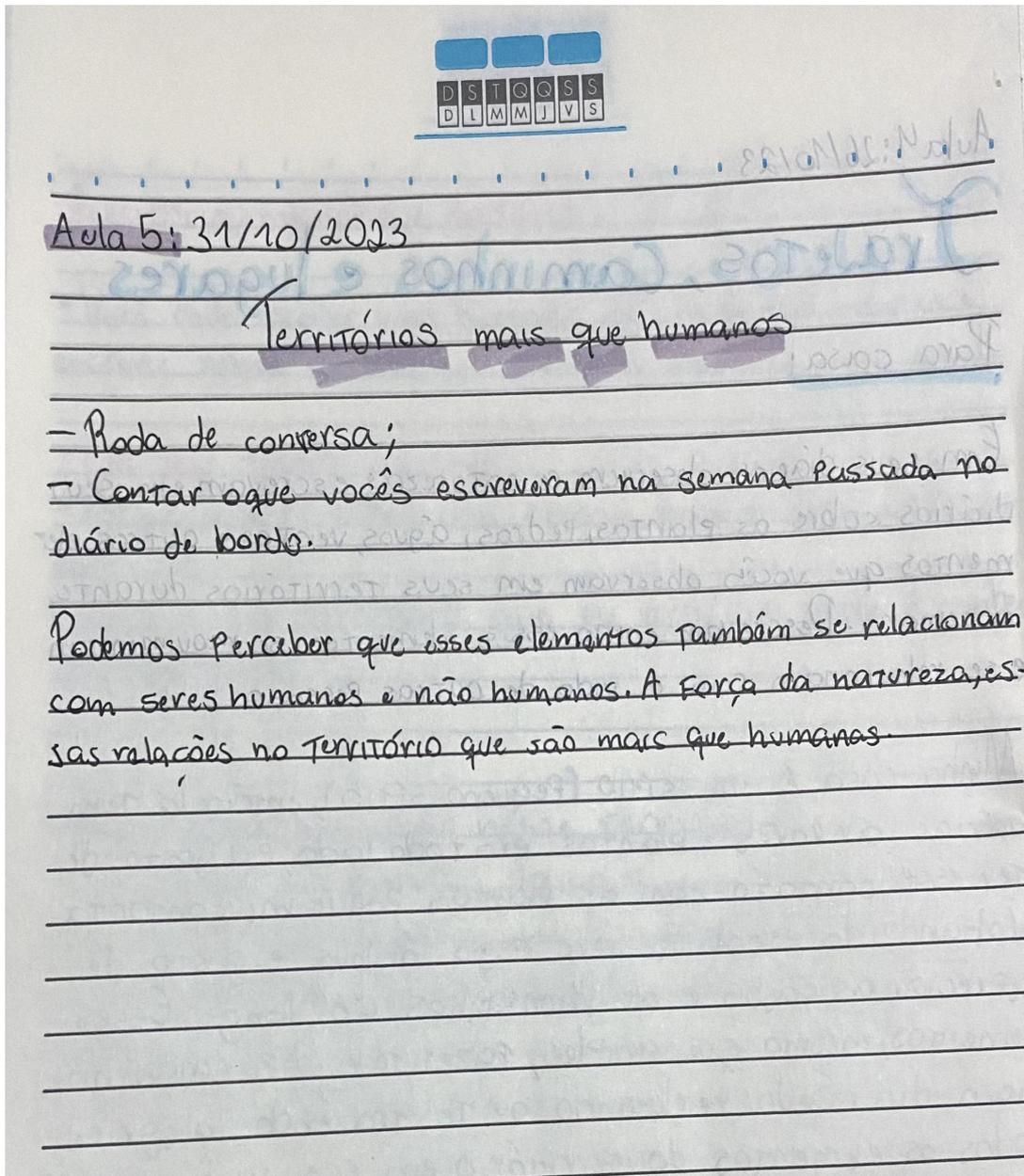
Fonte: acervo da autora.

Figura 58: Aula 4 – Registro do diário de bordo da estudante Maria Rayssa.



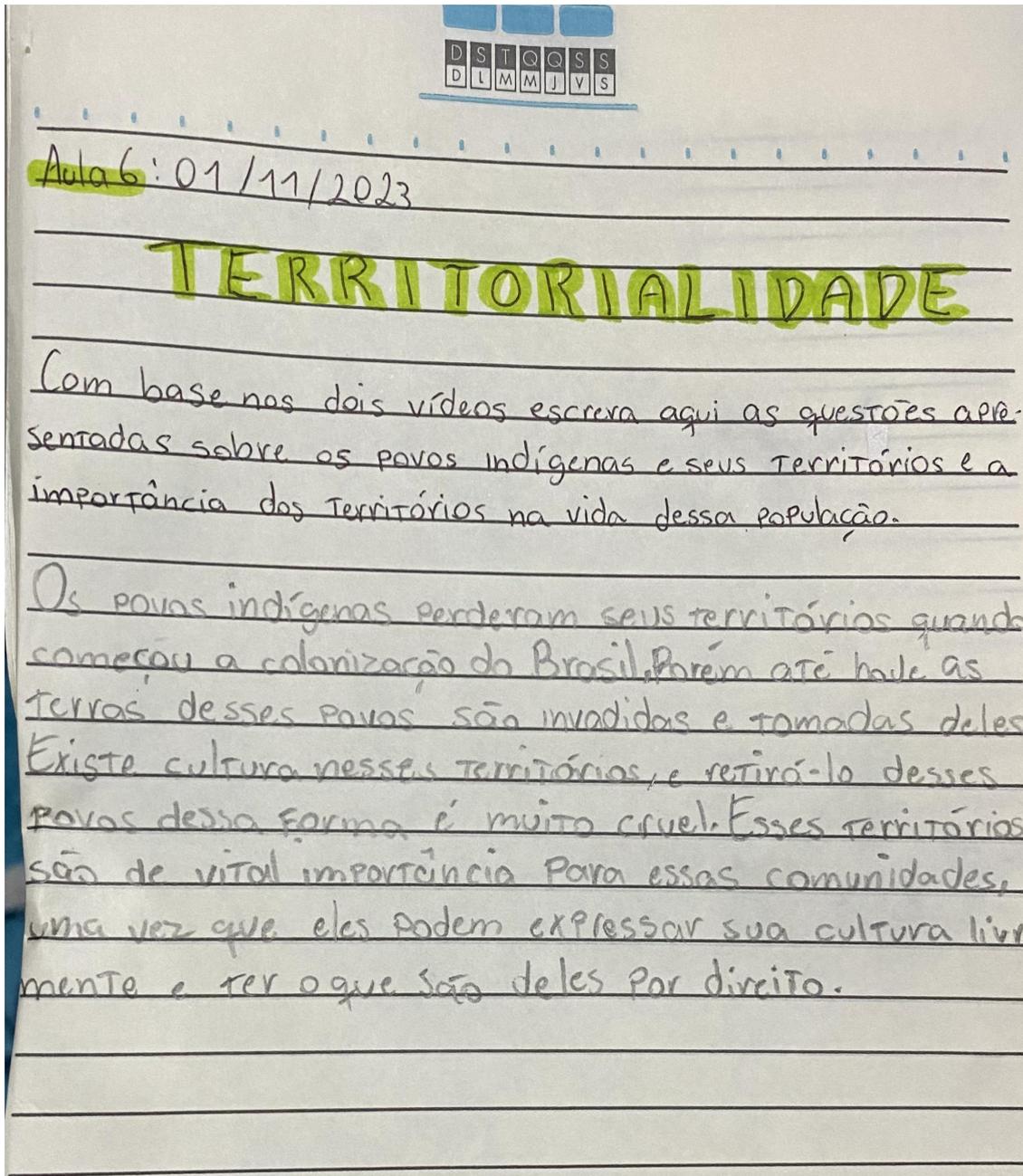
Fonte: acervo da autora.

Figura 59: Aula 5 – Registro do diário de bordo da estudante Maria Rayssa.



Fonte: acervo da autora.

Figura 60: Aula 6– Registro do diário de bordo da estudante Maria Rayssa.



Fonte: acervo da autora.

5 AVALIANDO A EXPERIÊNCIA

5.1 Refletindo sobre a aplicabilidade

Depois de realizar a intervenção pedagógica e avaliá-la com os estudantes, como mostrei no Capítulo 3, pretendo, nesta seção, salientar alguns desafios que envolveram sua conclusão, bem como discutir sobre a aplicabilidade dessa sequência didática. Assim, pretendo ajudar outras professoras, já considerando os desafios que essa intervenção pedagógica possibilitou.

Enquanto docente, essa experiência foi desafiadora. Durante sua construção, pude refletir e reconstruir a minha prática pedagógica, e no final foi gratificante. A respeito de algumas dificuldades que tive que contornar, destaco aqui os resultados dessa sequência didática, que mais que superou minhas expectativas iniciais.

É rotineiro na profissão docente encontrar professores e professoras que trabalham os três turnos. Me incluo nesse cenário de rotina até chegar no mestrado, quando precisei parar um dos meus turnos para estudo e conhecimento que o mestrado poderia me oferecer. Durante as aulas, pude levar para as minhas aulas da educação básica contribuições essenciais. Reconheço, portanto, que essa intervenção pedagógica ocorreu em uma situação específica, ou seja, o tempo de cursar uma pós-graduação, com dedicação parcial. Dessa maneira, vejo como um fator limitante para a execução de atividades como essa a sobrecarga de trabalho a que é submetida grande parte dos professores e professoras.

Ainda assim, para realizar essa sequência de aulas, foi necessário planejamento e reflexão a todo o momento. Me colocando enquanto docente na condição de aprendiz, compreendendo se que estava sendo discutido em sala de aula, estava coerente com o que acredito enquanto docente. Firmo, nos tópicos a seguir, alguns desses desafios, reflexões e possibilidades que essa intervenção pedagógica retratou.

5.1. 1 Material didático

Quando decidi abordar a temática território no contexto local dos estudantes, como conteúdo nas aulas de Sociologia, me deparei com a falta de material didático para subsidiar a minha abordagem pedagógica, dessa maneira tive que produzir todo o material de texto individualmente de cada aula desta sequência didática, para subsidiar a minha prática.

Conseqüentemente, o planejamento das aulas dessa intervenção pedagógica demorou um pouco mais para ser elaborado, sem ter o livro didático, por não contemplar o conteúdo. Por uma outra perspectiva, essa situação de produção me estimulou a procurar nas produções bibliográficas já existentes sobre o território, estudando, e assim elaborar uma nova visão própria sobre temática território de vidas.

Reflito que no caso de repetir essa experiência com novas turmas, o elemento bibliográfico e didático levantados e criado por mim, anteriormente vai auxiliar nessa futura construção para mim e para meus pares professores que pretendam utilizar esse material. Assim, afirmo que avalio a viabilidade de produzir após a conclusão do mestrado, um material didático novo, para realizar a aplicação em uma turma do ensino Fundamental- anos Finais e depois na graduação. Almejo identificar, como outros grupos interpretam o território vivido.

5.1. 2 Uso de recursos áudio visuais

Na fase inicial de construção desse projeto de pesquisa tinha, junto ao meu orientador, o desejo de fazê-lo na modalidade de um curso, que fosse oferecido para formação de professores de Ciências Humanas e Sociais aplicadas, que estivessem interessados em como trabalhar com o território vivido dos estudantes nas aulas de Sociologia. Porém, com a minha mudança e introdução no colégio em que apliquei a intervenção, achamos em comum acordo, aplicar a intervenção para os estudantes do 2º ano do Ensino Médio.

Todo o material registrado no diário de bordo que os estudantes produziram durante a aplicação da sequência didática foi utilizado por mim, para explicação e contextualização de cada aula. Para viabilizar a criação dos diários, confesso que a estrutura que o colégio e o perfil socioeconômico dos estudantes me ajudaram.

Nas aulas em que precisei utilizar o data show para exibir os vídeos, era só levar meu computador: pelo colégio funcionar em um dos blocos da faculdade, todas as salas de aula possuem seu próprio material disponível. Quando precisei utilizar o laboratório de arquitetura e urbanismo, para confecção dos *croquis* pelos estudantes, apenas fiz o agendamento.

O uso da tecnologia audiovisual transformou-se em uma importante ferramenta para subsidiar e produzir este trabalho do seu início até a sua conclusão. Ao utilizar os vídeos do filósofo Ailton Krenak, percebo que fazer uso desse tipo de ferramenta abre um leque de possibilidades para que o estudante produza sua própria leitura da realidade social que está inserido e estabeleça assim, o protagonismo esperado pelos estudantes.

Durante todas as aulas, dessa sequência didática utilizei fotos para registrar as atividades desenvolvidas pelos estudantes, como também o avanço na produção dos diários de bordo deles. Assim, identifiquei que o uso dos recursos audiovisuais e tecnológicos, como a utilização do *Google Maps*, é útil para promover um uso adequado da tecnologia digital em sala de aula.

Logo, a utilização dos recursos audiovisuais pode ressignificar o estudo da Sociologia, auxiliando na aprendizagem dos estudantes, de maneira que eleve as possibilidades de uso dessa ferramenta, ressignificando os saberes no processo de ensino e aprendizagem da Sociologia dentro e fora da sala de aula.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dessa intervenção pedagógica, pude constatar o quanto o uso das metodologias de pesquisa da Antropologia foi relevante para que os estudantes pudessem estabelecer uma relação direta com o conhecimento sobre a temática do território. O uso do diário de bordo, a confecção dos croquis, a utilização de ferramenta de tecnologia como o *Google Maps* e a exibição dos vídeos, junto com a entrevista, com a observação, além dos debates, rodas de conversa, mostraram-se importantes instrumentos, para que os estudantes pudessem exercitar imaginação sociológica, a criatividade e criticidade necessárias para o desenvolvimento de sua participação protagonista e de autonomia, em sentidos compreensão do objeto estudado.

Além de colocar os estudantes em frente a temas diferentes com autores (as) da antropologia e sociologia, foi promovido durante as aulas, a desnaturalização e estranhamento, necessários diante de um conceito que os estudantes achavam que conheciam. Por meio do exercício antropológico, os estudantes entendemos as relações existentes entre a territorialidade e os seus territórios.

Ao contemplar o território dentro do ensino de Sociologia, nessa sequência didática, aplicando e viabilizando a sua execução durante as sete aulas, com os próprios estudantes, criando seus diários de bordo, foi possibilitado para os estudantes compreensão e interpretação do contexto social do território abordado através de todas as metodologias que foram aqui supracitadas. Analisando cada diário de bordo, percebo que os registros e as respostas das perguntas feitas durante o processo, foram muito além dos muros da escola, inspirando inclusive a mim mesma enquanto professora a continuar.

Para concluir este trabalho, afirmo que apesar de algumas dificuldades que tive na elaboração de referencial bibliográfico, os estudantes foram cruciais para execução de todas as etapas dessa intervenção pedagógica. Ao final, puderam redescobrir suas relações territoriais, enquanto relações sociais. Acredito que essa descoberta abriu um leque de possibilidades para enxergar além dos muros da escola, e propiciou o desenvolvimento de habilidades novas e a recriação de antigas, como as que foram apresentadas nos registros do diário de campo, nas rodas de conversa que era o momento de socialização dos saberes.

Utilizar uma pesquisa antropológica dentro do ensino de Sociologia, no ensino médio, mostrou-se possível pelo meu propósito enquanto docente de sempre pensar em uma educação através da reflexão e emancipação. Esse percurso foi facilitado pelo meu comprometimento com o mestrado. A entrada no programa me permitiu criar um aprofundamento bibliográfico

orientado pelo meu orientador no campo da Antropologia, através de debates no ensino de Sociologia que vai subsidiar a minha prática pedagógica metodologicamente e teoricamente.

No mais, reconheço que apesar de ter sido uma intervenção pedagógica exitosa, não proponho sua aplicação à risca por outro professor. Recomendo que nas condições atuais, principalmente do ensino público, que a experiência pode ser mais aproveitada se o professor adaptá-la, sem comparar com a atual. Afirmo assim, a importância da ampliação de espaços de formação continuada e de pós graduação à nível de mestrado e doutorado para os professores do ensino público e privado do país.

Logo, reitero que é possível utilizar da etnografia e da antropologia, ambas como metodologias de pesquisa, com o uso do diário de bordo, para os estudantes do ensino médio. E afirmo que outros professores, mediante a aprofundamentos teórico e metodológico, podem realizar intervenções pedagógicas em diferentes contextos escolares, definindo outras temáticas relevantes que estejam relacionadas ao contexto socioantropológico e territorial de onde residem os estudantes. Dito tudo isso, a Antropologia e o território têm grandes potenciais para redescobrimientos no ensino de Sociologia, para além dos muros da escola para com esses estudantes do ensino médio.

REFERÊNCIAS

Almeida, A.W.B. **Povos e comunidades tradicionais: Nova Cartografia Social**. Manaus, UEA, 2013.

Brasil. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf f> Acesso em: 05 jul. 2023.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9864-rceb002-12&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 02 de dezembro de 20.

_____. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: MEC, 2000.

_____. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio, na área de ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf. Acesso em: 02 de dezembro de 2023.

_____. **Lei nº. 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Dispõe sobre a reforma do ensino médio brasileiro, Brasília DF, 2017.

_____. **Resolução Nº 4, de 16 de agosto de 2006**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/rceb04_06.pdf . Acesso em: 02 de dezembro de 2023.

Bosi Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças da velhice**. São Paulo, TA Queiroz, Ed. Ltda. 1979.

Buti, Rafael P. História quilombola no chão. **NOVOS DEBATES – FÓRUM DE DEBATES EM ANTROPOLOGIA**, v. 7, p. E7126, 2021.

Casimir, Michael J. “The dimensions of territoriality: An introduction.” **In Mobility and territoriality**. M. J. Casimir and. A. Rao, eds., 1-26. New York: Berg, 1992.

Coelho Souza, Marcela (coord.) **EntreTerras**, v.1 n.1., 2017.

Falkembach, Elza Maria F. Diário de campo: um instrumento de reflexão. **Contexto e educação**. Ijuí, RS Vol. 2, n. 7, p. 19-24, 1987.

Freire, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Galois, Dominique T. Terras ocupadas? Territórios? Territorialidades? In: Ricardo, F. (Org.) **Terras indígenas e unidades de conservação da natureza: o desafio das sobreposições**. São Paulo, ISA, 2004.

Giddens, Anthony. **Sociologia**. 6 edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

Haesbaert, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à Multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

Headline Brasil. **Ailton Krenak e os indígenas no Brasil**. YouTube, 01 de novembro de 2023. Disponível em: < https://youtu.be/Tgj4FGAT5_M?si=bZwbM3CYFLr-mdPr>. Acesso em: 17 de janeiro de 2024.

Hoernig, A. M. **Diário de bordo desenvolvendo habilidade de atenção e percepção**. Didáticas Específicas, (25), 101–127, 2021. Disponível em: < <https://doi.org/10.15366/didaticas2021.25.006>>. Acesso em 29 de janeiro de 2024.

Little, Paul E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. **Anuário antropológico**, v. 28, n. 1, p. 251-290, 2003.

Malinowski, B. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. Malinowski, Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

Magnani, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 17, p. 11-29, 2002.

Martins, Luis Carlos Sovat; COSTA, Rafael Nogueira. Pular os muros da escola: em busca de territórios, experiências e expansão das imaginações na educação básica. **Anais da ReACT-Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia**, v. 5, n. 5, 2022.

Mills, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1969.

Oliveira, A. M. DE; Gerevini, A. M.; Trohschoein, A. A. G. Diário de bordo: uma ferramenta metodológica para o desenvolvimento da alfabetização científica. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, 10 (22) 119-132, 2017.

Pollak, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

Santos, A. F. DOS. **Diários de bordo: relatórios de uma prática investigativa da subjetividade e do mundo objetivo**. PSICOLOGIA.PT – O Portal dos Psicólogos, 2018. Disponível em:< <https://www.psicologia.pt/artigos/artigos.php?area=d9>>. Acesso em: 17 de janeiro de 2024.

Santos, Milton. **O dinheiro e o território**. In: SANTOS, Milton; BECKER, Bertha; SILVA, Carlos Alberto Franco da; et alii. Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense; Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2002.

Saez Oscar Calavia. **Esse obscuro objeto da pesquisa: um manual de métodos, técnicas e teses em Antropologia**. Florianópolis, UFSC, 2013. Disponível em <https://noticias.ufsc.br/files/2013/09/Esse-obscuro-objeto-da-pesquisa.pdf>. Acesso em: julho de 2023.

Silva Filho. Paulo Roberto De Freitas. **A vida do barro no Alto do Moura: praticando antropologia no Ensino de Sociologia da EJA**, Dissertação (Mestrado em Sociologia) Programa de Pós-Graduação em Sociologia Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2020.

Sociolab-FUNDAJ. **Desigualdades sociais em tempo de pandemia**. 2020. Disponível em: <https://sociolabfundaj.wixsite.com/pibicfundaj4ed>. Acesso em: 12 de julho de 2023.

Sociolab-FUNDAJ. **A escola que temos e a escola que queremos**. 2021. Disponível em: <https://sociolabfundaj.wixsite.com/pibicemfundaj5ed>. Acesso em: 12 de julho de 2023.

Schneider, Sergio. Ciências sociais, ruralidade e territórios: em busca de novas referências para pensar o desenvolvimento. **Campo-território**: revista de geografia agrária. Uberlândia. Vol. 4, n. 7 (fev. 2009), p. 24-62, 2009.

Selvagem ciclo de estudos sobre a vida. **Ailton Krenak e a ideia do antropoceno**. YouTube, 01 de novembro de 2023. Disponível em: <
<https://youtu.be/ZnuUIWA0I24?si=5KgIe3RzWgIx7Aud>>. Acesso em: 17 de janeiro de 2024.

Torres, J.C.; Fernandes, S.A.S.; Silva, C.R.; MORAES, A.I.D. Formação de professores e territorialidade: questões elementares na educação dos povos do campo. **Jornada de Estudos Agrários**, Unesp/Marília, 2014. Disponível em <https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2014/jornadadeestudosagrarios>. Acesso em 24 de fevereiro de 2024.

Zabala, A. **Prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

APÊNDICE

Apêndice 1: Relação dos estudantes que participaram da intervenção pedagógica

Estudante	Idade	Profissão	Turma	Bairro em que reside
Ana Clara do Nascimento Silva	16 anos	Estudante e auxiliar de cabeleireira	2º ano	Cajá
Ana Clara Moureira Nascimento	16 anos	Estudante e Designer de Cílios	2º ano	Veneza
Ariany Sthefany da Silva Santana	17 anos	Estudante	2º ano	Bela Vista
Bruno Miguel Soares da Silva	Anos	Estudante	2º ano	Cajá
Cauan Vinicius do Nascimento Silva	16 anos	Estudante	2º ano	Bela Vista 2
Dandara Beatriz de Santana Leite	17 anos	Estudante	2º ano	Cajá
Darllam dos Santos Lima	15 anos	Estudante	2º ano	Dois terreiros
Diego dos Santos Costa	17 anos	Estudante	2º ano	Alto José Leal
Douglas de Moura Nascimento	17 anos	Estudante	2º ano	Cajá
Emanuelly Vitória da Silva	16 anos	Estudante	2º ano	Cajá
Emanuelly Vitória do Nascimento Duda	19 anos	Estudante	2º ano	Bela Vista
Erica Raissa da Cosa Melo	16 anos	Estudante	2º ano	Bela Vista 2
Evely Camilly Alves de Albuquerque Cunha	16 anos	Estudante	2º ano	Cajá
Fernanda Beatriz do Nascimento Batista	18 anos	Estudante e Jovem Aprendiz	2º ano	Cajá

Huan Victor de Souza Rodrigues	16 anos	Estudante	2º ano	Santana
Isabelly Sales de Oliveira	16 anos	Estudante	2º ano	Águas Claras
Isadora Gueiros de Souza	16 anos	Estudante	2º ano	Águas Brancas
Jamili Marcielly Arantes da Silva	16 anos	Estudante	2º ano	Zona Rural perto de dois terreiros
Joao Gabriel Maximino da Silva Pedroso	16 anos	Estudante	2º ano	Bela Vista
Joao Lucas Correia de Santana Sena	17 anos	Estudante	2º ano	Alto do Zé Leal
João Matheus Chagas Sena	16 anos	Estudante	2º ano	Caíque
Ketlyn Gabriele Sales de Araújo Feitosa	16 anos	Estudante	2º ano	Bairro Nobre
Lais Emanuely de Andrade Almeida	17 anos	Estudante	2º ano	Cajá
Layza da Silva Nascimento	17 anos	Estudante	2º ano	Caíque
Leticia Gabryelli Lins Silva	16 anos	Estudante	2º ano	Sítio do Meio
Luana Menezes Alvares	17 anos	Estudante e estagiária de marketing	2º ano	Livramento
Luana Rafaela Nascimento Silva	17 anos	Estudante	2º ano	Lídia Queiroz
Maria Júlia França Santana	16 anos	Estudante	2º ano	Bela Vista
Maria Rayssa Silvestre Medeiros	17 anos	Estudante	2º ano	Militina
Mauricio Nascimento Arantes	16 anos	Estudante	2º ano	Bela Vista

Mickaely Fontes da Silva	16 anos	Estudante	2º ano	Jardim Ipiranga
Natalia Beatriz Ribeiro Olezskovicz	16 anos	Estudante	2º ano	Haras Bonança
Nayra bezerra Santos	16 anos	Estudante	2º ano	Cajá
Pedro Jorge Fernandes Da Silva	17 anos	Estudante	2º ano	Mãe Rainha
Rayka Vanzeks Candido de Melo	16 anos	Estudante	2º ano	Matadouro
Rayza de Amorim Ramos	17 anos	Estudante, modelo e maquiadora	2º ano	Águas Brancas
Reynnan Rodrigues da Silva	16 anos	Estudante	2º ano	Lagos Redonda
Rodrigo da Silva Estevam	17 anos	Estudante	2º ano	José de Lemos
Rodrigo Severino Alves da Silva	16 anos	Estudante	2º ano	Bela Vista
Sabrina Muniz Vieira	17 anos	Estudante	2º ano	Bairro Nobre
Sarah Danielly de Lima Medeiros	16 anos	Estudante	2º ano	Bela Vista 2
Thayna Cauany de Barros Lins	16 anos	Estudante	2º ano	Bela Vista
Thúlio Gabriel de Santana Silva	17 anos	Estudante e auxiliar de mecânico	2º ano	Bela Vista
Yasmim Marcelly Lima do Nascimento	17 anos	Estudante	2º ano	Jardim Ipiranga

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada **TERRITÓRIOS DE VIDA: PRÁTICAS PARA A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO** como subsídio para as aulas de Sociologia, na modalidade de intervenção pedagógica, sob a responsabilidade da Mestranda Erika de Souza Silva, orientado pelo Prof. Dr. Pedro Castelo Branco Silveira, no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Sociologia (ProfSocio), da Fundação Joaquim Nabuco. Nesta pesquisa será estudado e experimentado, junto com os discentes participantes, um conjunto de atividades pedagógicas a serem desenvolvidas nas aulas de Sociologia do 2º ano do Ensino Médio, do Colégio de Aplicação Bel Mario Bezerra da Silva (CAP), abordando aspectos do território dos estudantes.

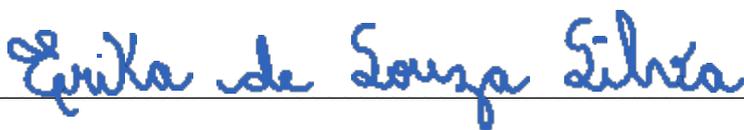
Ao assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido você estará concordando com sua participação nas aulas expositivas, entrevistas individual e coletiva, as quais serão gravadas e filmadas, incluindo autorização para uso das informações coletadas ao longo dessas atividades, que serão transcritas e inseridas na dissertação de mestrado. Da estudante/pesquisadora Erika de Souza Silva. Ressalta-se, ainda, a possibilidade de divulgação de sua imagem em diferentes meios de comunicação utilizados quando da publicação dos resultados da pesquisa e da produção de material pedagógico.

Você não terá nenhum ganho financeiro por participar da pesquisa.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido terá duas vias de igual teor, a serem assinadas no local de realização da entrevista individual, permanecendo uma via com a equipe da pesquisa e outra com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Erika de Souza Silva, (81) 99595-9994.

Vitória de Santo Antão, 06 de Outubro de 2023.



Erika de Souza Silva

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura do Participante

Assinatura do Responsável pelo estudante participante

Apêndice 3: Sequência didática.

DOCENTE: Erika de Souza Silva.

ESCOLA: Colégio de Aplicação Bel Mario Bezerra da Silva (CAP)

TURMA: 2º ano do Ensino Médio

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

O conceito de território apesar de sua importância e contribuição social para a Sociologia é pouco utilizado pelos professores nas aulas da educação básica. Ao observar essa temática percebemos que esse conceito abrange principalmente a vida cotidiana dos estudantes. Sendo assim, houve a possibilidade de abordarmos essa produção através do diário de bordo, metodologia muito utilizada dentro da Antropologia, a partir da construção de um entendimento do conceito território, através do ensino de sociologia, utilizando da imaginação sociológica para construção de criticidade e estranhamento desses territórios de vidas.

TEMA:

TERRITÓRIOS DE VIDA: PRÁTICAS PARA A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

OBJETIVOS

Geral: Desenvolver uma experiência pedagógica que propicie aos alunos se apropriar do conceito antropológico de território, na Sociologia do Ensino Médio.
--

Específicos:

- ❖ Evidenciar para os discentes a importância de entender o território a partir das Ciências Sociais;
- ❖ Produzir conhecimento e reflexão dos discentes sobre seu próprio território;
- ❖ Experimentar a prática de ensino da Sociologia a partir de diário de bordo.

CONTEÚDO:

Territórios de vida: o uso prático do diário de bordo, uma metodologia da antropologia desenvolvido dentro do ensino de Sociologia.

METODOLOGIA:

1º Aula:

Primeiro momento: Aula expositiva e dialogada, iniciada com a provocação com a nuvem de palavras sobre os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o território, em seguida por meio da apresentação de slides, afirmando como a Sociologia aborda esse conceito.

Segundo momento: Explicação como se confecciona um diário de bordo e sua importância enquanto ferramenta metodológica para a Antropologia. Ao final da aula, é desejável que alguns estudantes já tenham criado a capa e feito o primeiro registro no diário de bordo.

2º Aula:

Primeiro momento: Nessa aula, o território vivido será trabalhado com o esboço de um *croqui* feito com cartolina, pelos estudantes, entendendo o território individual e coletivo de cada um integrante do grupo.

Segundo momento: Irei apresentar para eles como fazer uma entrevista.

3º Aula:

Primeiro momento: A aula inicia com as apresentações dos grupos e suas cartolinas, como e quais territórios foram representados? Quais desses territórios se cruzam? Quantas histórias dividem?

Segundo momento: Roda de conversa para escuta e entendimento das entrevistas que foram feitas pelos estudantes.

4º Aula:

Primeiro momento: Utilização da tecnologia digital para favorecer o ensino da Sociologia. Utilizando o Google Maps, os estudantes traçam seu trajeto para a escola, analisando o território em sua volta, bem como os caminhos que se cruzam assim como os lugares. A intenção é que eles entendam o território como fruto das relações sociais.

Segundo momento: No final da aula, solicito que observem a natureza que contribui para a construção e reconstrução desse território.

5º Aula:

Na aula de territórios mais que humanos, a participação e escrita direta das observações feitas nos diários será o lócus de discussão.

1º momento: roda de conversa para os estudantes debaterem sobre o que notaram no caminho para a escola sobre os territórios mais que humanos.

2º momento: como os elementos mais que humanos se relacionam com os seres humanos. Como as ações do antropoceno formam desafios para a proteção da natureza.

6º Aula:

1º momento: no início da aula vou exibir dois vídeos do Ailton Krenak, o primeiro sobre os indígenas no Brasil e o segundo vídeo a ideia do antropoceno.

2º momento: depois de assistirem ambos os vídeos, os estudantes irão debater sobre a territorialidade e pertencimento dos povos tradicionais e indígenas.

7º Aula:

Nessa última aula, irei registrar em fotos todos os diários de bordo, além de escutar a avaliação dos estudantes sobre a sequência didática.

AVALIAÇÃO:

A avaliação será diagnóstica na primeira aula, a partir da segunda aula será formativa e contínua, com atribuições de notas para cada proposta desenvolvida:

Participação, confecção e apresentação do *croqui* = 4 pontos

Exposição da entrevista realizada= 2 pontos

Rodas de conversas e debates= 2 pontos

Utilizando o *google maps* = 2 pontos

Entrega final do diário de bordo = 10 pontos.

Soma total: 20 pontos dividido por dois que será a nota final do IV bimestre dos estudantes.

REFERÊNCIAS:

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças da velhice. São Paulo, TA Queiroz, Ed. Ltda. 1979.

HAESBAERT, Rogério. (2004). O Mito da Desterritorialização. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

HEADLINE BRASIL. Ailton Krenak e os indígenas no Brasil. YouTube, 01 de novembro de 2023. Disponível em: < https://youtu.be/Tgj4FGAT5_M?si=bZwbM3CYFLr-mdPr>. Acesso em: 17 de janeiro de 2024.

Hoernig, A. M. (2021). Diário de bordo desenvolvendo habilidade de atenção e percepção. *Didáticas Específicas*, (25), 101–127. Disponível em: < <https://doi.org/10.15366/didaticas2021.25.006>>. Acesso em 29 de janeiro de 2024.

LITTLE, Paul E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. *Anuário antropológico*, v. 28, n. 1, p. 251-290, 2003.

MILLS, C. Wright. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1969.

SCHNEIDER, Sergio. Ciências sociais, ruralidade e territórios: em busca de novas referências para pensar o desenvolvimento. *Campo-território: revista de geografia agrária*. Uberlândia. Vol. 4, n. 7 (fev. 2009), p. 24-62, 2009.